



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



LETÍCIA DOS SANTOS RODRIGUES

**DISCURSOS DE REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO
JORNAL O PROGRESSO DA DÉCADA DE 1950**

**DOURADOS-MS
2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



LETÍCIA DOS SANTOS RODRIGUES

DISCURSOS DE REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO JORNAL O PROGRESSO DA DÉCADA DE 1950

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito final à obtenção do título de mestre em Letras, área Língua(gens) e Discurso.

Orientador: Marcos Lúcio de Sousa Góis

DOURADOS-MS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R696d Rodrigues, Leticia Dos Santos

DISCURSOS DE REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO JORNAL O PROGRESSO DA DÉCADA DE 1950 [recurso eletrônico] / Leticia Dos Santos Rodrigues. -- 2024.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Marcos Lúcio de Sousa Góis.

Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Análise do Discurso. 2. O Progresso. 3. Gênero. I. Góis, Marcos Lúcio De Sousa. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Lúcio de Sousa Góis
(Presidente)

Prof.a Dr.a Elizete de Souza Bernardes - IFMS
(Membro titular)

Prof. Dr. Losandro Antonio Tedeschi - FCH/UFGD
(Membro Titular)

Prof. Dr. Washington Cesar Shoiti Nozu - FAED/UFGD
(Membro Suplente)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é um testemunho da minha resiliência. Embora o mestrado seja frequentemente descrito como uma jornada solitária, minha experiência foi enriquecida pelo apoio de muitas pessoas incríveis. A estes dois difíceis anos, essas pessoas trouxeram leveza e alegria.

Agradeço profundamente ao meu marido, Marcos Antonio por acreditar em mim até nos dias em que eu mesma duvidava e aos nossos filhos de quatro patas: Rengar, Logan e Raydan, pela companhia incansável. Aos meus pais, Maria Solange e Emanuel Tarso, por confiarem na importância do meu trabalho, mesmo sem compreendê-lo completamente.

Ao meu irmão e melhor amigo, Frank, sou grata por cuidar de mim e me fazer sorrir durante um dos momentos mais difíceis desta jornada. A Isabelle e Luiz, meu casal de amigos favorito, obrigada por me lembrarem da importância de momentos de diversão.

À minha "polefriend" Luciana, agradeço por cada dança, conversa e risada compartilhada, que me ajudaram a seguir em frente. À minha amiga Brenda Natally e a minha colega Larissa Nugoli, sou grata por compartilharem seus medos e dificuldades, mostrando-me que não estava sozinha. De forma geral, agradeço a todos os meus colegas de mestrado da turma de 2022, os “desesperandos” que, mesmo em meio a desespero de prazos e burocracias, estiveram ajudando uns aos outros.

Um agradecimento especial ao Luiz Fernando Roecker, meu amigo e parceiro no mestrado, por ser fonte de luz e inspiração na minha vida. À minha professora e mentora, Alexandra Figueiredo, expresso a minha admiração e gratidão.

Aos avaliadores, Elizete Bernardes e Losandro Tedeschi, meu sincero agradecimento por enriquecerem meu trabalho com suas contribuições valiosas.

Por fim, mas definitivamente não menos importante, um agradecimento especial ao meu orientador, professor Marcos Lúcio. O senhor, temido por muitos alunos, é para mim uma figura fascinante e inspiradora. Sua reputação de rigor e exigência inicialmente me intimidava, mas rapidamente percebi que havia muito mais sob essa fachada temida. Um homem que ama a família, os animais e a profissão. Sua inteligência e paixão pelo conhecimento me transformaram. Obrigada por acreditar em mim, por me orientar e compreender. A você, minha total gratidão.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS

Figura 1: Dia de Verão	11
Figura 2: Organização do jornal	17
Figura 3: Em Ritmo acelerado de progresso	19
Figura 4: Residências Douradenses	19
Figura 5: Club Social de Dourados.	20
Figura 6: Telefones para Dourados	20
Figura 7: e os mortos também	21
Quadro 1: Resultados da Pesquisa Avançada.....	27
Quadro 2: Dados organizados.....	28
Quadro 3: Levantamento das piadas.....	29
Quadro 4: Organização das piadas	30
Figura 8: Temas humorísticos	31
Figura 9: Nilda de Castro	41
Figura 10: Alba Terezinha.....	45
Figura11: Nota de Falecimento de Dona Betinha	56
Figura 12: Criada uma escola de Enfermagem no Hospital Evangélico	59
Figura 13: EDITAL. Banco do Brasil	61
Figura 14: Autorização Marital	63
Figura 15: Esta é a verdade.....	67
Figura 16: Secção Doméstica	70
Figura 17: Humorismo. Homem casado há vinte anos.....	73
Figura 18: Humorismo. Ameaças matrimoniais.....	73
Figura 19: Humorismo. Uma sessão espírita.....	76
Figura 20: Humorismo. Mãe Eva.	77
Figura 21: Humorismo. Fofoqueiras	78
Figura 22: Humorismo. Consumistas	79
Figura 23: Humorismo. Mulher “elegante”	79
Figura 24: Humorismo. “Mulher pendente”	80

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT	7
1 INTRODUÇÃO	10
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA.....	14
2.1 Objetivos da Dissertação.....	23
2.2 Por que um Jornal da Década de 1950?	24
2.3 Metodologia de Pesquisa.....	26
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	33
3.1 Análise do Discurso: Conceitos, Abordagens e Perspectivas.....	33
3.2 Gênero e Discurso: Teorias sobre a Construção de Identidades de Gênero	36
3.3 Representação: um Conceito Multifacetado	42
3.4 A Representação da Mulher na Mídia: Revisão da Literatura sobre os Estudos Anteriores	52
4 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO JORNAL DA DÉCADA DE 1950	56
4.1 Espaços Confinados: a Seção Doméstica e o Reforço das Dinâmicas de Gênero e Raça	69
4.2 Mulheres em Palha Assada.....	72
4.3 Breves Notas sobre o Casamento.....	80
5 CONSIDERAÇÃO FINAL	83
REFERÊNCIAS	86
ANEXOS	91

RESUMO

A pesquisa investiga como *O Progresso* (Dourados-MS) representava as mulheres na década de 1950, período este marcado pelos discursos patriarcais que limitavam as mulheres. Para atingir tal objetivo, o *corpus* é construído a partir da seleção, categorização e análise discursiva de textos que falem de mulheres, publicados entre os anos de 1951 e 1960 por esse jornal e disponíveis no banco de dados do Centro de Divulgação Regional (CDR), ligado à Universidade Federal da Grande Dourados, responsável pela digitalização deste periódico douradense. A questão central desta pesquisa é: “como o jornal *O Progresso* apresentava, na década de 1950, as mulheres e de que maneira, ao longo desse período, os discursos patriarcais se fizeram, direta ou indiretamente, presentes em suas páginas?”. Para responder à questão central deste trabalho, elegem-se três eixos metodológicos: a) seleção de matérias do jornal; b) organização semântica dos dados levantados; c) análise discursiva dos enunciados. Esta será uma pesquisa de tipo explicativa, que recorre à pesquisa bibliográfica e à abordagem qualitativa para tratamento do *corpus* de investigação, tendo como principais expoentes teóricos Michel Foucault, Judith Butler e bell hooks, bem como autores que com estes possuem estreita relação epistêmica. Espera-se que os resultados desta pesquisa contribuam para um melhor entendimento de como foram construídas as identidades femininas do passado e até que ponto elas refletem no presente.

Palavras-chave: Análise do Discurso. O Progresso. Gênero.

ABSTRACT

The research investigates how *O Progresso* (Dourados-MS) portrayed women in the 1950s, a period marked by patriarchal discourses that limited women. To achieve this goal, the corpus is constructed from the selection, categorization, and discursive analysis of texts about women, published between 1951 and 1960 by this newspaper and available in the database of the Regional Dissemination Center (CDR), linked to the Federal University of Grande Dourados, responsible for digitizing this Dourados newspaper. The central question of this research is: "how did the *O Progresso* newspaper present, in the 1950s, women and in what ways, throughout this period, did patriarchal discourses make themselves, directly or indirectly, present in its pages?". To answer the central question of this work, three methodological axes are chosen: a) selection of newspaper articles; b) semantic organization of the data collected; c) discursive analysis of the statements. This will be an explanatory type of research, which resorts to bibliographic research and a qualitative approach for the treatment of the research corpus, with key theoretical proponents being Michel Foucault, Judith Butler, and bell hooks, as well as authors who have a close epistemic relationship with them. It is expected that the results of this research will contribute to a better understanding of how past feminine identities were constructed and to what extent they reflect in the present.

Keywords: Discourse Analysis. O Progresso. Gender

APRESENTAÇÃO

Na infância, me pegava pensando nos motivos que levavam minha família, a escola e a igreja a definirem como eu deveria me portar por ser uma menina. As limitações e estereótipos impostos me frustravam profundamente, e eu sentia uma pontinha de inveja da liberdade que os meninos pareciam desfrutar. Aquela sensação de que algo não estava certo, de que eu não estava plenamente livre para ser quem eu era ou poderia ser, foi crescendo comigo.

Quando ingressei no curso de Letras na Universidade Federal da Grande Dourados em 2017, encontrei uma porta de entrada para entender melhor minhas inquietações. Uma disciplina sobre análise do discurso cruzou meu caminho e, desde o primeiro contato, foi amor à primeira leitura. Ali, percebi que poderia explorar de forma mais profunda as questões de gênero que tanto me intrigavam e desvendar os mecanismos pelos quais a sociedade moldava as identidades femininas.

Minha paixão pelo estudo do discurso não tardou a se transformar em um objetivo maior: Compreender as causas e consequências do que é ser mulher, pelo menos um pouco. Foi com esse desejo que participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC CNPq/UFGD em 2020. Naquele momento, meu foco se direcionou para a organização semântica das cidades, mas não demorou para que meu olhar se voltasse novamente para as questões de gênero.

Enquanto minha trajetória acadêmica avançava, uma certeza se consolidava dentro de mim: precisava compreender melhor a posição das mulheres na sociedade, e isso incluía olhar para minhas antecessoras, entender o que viveram e como foram representadas. A cidade onde cresci e vivi, Dourados, tornou-se o epicentro desse desejo de conhecimento. Queria saber o que governava as normas e valores que moldaram as mulheres douradenses ao longo da história.

No mestrado, em 2022, experienciei momentos únicos, desde as disciplinas até os eventos de que participei. Foi nesta fase da minha vida que surgiu a oportunidade de transformar esse anseio em um projeto de pesquisa concreto. Com foco nas representações das mulheres no jornal *O Progresso* na década de 1950, pude conectar minha jornada pessoal com uma análise mais profunda da mídia e seu impacto na percepção das mulheres na época, que, de certo modo, moldaram a percepção das mulheres de minha vida (avós, mãe, tias) e de tantas outras que nasceram pós-1950. O que antes era apenas uma curiosidade de infância e uma inquietação acadêmica, tornou-se um propósito maior: contribuir para a compreensão de

questões de gênero, de discurso sobre gêneros e lutar por uma sociedade diferente, melhor, menos centrada na figura masculina.

Assim, munida de um compromisso firme em entender o passado para iluminar o presente, embarquei nesta jornada de pesquisa, cuja finalidade é investigar discursos de representações jornalística sobre a mulher, desconstruir estereótipos e preconceitos, e, ao mesmo tempo, revisitar a história e cultura de Dourados, especialmente as vozes silenciadas de mulheres que lutaram e sonharam antes de mim. Nessa jornada, houve desafios, marcados por reformulações de projeto e de ideias, por noites mal dormidas, dias vividos na (in) tensidade, mas também por fortes momentos de aprendizado. Estou disposta a enfrentar os outros desafios que virão com a mesma força que me trouxeram até aqui.

Esta pesquisa é um compromisso comigo mesma, em primeiro lugar, com o firme desejo de que possa ser igualmente um abraçar as mulheres douradenses para que possamos, juntas, construir um mundo menos desigual para nós.

1 INTRODUÇÃO

Um pensamento corrente em discussões a respeito de “gênero” é o de que à mulher foram reservados lugares de sub-representação ao longo pelo menos da história do Ocidente, não importando se em espaços políticos, familiares, religiosos, científicos. Em outros termos, ou a mulher foi tratada historicamente com um sujeito de categoria inferior, ou foi e é tratada como mero objeto do deleite masculino. Não há novidade nessa afirmação. Também não deveria ser desconhecido que, quando em geral se fala de mulher, não se está falando de todas e sempre do mesmo modo: não possuem iguais desejos, vontades, anseios, ambições. Nesse sentido, havemos de considerar uma diferença substantiva quando tratamos de mulheres que habitam os grandes centros urbanos, por exemplo, e aquelas que nunca ou raramente deixaram as terras do interior. Por conta de sua condição de habitantes de localidades afastadas dos movimentos das metrópoles e capitais, moradoras da zona rural ou de pequenas cidades do interior estiveram e estão submetidas de modo mais intenso, desconfiamos, à força de certo discurso “da tradição” que tem no patriarcado religioso sua base de sustentação para valores morais. Por patriarcado compreendemos a “ordem social” que tem, na “dominação masculina”, uma de suas formas de manutenção de si (BOURDIEU, 2012).

Todavia, como sujeitos da e na história, as mulheres têm pelo menos desde o século XX elevado suas vozes para reivindicar correções históricas na “ordem social” ao problematizar o desequilíbrio de gênero que ainda impera em quase todas as esferas sociais (GARCIA, 2015; LIMA, 2005; LERNER, 2019; FELTRIN et al, 2023). Na Apresentação de *História das mulheres no Brasil*, por exemplo, a historiadora e organizadora Mary del Priore, ao analisar a imagem (Figura 1) estampada na capa desse livro, afirma:

Em seu óleo sobre tela, que ilustra a capa deste livro, a brasileira Georgina de Albuquerque pinta, sobre o fundo de cores suaves, uma bela mulher olhando, entre curiosa e pensativa, para trás da cortina. O olhar volta-se, não para o espectador do quadro, mas para algo que não nos é dado ver. Ela bem poderia ser uma de nós, ou uma de nossas avós, desnudando o passado, imaginando o que teria acontecido com tantas outras mulheres que nos antecederam (PRIORE, 2004, p. 7).

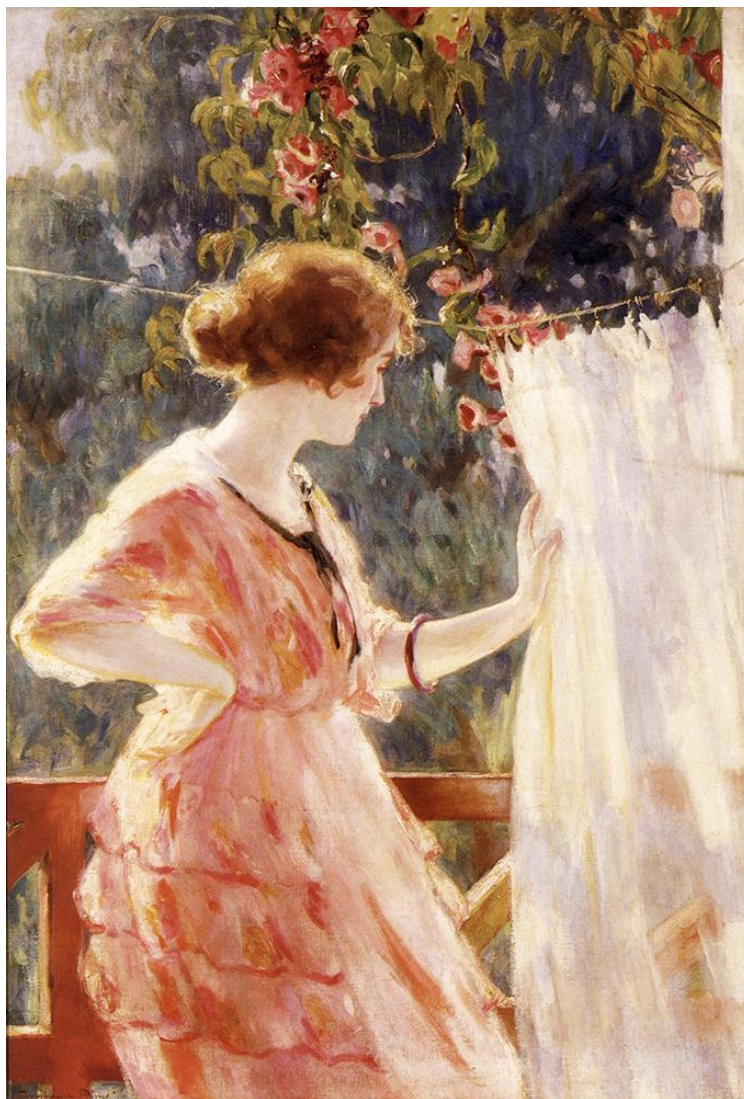


Figura 1: Dia de Verão

Fonte: Coleção MNBA, Rio de Janeiro-Georgina de Albuquerque

É por imaginar “o que teria acontecido com tantas outras mulheres” que surgiu este projeto de pesquisa. Esta pesquisadora, moradora de uma cidade do interior do interior do Brasil, quer compreender, no seu território, aquilo que “não nos é dado ver”. Quer “olhar para o passado”. Para tanto, propôs investigar o principal jornal da cidade de Dourados, situada na região sul do estado de Mato Grosso do Sul, buscando compreender que “mulheres” ocupam suas folhas na década de 1950 e, ao “olhar para passado”, que discursos constroem a mulher douradense da metade do século XX, de modo particular, em (contra)posição ao chamado discurso feminista emergente.

Ao compreender as significações e as representações dos discursos que circulavam no jornal *O progresso*, o mais importante da região, esta pesquisa se orienta por estes procedimentos: primeiramente, mapeamos o jornal *O Progresso*, compreendendo o período

de 1951 a 1960, em busca de matérias sobre a participação das mulheres em acontecimentos sociais, contrapondo-as com outras materialidades sempre que necessário. Queríamos com isso identificar como as mulheres brancas, negras e indígenas foram retratadas em diferentes contextos, eventos e espaços de Dourados da década de 1950, a fim de captar nuances e divergências nas representações. Em seguida, identificamos as regularidades e as dispersões discursivas em relação às mulheres, ou seja, buscamos compreender possíveis padrões recorrentes nos discursos jornalísticos acerca das mulheres e quais foram as principais variações e contradições presentes nas narrativas. Por fim, após proceder a um recorte nos dados construídos a partir de *O Progresso*, examinamos discursivamente os enunciados tendo, em contraposição, o discurso feminista em ascensão na primeira metade do século XX. Ao comparar o que foi veiculado no jornal com as ideias e perspectivas feministas da época, desejávamos compreender como essas visões se interligavam e se confrontavam a partir de certa concepção de “problema” atrelado às mulheres.

No prefácio da obra *Problemas de Gênero*, Judith Butler, ao refletir sobre o conceito “problema”, afirma:

No discurso vigente na minha infância, criar problema era precisamente o que não se devia fazer, pois isso traria problemas para nós. A rebeldia e sua repressão pareciam ser apreendidas nos mesmos termos, fenômeno que deu lugar a meu primeiro discernimento crítico da artimanha sutil do poder: a lei dominante ameaçava com problemas, ameaçava até nos colocar em apuros, para evitar que tivéssemos problemas. Assim, concluí que problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los (BUTLER, 2018, p. 7).

Assim como enfatizado por Butler, reconhecemos que os desafios são uma parte inevitável da vida e podem servir como oportunidades para aprimorar nosso entendimento e conhecimento da realidade. Dentro dessa perspectiva, o foco desta pesquisa é explorar uma questão central: como o jornal *O Progresso* apresentava, na década de 1950, as mulheres e de que maneira, ao longo desse período, os discursos patriarcais se fizeram, direta ou indiretamente, presentes em suas páginas?

O trabalho que buscou construir uma resposta para tal pergunta está diluído nos capítulos que compõem esta dissertação, que se organiza da seguinte forma: no primeiro capítulo, “Contextualização do tema e relevância da pesquisa”, apresentamos os objetivos deste trabalho, o motivo que nos levou a escolher um jornal local da década de 1950 e como tratamos nossos dados. No capítulo 2, “Fundamentação Teórica”, apresentamos conceitos, abordagens e perspectivas da análise do discurso, teorias sobre a construção de identidades de

gênero, o conceito de representação e uma revisão da literatura sobre estudos anteriores. Por fim, no último capítulo, “Análise das representações da mulher no Jornal da década de 1950”, investigamos como as representações da mulher em *O Progresso* contribuíram, reforçaram e/ou amplificaram a normatização e o controle dos comportamentos e papéis sociais femininos em Dourados e região naquela época, considerando tanto a perspectiva de Michel Foucault quanto de estudos feministas centrados nesse autor.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA E RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Michel Foucault defendia não ser fácil dizer coisas novas. Isso porque as relações de poder que engendram nossas sociedades fixam igualmente as fronteiras do dizer, e isso porque o poder molda o que podemos e não podemos dizer. Em outros termos, as estruturas de poder presentes em nossas sociedades, como as instituições, leis e normas sociais, determinam quais discursos são considerados válidos e quais são marginalizados ou silenciados.

Para Foucault, os discursos são produtivos se e quando obedecerem a certas condições de sua existência, de seu aparecimento histórico. Segundo esse autor, “Não se pode falar em qualquer época de qualquer coisa; não é fácil dizer qualquer coisa que seja nova” (FOUCAULT, 1996, p. 61). Ao mesmo tempo em que há certas “amarras” impedindo indivíduos de dizerem algo plenamente original, a enunciação que levou à emergência de um enunciado, por não ser repetível, torna o enunciado um acontecimento raro, e essa raridade faz com que o enunciado, embora possa ser repetido, não produz os mesmos sentidos se suas condições de produção mudarem. Por condições de produção, Foucault compreendia o conjunto de elementos e contextos sociais, históricos, políticos e econômicos que moldam e influenciam a produção do conhecimento, das ideias e dos discursos em uma determinada sociedade em um determinado momento. Por isso que o sujeito, ao dizer, é livre, pois o que foi dito, foi dito por um sujeito livre, situado em um tempo e espaço definidos; sujeitos esses capazes de, diante das possibilidades de dizer, fazer escolhas (FOUCAULT, 1996).

Como campo de produção de discursos, o jornalismo opera com o objetivo de, ao mesmo tempo, apropriar-se de certas ideias e, ao difundi-las, construir "verdades" a respeito de certas "coisas". Neste sentido, o jornal é aqui encarado como lugar privilegiado para se problematizarem as formas como, num determinado contexto sócio-histórico, por exemplo, a cidade de Dourados da década de 1950, sujeitos falam e constroem imagens de si e do outro. A escolha de uma mídia local se justifica por ela desempenhar um papel crucial na informação e no acesso à notícia para as comunidades em uma dada localidade ou região (PERUZZO, 2005). Segundo essa autora, a mídia local tem o poder de gerar uma conexão mais próxima e significativa com o público, ao ancorar-se nas realidades e identidades locais. Assim, a influência de interesses políticos e econômicos dos detentores do poder local e dos proprietários da mídia pode levar a um tratamento tendencioso da informação ou mesmo à omissão de fatos relevantes. Essas relações tornam-se mais intensas na mídia local onde “a ligação do jornal com os políticos da região não é, propriamente, de cunho partidário, mas de

envolvimento com quem está no exercício do poder” (PERUZZO, 2005, p.80).

Dito isso, assumimos nesta pesquisa que trabalhar com o jornalismo local nos permitiu questionar seus discursos e seus sujeitos, mas também entender a realidade local no que diz respeito às mulheres. De modo específico, permitiu-nos, diante de algo dito sobre as “mulheres”, questionar quais condições fizeram emergir o enunciado concreto jornalístico.¹

O discurso não é aqui a manifestação plenamente consciente de "um sujeito que pensa, que conhece, e que diz" (FOUCAULT, 1996, p. 61), ou seja, o discurso não é uma expressão direta e transparente do pensamento individual. Para Foucault, o discurso é algo mais complexo que isso: ele é uma produção social, moldado por relações de poder e saber que circulam na sociedade. Para se analisarem discursos, portanto, precisamos destacar as práticas (discursivas e não discursivas) que fazem ganhar forma determinado objeto e não outro:

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa "dizer alguma coisa" [...] essas condições [...] são numerosas e importantes. [...] o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade. [...] [o objeto] existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações (FOUCAULT, 1996, p. 51).

Portanto, como podemos deduzir, o discurso não é uma expressão individual, mas sim uma produção social, moldado por relações de poder e saber. É importante estarmos conscientes dessas relações para compreendermos melhor como o discurso funciona e como ele pode ser utilizado para diferentes fins. Ao realizar a análise de um periódico impresso, situando na cidade de Dourados – MS, década de 1950, observamos assim como o jornal difunde determinado acontecimento a respeito da “mulher”, como produz narrativas a respeito da “mulher” que acabam por marcar o corpo feminino, que “mostra ou produz sua significação cultural” (BUTLER, 2018, p. 201). Foucault diz ainda que o objeto "não preexiste a si mesmo" (FOUCAULT, 1996, p. 51), e isso significa que o dito e não-dito obedecem a um conjunto de relações "estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização (p. 51), etc., e são essas “relações” que instigam nosso interesse de investigação.

O Jornal *O Progresso* é um veículo de comunicação da cidade de Dourados presente

¹ Por enunciado concreto, estamos entendendo a materialização singular da língua em um contexto específico, ou seja, a fala ou a escrita de um indivíduo em um determinado momento e lugar, com todas as suas marcas sociais, históricas e ideológicas. Sendo assim, a produção individual e irrepetível do discurso, marcada pelas condições sociais, culturais e ideológicas do sujeito que o profere.

desde a década de 1950. Com edições semanais na época, estruturando em geral em quatro ou seis páginas², o jornal buscava acompanhar a dinâmica do crescimento e desenvolvimento da região, narrando os acontecimentos conforme as orientações de seu fundador, Weimar Torres, e, assim, tornando-se uma referência para a comunidade local.

Desde a sua primeira edição, o jornal já apresentava o *slogan*: "O Progresso: pensamento e ação por uma vida melhor". Essa frase reflete não apenas a missão do periódico de ir além de apenas relatar os acontecimentos diários, mas também de se posicionar como um veículo comprometido com certa perspectiva de mudanças e de melhorias para a sociedade douradense. Ernandes (2009, p.61) afirma, por exemplo, que o *slogan* desse periódico reafirma a sua autoridade de imprensa liberal no que tange ao pensar e ao agir centrada na figura do Weimar Torre, fundador e diretor do jornal. Por outro lado, esse slogan também nos faz questionar que pensamentos e ações seriam esses e uma vida melhor para quem. Devemos ressaltar que a década de 1950 foi marcada por intensas transformações e anseios por modernização, sendo assim o jornal foi não apenas um relator de fatos, mas um protagonista ativo em moldar a opinião pública local. O "pensamento" do jornal estava ligado às correntes liberais e progressistas da época, almejando uma sociedade mais informada e engajada politicamente. Simultaneamente, as "ações" implicadas pelo jornal podem ser entendidas tanto em suas campanhas jornalísticas quanto em seus apoios a movimentos ou causas específicas, atuando como um agente de mudança social ao compartilhar reflexões e opiniões sobre reformas sociais, econômicas e políticas. Ao questionarmos "uma vida melhor para quem?", criticamos o alcance e impacto dessas iniciativas (de pensamento e ação). Este slogan, embora otimista, carrega em si as nuances e limitações do período histórico em questão. Em um momento em que as dinâmicas de gênero, classe e raça estavam em plena evolução, é essencial questionar quais grupos se beneficiaram dessas promessas de "vida melhor". Frequentemente, os avanços e melhorias sociais eram direcionados a uma parcela específica da população, refletindo as estruturas de poder e exclusão vigentes. Investigar a quem o jornal se dirigia com a promessa de uma "vida melhor" ajuda-nos a entender as dinâmicas de inclusão e exclusão presentes na sociedade douradense.

No que se refere à organização do jornal, conforme ilustrado na Figura 2, ela não é muito diferente de outros jornais da época: a primeira página dava lugar à manchete, na qual havia destaque para uma chamada, geralmente em fonte maior e em negrito, acompanhada por um resumo da notícia. Logo abaixo, havia informações sobre a data, local e número da edição,

² Em edições especiais como a de Tiradentes, publicada no dia 21 de abril de 1953, chegou a ter 12 páginas.

além do nome do diretor do jornal, Weimar Torres, do gerente, Neurestides Brandão, e do redator chefe, J.A Capilé Júnior. Nessa mesma primeira página, era comum haver um texto escrito pelo próprio diretor do jornal, Weimar Torres, que apresentava uma perspectiva pessoal sobre os acontecimentos locais, regionais e nacionais. Outras notícias sobre a cidade de Dourados e das pequenas cidades vizinhas também foram apresentadas nesta seção.



Figura 2: Organização do jornal
Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Conforme avançávamos para as páginas seguintes, diversas seções e propagandas ganhavam espaço no jornal. Entre elas, destacava-se a coluna “O que fazem os vereadores”, que trazia atualizações sobre as reuniões e propostas políticas discutidas na Câmara Municipal. As propagandas, editais da prefeitura e anúncios de comércio locais revelavam a relevância do jornal como uma plataforma comercial e administrativa na cidade. Observando essa organização, concordamos com Peruzzi (2005, p.76), para quem as mídias regionais quase sempre “abordam assuntos que afetam diretamente a vida das populações em seu local de moradia e na vida cotidiana, a partir da mobilização social.”. A partir da segunda página, o jornal oferecia conteúdos de natureza literária e culturais, como crônicas, contos e relatos, que buscavam entreter os leitores e informá-los sobre assuntos diversos. Entre as seções estava a

"Doméstica", que trazia receitas e dicas de limpezas, e "Viajantes", que informava sobre douradenses que estavam indo viajar ou sobre visitantes de outras regiões. Também era possível encontrar uma seção destinada ao humor, até 1958 intitulada "Palha Assada", depois "Humorismo" e, em 1960, passou a se chamar "Mundo humorístico", que traziam textos de humor para o público leitor. Havia também a coluna "Você Sabia", com curiosidades do mundo, enquanto a seção "Trampolim de Notícias" trazia informações sobre acontecimentos nacionais e internacionais.

Em 1954, entrou a seção "Esportes", que abordava notícias sobre futebol e outras atividades esportivas locais e nacionais. A "Coluna Católica" também foi adicionada neste período, marcando a influência religiosa cristã no periódico. Em 1955, com a entrada do novo prefeito, o "Boletim Diário da Tesouraria" passou a ser veiculado pelo jornal, informando sobre a gestão pública e o uso de recursos municipais.

A forma como o jornal estava organizado já nos permite visualizar um periódico ao mesmo tempo tradicional, focado em valores familiares e religiosos, e moderno, atinando com questões políticas e econômicas locais, nacionais e internacionais. Assim, *O Progresso* buscava desde a fundação se consolidar como uma peça-chave na disseminação geopolítica da época, apresentando certa visão de mundo e ajudando a construir e reforçar uma identidade e uma cultura douradense tradicionais.

A década de 1950 no Brasil é conhecida como "Os anos dourados", que diz respeito principalmente ao otimismo pós II Guerra Mundial que se disseminou pelo Ocidente (PINSKY, 2014). Como o Brasil estava ao lado dos países considerados vencedores, o medo da escassez dava lugar ao espírito de boas novas: "nos anos 1950, o Brasil ingressa numa fase de desenvolvimento mais acelerado. A urbanização e a industrialização avançam com vigor" (PINSKY, 2014, n.p)³. Embora a autora destaque que as transformações se concentram principalmente em São Paulo, as páginas de *O progresso* registraram mudanças significativas nesta cidade interiorana chamada Dourados, conforme destacamos nas figuras de três a sete. Vejamos alguns exemplos:

³ Por esta obra ser um e-book, que acesso pelo kindle nuvem (aplicativo da *Amazon*), ela está em um formato que não possui paginação. Pesquisei soluções no Fórum digital e de dispositivos da *Amazon* e encontrei uma outra pessoa com o mesmo problema que o meu, a resposta da assistente *Amazon* foi "É possível sim ver o número da página no dispositivo Kindle. No entanto, nem todos os livros são compatíveis. As editoras decidem no momento de publicar o eBook se esta opção estará disponível ou não." No caso do livro da Pinsky (2014), a editora optou por não paginar e apenas mostrar a "posição" que aquele parágrafo se encontra no aplicativo. Disponível em: <<https://br.amazonforum.com/s/question/0D54P0000808xnRSAQ/o-meu-kindle-n%C3%A3o-aparece-o-n%C3%BAmero-da-p%C3%A1gina-do-livro-somente-n%C3%BAmero-da-posi%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-poss%C3%ADvel-mudar-para-que-apare%C3%A7a-a-p%C3%A1gina>> Acesso em: 20.jul.2023

alvenaria, e no cotidiano dos douradenses. O pequeno texto no rodapé da última imagem reforça essa afirmação:

Eis aqui quatro aspectos de modernas e confortáveis residências, das que, em todos os quadrantes da cidade, vão surgindo, numa demonstração autêntica do vertiginoso progresso douradense. As fotos acima são, pela ordem 1) Residência do Ren John M. Sydenstricker pastor da igreja Presbiteriana nesta cidade; 2) Residência ampla e moderníssima do Sr. Adorando Pissini cirurgião dentista; 3) Residência do abastado fazendeiro Zeferino Vicente de Almeida; 4) Residência do Sr. José Gonçalves, construtor.

O termo “progresso”, portanto, constantemente utilizado pelo jornal, parece reforçar a perspectiva de otimismo trabalhada por Pinsky (2014). As residências modernas e confortáveis querem simbolizar a ascensão da qualidade de vida na cidade, como que abandonando um passado de antigas formas de construção civil. Devemos levar em consideração, todavia, que esse visível “progresso” foi bem mais fácil para quem já possuía certo prestígio social.

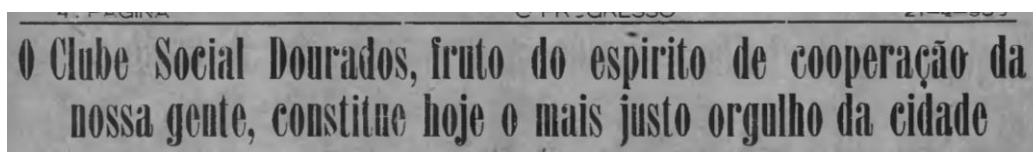


Figura 5: Club Social de Dourados.

Fonte: *O Progresso*, 21 de abril de 1953. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

O jornal também deu destaque ao "Clube Social de Dourados" (Figura 5), enfatizando-o como “o mais justo orgulho da cidade”. Esse clube foi frequentemente sede de importantes festas e comemorações, simbolizando a consolidação da vida social e cultural em Dourados. Apesar de o clube ser referenciado como sendo o resultado da “cooperação de nossa gente”, insinuando com “cooperação” e “nossa” certa coletividade harmoniosa, o fato é que somente usufruíam de sua estrutura e de suas ações a elite douradense: “O Clube Social de Dourados procurou congregar em seu corpo de membros os cidadãos mais ilustres, aqueles que podiam comprar o título, frequentar as festas e desfrutar dos benefícios de sócio” (ERNANDES, 2009, p. 66).

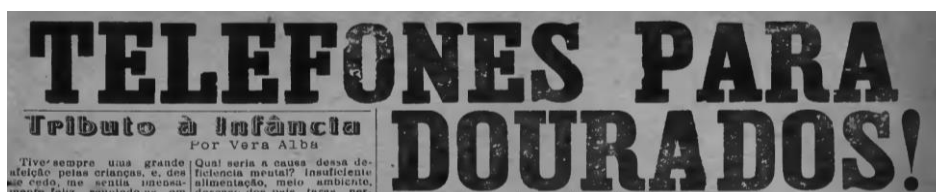


Figura 6: Telefones para Dourados

Fonte: *O Progresso*, 19 de outubro de 1952. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

A notícia sobre a chegada dos telefones a Dourados destaca um progresso tecnológico significativo para a época. A disponibilidade deste serviço de comunicação representou a integração da cidade aos grandes centros urbanos, mostrando assim que Dourados estava em franca prosperidade. A novidade do telefone não foi a única que movimentou as páginas do jornal. Havia destaque em suas páginas para a chegada de banco, de usina hidroelétrica, da aviação comercial, dos Correios e de inúmeros comércios que se faziam presentes nas propagandas do jornal.

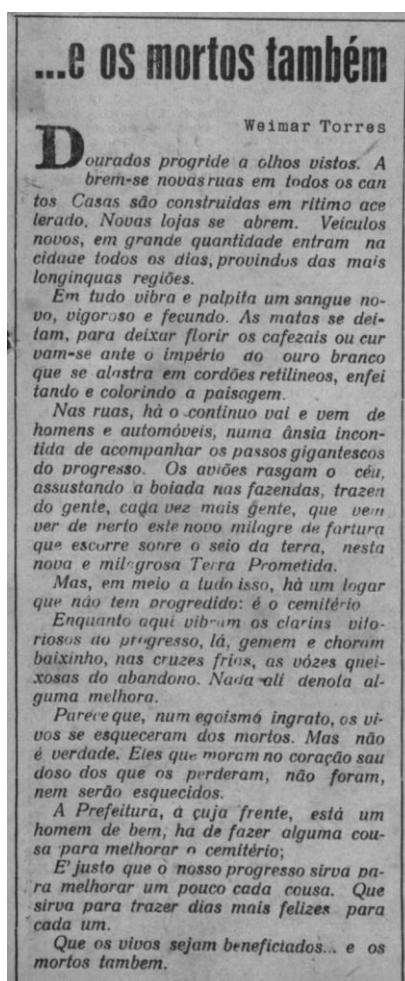


Figura 7: e os mortos também

Fonte: *O Progresso*, 09 de setembro de 1951. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

Os primeiros parágrafos deste texto escrito pelo Weimar Torres indicam, na perspectiva do autor, uma Dourados em acelerado crescimento, e eis alguns sinais apresentados pelo jornal: novas ruas, progressiva construção de casas e lojas e a presença de veículos modernos vindos de diversas regiões, corroborando, novamente as afirmações de Pinsky (2014) sobre a modernização das cidades e a urbanização serem características

marcantes desse período. Apesar de a autora citar o Brasil de forma geral, afirmando que essas mudanças ocorriam principalmente nos grandes centros urbanos, e, apesar de Dourados situar-se na região sul à época do estado de Mato Grosso, portanto, longe de ser uma cidade de relevante interesse político-econômico nacional, o fato é que também ela estava envolvida nesse progresso que se espalhava pelo país (ERNANDES, 2009).

Weimar Torres, ao descrever o intenso movimento nas ruas, menciona apenas “homens e automóveis”. As palavras sugerem que, em uma discussão sobre progresso, apenas os homens e os veículos são destacados, reforçando o discurso dominante de que o progresso é uma conquista masculina. Ademais, as formas como os papéis de gênero estão implícitos no pensamento do Torres mostra o quando ele contrasta o progresso, descrito de forma masculina como “sangue novo, viril e fecundo”, com a natureza, retratada como uma “terra prometida” feminina. Este contraste evoca a noção de domínio e conquista, em que o avanço civilizatório, simbolizado pelo cultivo do café, é visto como uma força masculina que domina e transforma a natureza, uma entidade feminina. Essa ideia de progresso como o domínio do homem sobre a natureza não é nova, remonta, de forma sistematizada, a pelo menos Francis Bacon em seu *Novum Organum* (1997), publicado inicialmente em 1620. Para Bacon, a natureza (feminina) é a fonte de conhecimento e a base da ciência, além de uma força poderosa que precisa ser dominada pelo homem para usá-la como serva da humanidade. Suas ideias influenciaram diversos pensadores nos séculos posterior, como Thomas Hobbes e John Locke, inclusive aqueles que se dedicaram ao método científico (OLIVEIRA, 2010). Assim, o texto de Torres sugere uma dinâmica de poder onde o masculino subjuga o feminino, uma metáfora do progresso impondo-se sobre a natureza.

Apesar do otimismo e dos avanços, Dourados não escapava de enfrentar seus problemas, como lemos no texto de Weimar Torres, que mostra a contradição entre o progresso da cidade e o abandono de seus mortos. O “cemitério” nos convida a refletir sobre as desigualdades sociais e os desafios enfrentados pela cidade naquele contexto. Político local e dono do jornal *O Progresso*, Weimar Torres apela para a melhoria do cemitério municipal, para isso, contrapõe o novo e o velho; a vida e a morte; masculino e o feminino.

Ao observarmos os avanços que ocorreram em Dourados durante a década de 1950, identificamos um discurso de “progresso” que assinala a mentalidade positivista e a lógica instrumental enraizadas na época, intimamente ligada ao conceito de avanço constante em direção a um Estado melhor, mais desenvolvido e desejável, e, logo, a uma vida melhor para todos. Theodor W. Adorno (1992) fala sobre o “progresso”, que trabalhamos mais adiante. Por enquanto, basta dizer que, para esse autor, progresso enquanto um conceito é complexo e

multifacetado, sendo impossível defini-lo de forma precisa, especialmente quando consideramos a miséria e as carências sociais existentes. Tal assertiva nos faz concluir que esse “progresso” usado pelo jornal escamoteia a ambivalência própria que rege a sociedade moderna e a economia capitalista (BAUMAN, 1999), e se centra apenas em sua positividade.

2.1 Objetivos da Dissertação

O objetivo geral da pesquisa foi compreender como o jornal *O Progresso* representava as mulheres na década de 1950 em Dourados – MS, considerando o contexto histórico da época e confrontando essas representações com os discursos feministas do século XX. Para alcançar esse objetivo, delineamos os seguintes objetivos específicos: a) Mapear minuciosamente o conteúdo do jornal *O Progresso* da década 1950, buscando por matérias que abordassem a participação de mulheres em diversos acontecimentos sociais. Essa busca permitiu-nos confrontar essas representações com outras materialidades e perspectivas, enriquecendo a análise e a compreensão das representações femininas presentes no jornal. b) Identificar as regularidades e dispersões discursivas encontradas no jornal *O Progresso* de 1950 em relação às mulheres. Ao analisar os enunciados, identificamos alguns padrões e repetições nessas representações de mulheres, bem como as divergências ou contradições existentes em diferentes contextos e seções do jornal. c) Realizar uma análise discursiva detalhada dos enunciados sobre mulheres presentes no jornal *O Progresso* de 1950, contrapondo-os ao discurso feminista do século XX. Essa análise nos permitiu compreender como as representações de mulheres veiculadas pelo jornal dialogavam ou divergiam do movimento feminista e das lutas por igualdade de gênero que marcaram o século XX.

Buscamos com esses objetivos um maior entendimento sobre os discursos jornalísticos da década de 1950 que tratam das mulheres, bem como para o enriquecimento das discussões sobre gênero, discurso e poder, trazendo à luz reflexões importantes a respeito da construção da identidade feminina e das transformações sociais ao longo do tempo.

Por esta pesquisa, alcançamos um entendimento particular dos discursos jornalísticos da década de 1950 relacionados às mulheres, explorando não apenas como esses discursos eram construídos, mas também como eles refletiam e influenciavam a sociedade da época. O jornal *O Progresso*, com sua rica coleção de artigos, anúncios e colunas, serve como uma espécie de janela para o passado, oferecendo insights valiosos sobre as percepções e as representações da identidade feminina em um período crucial da história brasileira.

2.2 Por que um Jornal da Década de 1950?

A escolha por trabalhar com um jornal da década de 1950 se fundamenta na relevância histórica e cultural de *O Progresso* e sua época de fundação. O período compreendido entre 1950 e 1960 foi marcante no cenário brasileiro, caracterizado por profundas transformações sociais, políticas e econômicas. Como já revelado pela Pinsky (2014) e por outras autoras⁴, como Alvarez (2017), Oliveira (2015) e Mittanck (2017). Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o Brasil passou por um acelerado processo de urbanização e industrialização, com o crescimento das cidades, o consequente esvaziamento do campo e o surgimento de novas oportunidades econômicas.

Ao falar sobre a terceira onda do feminismo, essa que defendia as mulheres brancas e burguesas, Garcia (2015) diz que, tão logo terminou a Segunda Guerra, as mulheres

[...] tiveram que voltar para casa. Hitler havia perdido, mas o discurso nazista sobre as mulheres, os célebres KKK alemães (Kinder, Kirche, Kurcher, que significam crianças, igreja e cozinha), se estendeu praticamente pelo mundo todo. [...] As mulheres foram dispensadas de seus empregos para dar lugar aos homens que voltavam da guerra. A sociedade do consumo que estava nascendo necessitava de muitas mulheres dispostas a comprar. [...] Um papel opressivo havia se imposto às mulheres (GARCIA, 2015, p.80-81).

O discurso de gênero arraigado, baseado na submissão feminina ao lar, à igreja e às tradições foi potencializado. As mulheres foram abruptamente dispensadas de seus empregos para cederem espaço aos homens que retornavam da Guerra (GARCIA, 2015). A emergente sociedade de consumo, ávida por novos consumidores, explorou a figura feminina como uma compradora “do lar” em potencial, limitando as oportunidades (políticas, econômicas, acadêmicas) das mulheres. Contudo, é crucial reconhecer que essa realidade não se aplicava de forma homogênea e nem a todas as mulheres. Para as mulheres negras, a narrativa era diferente, como destacado por Angela Davis (2016) em sua obra *Mulheres, raça e classe*. Ela argumenta que, para essas mulheres, o trabalho fora do lar sempre foi uma constante, predominantemente em empregos domésticos e de baixo status. As mulheres negras, ao contrário das mulheres brancas, estiveram historicamente confinadas a trabalhos precários, longe de serem consideradas como parte do idealizado retorno ao lar. Davis enfatiza que “Se

⁴ Trabalhamos essas autoras no subcapítulo “A representação da mulher na mídia: revisão da literatura sobre estudos anteriores”.

as mulheres brancas nunca recorreram ao trabalho doméstico, a menos que tivessem certeza de não encontrar algo melhor, as mulheres negras estiveram aprisionadas a essas ocupações até o advento da Segunda Guerra Mundial” (DAVIS, 2016 p. 102). Esta afirmação apresenta uma realidade na qual as experiências de gênero são inseparáveis das dinâmicas raciais e de classe. Ou seja, numa perspectiva crítica, a experiência feminina não pode ser entendida como um fenômeno homogêneo, dado que as mulheres não são um grupo homogêneo. As vidas das mulheres são moldadas por múltiplas estruturas de poder, incluindo racismo, classismo, heterossexismo, dentre outros.

Considerando o contexto histórico e social de Dourados de 1950, estudar *O Progresso* dessa década é imprescindível para compreendermos como a mídia local construía uma narrativa de sociedade e qual papel (ou papéis) reserva às mulheres nesse período de contradições e transformações.

Ao analisar os enunciados presentes no jornal, trabalhamos as representações femininas construídas no periódico, confrontando-os com os discursos feministas do século XX. Essa investigação toca, assim, nas relações de poder-saber que se manifestavam na mídia local e como elas influenciavam as percepções e papéis sociais atribuídos às mulheres em Dourados e região. Apesar de nossa hipótese ser a de que, apesar de haver pouca diferença na forma como a mulher é retratada em mídias nacionais ou em mídias regionais, a relevância da mídia local reside no fato de ser um espelho mais próximo da realidade vivenciada pelas comunidades. Isso ocorre porque, pela perspectiva aqui adotada, a mídia local tem uma vantagem em apresentar com mais precisão a realidade e as experiências das comunidades locais. Ou seja, mesmo que as representações de gênero possam ser semelhantes entre mídias de diferentes escalas, a mídia local ainda desempenha um papel vital como uma espécie de vitrine fiel das questões e preocupações enfrentadas pelas pessoas em nível comunitário. Isso implica que a mídia regional pode ser mais sensível às necessidades e contextos específicos das comunidades locais, contribuindo para uma representação mais autêntica e relevante das mulheres e de outras questões sociais.

Como dito anteriormente, a década de 1950 foi marcada por padrões rígidos de comportamento social, especialmente em relação às mulheres, que eram frequentemente submetidas a papéis estereotipados e restritivos. Com nosso trabalho, compreendemos um pouco melhor como os discursos midiáticos contribuíram para tornar normal certos papéis destinados a mulheres, limitando-lhes outros horizontes, e para controlar essas práticas sociais em Dourados.

Outra justificativa importante para este trabalho é que ele contribui para a história

local ao resgatar aspectos importantes da vida cotidiana da época, identificando eventos, personalidades, anúncios e debates que compuseram a tessitura social do município. Além disso, ao falar das mulheres retratadas pelo jornal, resgatamos suas vivências, lutas e conquistas, ampliando o conhecimento sobre a participação feminina na construção da história da cidade.

Por fim, a escolha do jornal da década de 1950 está intrinsecamente relacionada com a compreensão das relações de poder-saber imbricadas nas representações midiáticas. Analisar discursivamente o que está presente nas páginas de *O Progresso* nos permitiu investigar como o poder se manifestava na construção das narrativas sobre as mulheres, quem detinha o poder de falar e determinar suas representações e como essas representações contribuíam para perpetuar ou subverter normas de gênero estabelecidas.

O presente estudo mergulha com seus instrumentos para compreender que a mulher da época 1950, entender suas relações com os discursos feministas do século XX e contribuir para uma análise aprofundada das mudanças e permanências nas representações de gênero ao longo do tempo.

2.3 Metodologia de Pesquisa

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem metodológica baseada em pesquisas bibliográficas e documental, complementadas por uma perspectiva dos estudos discursivos, embasada em teorias de Michel Foucault e de outros pensadores contemporâneos. O objetivo, como já mencionado, foi compreender como as mulheres eram representadas no contexto jornalístico, social e cultural da época, analisando os discursos presentes nas publicações do referido jornal. O *corpus* da pesquisa foi construído, assim, por meio da seleção, categorização e análise discursiva de textos que abordaram temas relacionados às mulheres, utilizando como banco de dados o Centro de Divulgação Regional (CDR), vinculado à Universidade Federal da Grande Dourados, onde se encontram digitalizados, separado por pastas (uma para cada ano), *O Progresso* do período de abril de 1951 a agosto de 1960⁵. Para que pudéssemos acessar os jornais digitalizados, foi preciso utilizar um aplicativo de leitura de pdf. O escolhido por nós foi o *Adobe Acrobat Pro DC* utilizado pelo

⁵ O jornal *O Progresso* começou a circular em Dourados no dia 21 de abril de 1951 e a última edição digitalizada foi a de 28 de agosto de 1960. De 1952 até 1956, houve publicações em todos os meses do ano. Em 1957, de fevereiro a dezembro. Em 1958, de março a dezembro. Em 1959, todos os meses. Em 1960, de janeiro a agosto, excetuando julho.

CDR, que possui a função de “Pesquisa Avançada”. Esse tipo de função permite que o pesquisador ou pesquisadora, por meio de um descritor, faça pesquisas mais rápidas e precisas de acordo com a sua necessidade. Ao utilizar o descritor “mulher” na barra de pesquisa avançada do aplicativo *Adobe Acrobat Pro DC*, pesquisando individualmente na pasta de cada ano, ele nos retornou um conjunto significativo de documentos com a aparição de várias instâncias⁶. Vejamos o quadro:

Quadro 1: Resultados da Pesquisa Avançada

RESULTADO PESQUISA AVANÇADA DESCRITOR: “MULHER”		
Ano	Documentos	Instâncias
1951	16	23
1952	12	30
1953	16	22
1954	21	33
1955	18	31
1956	10	20
1957	5	10
1958	30	62
1959	22	50
1960	12	29

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Esses resultados iniciais, por mais promissores que pareceram à primeira vista, ao serem verificados minuciosamente, não eram precisos. Conseguimos perceber, por exemplo, que eles pouco diziam sobre as mulheres; um texto pode perfeitamente estar se referindo às mulheres sem mesmo citá-las. Ou seja, o uso do descritor “mulher” não era o suficiente para uma análise discursiva. Conforme Foucault (2008) pontua em *A Arqueologia do Saber*, precisávamos em nossa pesquisa compreender as regularidades e irregularidades que permeiam o discurso para desvendar as estratégias discursivas empregadas na construção da representação da mulher. Então, percebemos que devíamos fazer uma leitura cuidadosa e aprofundada de cada documento, buscando por significados subjacentes e as nuances que podem ser reveladas tanto no que é dito, quanto no não dito (ORLANDI, 2015). Foi, portanto,

⁶ “Instâncias” dentro do aplicativo é o número de vezes que o descritor utilizado apareceu.

necessário procedermos diferentemente para que pudéssemos, nesta arqueologia do discurso, construir as condições de produção de discursos em *O progresso* da década de 1950, a fim de compreender como o conhecimento e o poder são entrelaçados e como as verdades são construídas e mantidas.

Criamos um quadro, agora com data, número do periódico, título/ seção e breve descrição⁷, resultado de um mapeamento que investigou formações discursivas de *O Progresso*, identificando as práticas discursivas, as regras de exclusão e inclusão do discurso, as relações de poder envolvidas e os efeitos dessas práticas na constituição da realidade e das subjetividades de Dourados da década de 1950. Eis o resultado o quadro, compreendendo apenas o ano de 1951:

Quadro 2: Dados organizados

1951			
Data	Número	Título	Breve descrição
06 mai	3	1-Vida Policial 2- Seção Doméstica	1- Quiz matar a tiros a ex noiva. 2- Dicas e receitas
13 mai	4	1- Homenagem de Dia das Mães	Definição e características do “ser mãe” - “a Mãe é, por certo, é o mais digno e mais puro amor que deve abrigar o coração dos homens”
01 jul	11	1- Dona Betinha 2- Aquarela da vida	“apesar de mulher” foi uma boa vereadora Um texto que fala sobre honra ao mérito, fazendo menção apenas a homens
28 out	28	1- Quem não ajuda, não atrapalha	Um texto escrito por Glória Ferreira- fundadora do Club social de Dourados. Filha do ex-prefeito João Vicente Ferreira.
04 nov	29	1-Notícias do mundo	1- Mulheres na argentina votando pela primeira vez
11 nov	30	1- Propaganda- Compre Diário de S.Paulo 2- Myrna	1- “Um jornal feito para os lares”- Diário de S.Paulo 2- Um conto sobre uma moça chamada Myrna que já foi garota de programa, mas se ‘recuperou’ ao casar. Ela passou maus bocados com sua ‘sogra’- ‘retaliações próprias de sogra’
25 nov	32	1-Honra ao mérito 2- Propaganda Jornal Diário de S. Paulo	1-Honra ao mérito a uma mulher chamada Lúgia, o texto dá a entender ela era médica. 2-Propaganda Diário de S. Paulo- “Jornal da família”
16 Dez	34	1- Ensino Primário	1- Notícia falando sobre o mal pagamento dos professores e para exemplificar como o salário está baixo, é feita uma soma dos itens “essenciais” para se trabalhar como professora. Dentro desses itens estão maquiagem, vestidos e peças íntimas.

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

⁷ Aqui muitas vezes copiamos um pedaço do texto. A ideia deste tópico é situar de forma ampla a temática do texto que nos chamou a atenção.

O quadro 2 está dividido em quatro partes: a) Data, b) Número, c) Título e d) Breve descrição. O item “a)” refere-se à data da publicação do periódico; o “b)”, ao número do periódico; o “c)”, ao título dado ao texto; e “d)” apresenta uma breve descrição das temáticas que os textos abordavam. Essa organização se estendeu para os anos seguintes. Nesta nova ordenação de dados, ficaram de fora apenas as piadas, que, por seu volume e variedade, foram organizadas em outros quadros e gráficos apresentados mais adiante.

Quando fizemos o levantamento e organizamos os dados extraídos do jornal, uma coisa que nos chamou a atenção foi a quantidade de piadas nos periódicos e a quantidade de piadas envolvendo as mulheres. Para que ficasse mais fácil o entendimento, organizamos o seguinte quadro 3:

Quadro 3: Levantamento das piadas

ANO	QUANTIDADE	QUANTIDADE ENVOLVENDO MULHERES	PORCENTAGEM
1951	107	34	31.78%
1952	150	42	28.00%
1953	123	41	33.33%
1954	132	32	24.24%
1955	41	17	41.46%
1956	26	8	30.77%
1957	0	0	0%
1958	63	15	23.81%
1959	07	1	14.29%
1960	14	3	21.43%
TOTAL: 663		TOTAL ENVOLVENDO MULHERES: 193	29.11%

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

O Quadro 3 é uma organização quantitativa de piadas veiculadas no jornal O Progresso, focado principalmente na mulher como temática. Entre 1951 e 1960⁸, 663 piadas foram documentadas, das quais 193 envolviam mulheres, correspondendo a um percentual médio de aproximadamente 29.11%. Este dado reflete as dinâmicas sociais e culturais da

⁸ O ano de 1957 destaca-se singularmente no Quadro 3 por apresentar uma ausência completa de piadas no jornal, um fenômeno que não se limita apenas à participação feminina, mas estende-se ao conjunto total das piadas registradas. Tal lacuna pode ser parcialmente atribuída ao contexto da Copa do Mundo de futebol masculino, um evento que monopolizou a atenção do público e a cobertura da mídia

época, nas quais as mulheres eram frequentemente alvo de humor nos meios de comunicação, através de reforço de estereótipos e visões de gênero prevalentes. No quadro 4 (*Organização das piadas*)⁹, exemplificamos a quantidade exata de piadas em cada, organizadas com mais detalhes.:

Quadro 4: Organização das piadas

1955			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
09 jan	2-4	3	1- Patroa e doméstica 2- Patroa e doméstica 3- Cozinha ruim
16 jan	4-4	3	1- Restaurante/Comida ruim 2- Analfabetismo 3- Crime/roubo
23 jan	2-4	3	1- Criança e educação 2- Divórcio 3- Criança e educação
06 fev	2-4	3	1- Problema de visão 2- Nome do cachorro e final inesperado 3- Animais
20 fev	2-4	3	1- Cachorro 2- Saúde 3- Mulher invejosa
06 mar	2-4	3	1- Mulher idosa/Idade para as mulheres 2- Criminoso/crime 3- Patroa e Empregada
08 maio	2-4	3	1- Homem rico 2- Peça de teatro 3- Homem confuso
03 jul	2-4	3	1- Aparência 2- Flerte 3- Mentira de pescador
10 jul	3-6	3	1- Problema de visão 2- Fotografia 3- Casamento
09 out	3-4	8	1- Homem ‘valente’ 2- Patrão e empregada 3- Criança e a profissão do pai

⁹ Esta organização foi feita para todos os anos investigados nesta pesquisa, resultando num documento de 20 páginas. O quadro a seguir é apenas um recorte para ilustrar como foi feito o tratamento dos dados. No item “Página”, o número inicial representa onde a seção foi encontrada, e o número final é a quantidade de páginas daquela edição.

			4- Homem assediador 5- Casamento 6- Casamento 7- Mulher interesseira 8- Cachorro
30 out	2-4	4	1- Ingleses covardes 2- Cobrança 3- Criança e religião 4- Futebol
06 nov	2-4	4	1- Jogo de palavras 2- Traição conjugal 3- Mulher mandona 4- Trabalho militar
18 dez	2-4	3	1- Casamento 2- Mulher “lenta” 3- Comida Ruim
TOTAL: 41			

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

A coluna humorística não ocupava um lugar fixo no jornal, geralmente se localizava entre a segunda e a terceira página do jornal. Não havia também uma quantidade fixa de piadas, variando de duas até oito por edição. Além disso, o quadro 4 nos permite identificar quais eram as temáticas mais comuns do humor da época. Vejamos a demonstração disso na Figura , que ilustra o total das 663 ocorrências humorísticas no período em análise, sendo que 193 envolviam as mulheres de alguma maneira.

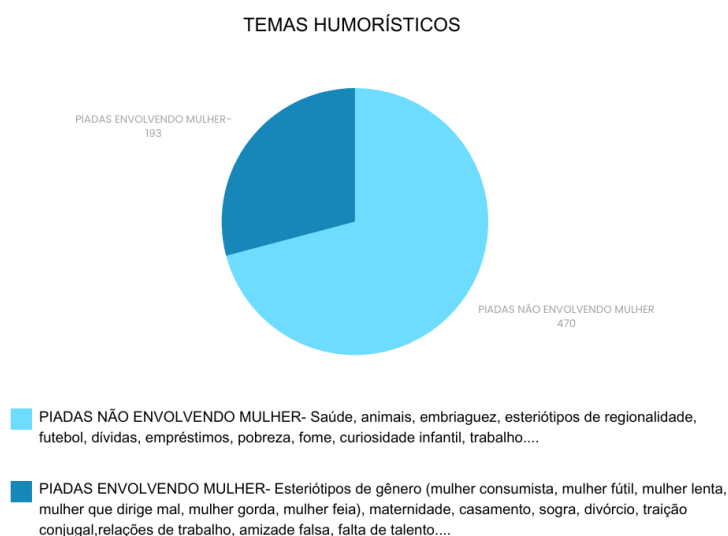


Figura 8: Temas humorísticos
Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Ao agrupar as piadas dessa maneira, foi possível examinar de forma mais precisa os temas recorrentes nas duas categorias e identificar os padrões subjacentes. As piadas que não envolviam mulheres abrangiam uma gama diversificada de tópicos, como saúde, animais, embriaguez, futebol, entre outros. Por outro lado, as piadas envolvendo mulheres exploravam estereótipos de gênero, abordando temas como maternidade, casamento, relações de trabalho e aparência física.

Feita esta introdução, passemos agora à discussão dos fundamentos teóricos desta pesquisa. Ela embasa o modo como nós, olhando para nossos dados, construímos o *corpus* e o analisamos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, situamos nosso trabalho na análise do discurso dialogando estreitamente com Michel Foucault e com estudos críticos feministas, sobretudo, Mary Del Priore, Judith Butler, Carla Bassanezi Pinsky e Carla Cristina Garcia. Apresentamos as contribuições teóricas desse autor e dessas autoras e discutimos suas reflexões para a análise discursiva de representações da mulher no periódico *O Progresso*, permitindo-nos uma compreensão mais ampla das dinâmicas de poder e conhecimentos presentes na sociedade da época. As teorias dos discursos fornecerão um arcabouço teórico para compreendermos as estratégias utilizadas por essa mídia na construção e manutenção de ideologias de gênero, bem como as possíveis resistências e subversões apresentadas pelas vozes feministas do século XX.

3.1 Análise do Discurso: Conceitos, Abordagens e Perspectivas

Em sua obra *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*, Eni Orlandi (2015) afirma que "Não penso que exista realmente uma introdução para análise do discurso" (p. 09), e por isso começamos este subcapítulo sinalizando que não há uma forma fácil de introduzir a Análise do Discurso (AD). Nessa declaração da autora, não encontramos apenas uma provocação à nossa expectativa por um começo convencional e fácil de entender, mas também uma revelação da intrínseca fluidez e dinamismo que permeiam a própria essência da AD.

A nomenclatura "Análise de Discurso", como sugere, trabalha com o discurso, que é seu objeto. Não se limita à linguagem em si, tampouco à gramática isolada, nem ao texto, como pode reivindicar a Linguística Textual, por exemplo, apesar de sua relevância inegável. Seu foco central recai sobre o próprio discurso, uma entidade em movimento constante, uma trama de palavras em percurso e ação: "Etimologicamente, a palavra "discurso" evoca a ideia de um curso, um percurso, um fluxo" (ORLANDI, 2015, p.15). Assim, ao explorarmos o discurso, lançamo-nos em uma prática de linguagens em movimento, uma forma viva e dinâmica de expressão humana. Orlandi (2015) nos convida a observar não apenas as palavras em isolamento, mas o movimento coletivo que dá vida ao discurso, aos seus contornos contextuais e às interações que o compõem.

Emergindo na França ao final da década de 1960, a disciplina ganhou suas primeiras formulações num contexto de transição das teorias linguísticas (MELO, 2009). Esse período

testemunhou o afastamento dos princípios estruturalistas, abrindo espaço para uma abordagem que se voltava para os mecanismos enunciativos, o funcionamento da linguagem em uso e sua conexão com as esferas sociais, políticas e culturais. Assim, o significado passou a transcender o mero sistema linguístico, incorporando uma dimensão social. A Análise do Discurso interage e interconecta-se com uma gama diversa de campos do conhecimento, como a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. Essa abordagem interdisciplinar visa compreender o discurso através da língua, do sujeito e da história, enriquecendo o entendimento das complexas relações entrelaçadas nas práticas discursivas.

Dentre as inúmeras correntes teóricas e metodológicas que permeiam a Análise do Discurso, este trabalho se situa dentro do âmbito dos estudos discursivos foucaultianos. Michel Foucault, figura de destaque no pensamento do século XX, apesar de não gostar de rótulos, foi considerado filósofo, historiador, intelectual e analista do discurso. Em sua vasta produção, criou conceitos e métodos que servem de base para muitos pesquisadores.

Segundo Vandresen (2008), um dos métodos de Foucault é a arqueologia, entendida como uma ferramenta específica para a análise da discursividade local, permitindo uma investigação minuciosa das regras que regem e estruturam os discursos, os sistemas de regularidades enunciativas e as formações discursivas. Ao mesmo tempo, há a genealogia, que assume o papel de uma tática que, a partir dessa discursividade local meticulosamente descrita, atua como uma força de resistência. Conforme Foucault (2017) observa, a genealogia emerge dos contornos delineados pela discursividade para confrontar e desafiar os saberes submetidos a essa mesma discursividade, proporcionando uma resistência assertiva e uma luta contra os discursos legitimados em um dado contexto social. Essa dualidade metodológica, oferece uma abordagem abrangente para a análise do discurso, permitindo uma investigação tanto das bases e fundamentos que sustentam os discursos quanto das dinâmicas de poder que permeiam seu surgimento, evolução e impacto na realidade social.

Sobre o discurso, Michel Foucault, em sua obra *Arqueologia do Saber* (2008), lança luz sobre o conceito “arqueologia”, propondo uma definição que transcende a simples ligação de palavras. Segundo Foucault (2008, p. 122), o discurso é "um conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação." Sendo assim, consideramos que o discurso é um conjunto de enunciados que faz parte de uma mesma formação discursiva. Ao analisarmos o discurso, identificamos quais são as formações discursivas presentes em determinado discurso. Ou seja, buscamos algo que vai além da superfície linguística, que explora a estrutura e a organização que sustentam sua existência, cada um enraizado em suas próprias regras e lógicas internas de construção de significado. Consoante a essas afirmações,

Fernandes (2021) diz que

O discurso, considerado como um objeto de investigação, constitui-se de conflitos próprios à existência de tudo que tem vida social[...] o discurso não é língua e nem fala, mas [...] ele encontra-se na exterioridade, no seio da vida social [...]. É preciso sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços [...] para compreender de que se constitui essa exterioridade a que se denomina discurso (p.24).

A abordagem de Fernandes (2021) ressalta a necessidade de expandir nossa análise para além do puramente linguístico, para que tenhamos uma visão mais abrangente das forças subjacentes que moldam e são moldadas pelo discurso. Nesse sentido, o estudo do discurso se configura como um campo de exploração enriquecedor, capaz de revelar as complexidades e interações que permeiam nossa existência.

Entendendo que há discursos diversos reverberados a partir dos enunciados em estudo é que consideramos enunciado como

[...] uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita) (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Essa visão de enunciado como uma estrutura complexa e que não necessariamente tem existência apenas no ato material da enunciação, faz com que compreendamos que a análise discursiva transcende os limites da mera linguagem falada ou escrita. Ela nos conduz a um território de interconexões entre elementos variáveis, onde a multiplicidade de modelos concretos encontra espaço para se manifestar.

No que tange à Formação Discursiva, Foucault (2008) enfatiza que o conceito transcende a mera unidade entre os enunciados, ou seja, para ela há também a presença de um sistema de dispersão intrínseco. Nas palavras do autor:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p.43).

Uma formação discursiva não se limita à simples conexão de enunciados, mas abrange uma estrutura mais ampla que engloba regularidades, ordens, correlações, posições e funcionamentos entre objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas. Elas representam conjuntos organizados de práticas discursivas que se relacionam com aspectos socioculturais e históricos específicos. Ressaltamos que nenhum enunciado existiria sem a existência de um sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo. Como afirma Fernandes (2021), o sujeito é aquele que

[...] tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história, não em outro [...] aquilo que ele diz e a forma como diz, revela seu lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes integrantes de dada realidade histórica e social (p.33).

Em suma, a presença do sujeito discursivo é crucial na construção e contextualização de enunciados dentro de uma formação discursiva. Como destacado por Fernandes (2021), o sujeito não é apenas um agente isolado, mas sim uma entidade enraizada em um ambiente social e ideológico específico, situado em um determinado ponto da história. Suas palavras não apenas mostram as próprias perspectivas do sujeito, mas também ecoam as vozes coletivas e as dinâmicas presentes na realidade histórica e social que o cerca. Nesse sentido, a compreensão do sujeito discursivo enriquece nossa análise ao revelar as múltiplas camadas de significado e poder que permeiam os enunciados, contribuindo para uma visão mais profunda das complexas interações entre linguagem, identidade e contexto.

3.2 Gênero e Discurso: Teorias sobre a Construção de Identidades de Gênero

Neste subcapítulo, adentramos no cenário dos anos 1950 no Brasil para compreender o papel e a imagem da mulher na sociedade dessa época. A década de 1950 foi marcada por transformações sociais, políticas e culturais que tiveram um impacto significativo na construção das identidades de gênero. Pela análise de teorias discursivas e da contextualização histórica, exploraremos como as representações de gênero eram moldadas e disseminadas, especialmente nos jornais.

Os anos 1950 no Brasil foram caracterizados por uma mescla de avanços e conservadorismo. Enquanto o país experimentava um crescimento econômico e a urbanização se expandia, as normas de gênero continuavam enraizadas em papéis tradicionais. As mulheres eram muitas vezes direcionadas a cumprir o papel de esposas e mães, sendo sua

educação voltada para a formação dessas funções. Essa visão era corroborada pela sociedade e pelas famílias, que buscavam preservar valores considerados tradicionais, afastando as mulheres das mudanças que surgiam nesse período (MITTANCK, 2017). Como aponta Pinsky, mesmo quando as mulheres tinham acesso à educação e cultura, o que se esperava delas não era intelectualidade ou independência, mas sim submissão e docilidade. A cultura e os estudos eram tolerados desde que não ameaçassem o papel social preestabelecido (PINSKY, 2014).

Mittanck (2017) destaca que uma das maiores preocupações da época para as mulheres era garantir um casamento satisfatório, uma vez que elas eram criadas e preparadas para desempenhar esse papel. A sociedade da época enfatizava a manutenção dos "bons costumes". A mulher, segundo o contexto, deveria ser o pilar do lar, uma figura doce e submissa, cuja formação era voltada para essas finalidades. Essa visão predominante lançava um olhar desconfiado sobre as aspirações femininas além do papel tradicional, fazendo da educação um recurso controlado. Como enfatizado por Oliveira e Rocha (2015), a definição das características da feminilidade estava associada à maternidade e às atividades domésticas, destacando a primazia da mulher como cuidadora do lar e da família. Essa perspectiva restritiva delimitava o escopo de atuação da mulher, limitando suas opções e oportunidades. Enquanto isso, os atributos de masculinidade eram relacionados à iniciativa, à participação no mercado de trabalho, à força física e ao espírito de aventura. Essa divisão rígida de papéis de gênero reforçava a dicotomia entre o que era considerado adequado para homens e mulheres, moldando suas identidades e limitando suas aspirações.

A sociedade dos anos 1950 estava profundamente impregnada dessas noções binárias, refletindo-se em diversas esferas, desde a educação até a cultura midiática. Nesta mesma direção Butler (2018) sobre a concepção de gênero como construção cultural, aponta:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a "cultura" relevante que "constrói" o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino (p.23).

Ou seja, considerar um comportamento como "coisa de homem" ou "coisa de mulher" limita a visão de gênero, reduzindo-o a um conjunto de normas preestabelecidas. A visão de gênero como um construto mais fluido e complexo desafia essa concepção restritiva,

reconhecendo a diversidade de identidades e expressões de gênero para além das categorias binárias tradicionais. A sociedade dos anos 1950 estava ancorada em categorias rígidas, o que influenciou a forma como as mulheres eram retratadas e percebidas, tanto na mídia quanto na vida cotidiana.

Heleieth Saffioti (2015), em sua análise crítica das estruturas de poder na sociedade, discorre sobre a complexa relação entre gênero e patriarcado. Ela argumenta que as mulheres são moldadas por uma sociedade que as posiciona em papéis específicos, como esposas e mães, fortemente influenciados pelas normas patriarcais. Saffioti afirma que "a submissão das mulheres na sociedade civil assegura o reconhecimento do direito patriarcal dos homens" (p. 140) destacando como o patriarcado perpetua a desigualdade de gênero e como ele é codificado em nossa compreensão social.

Além disso, Saffioti (2015) sugere que o uso do conceito de gênero sozinho pode ser insuficiente, propondo a aplicação conjunta dos conceitos de gênero e patriarcado. Ela esclarece a necessidade dessa abordagem, explicando que "Nem sequer abstratamente se pode conceber sociedades sem representação do feminino e do masculino" (p. 142). Essa afirmação sublinha que o gênero é uma categoria ontológica intrínseca à experiência humana e essencial para compreender as relações de poder subjacentes.

Refletindo sobre a condição das mulheres nos anos 1950, Saffioti fornece *insights* valiosos sobre a evolução das normas de gênero e a resistência a essas normas. Reconhece a persistência da luta contra a opressão, observando que "sempre que há relações de dominação-exploração há resistência" (SAFFIOTI, 2015, p. 137). Este entendimento destaca a importância de considerar as identidades e expressões de gênero como dinâmicas e resistentes, desafiando e expandindo as categorias binárias tradicionais que dominavam a sociedade daquela época.

Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1970), desempenhou um papel fundamental na articulação dos princípios fundamentais do feminismo moderno. Através de uma análise profunda e perspicaz, Beauvoir desafiou as construções tradicionais do papel da mulher branca na sociedade. Ela provocou uma revolução intelectual ao afirmar que historicamente as mulheres sempre foram consideradas "a outra" em relação aos homens, que foram/são frequentemente colocados como centro. Beauvoir delineia uma batalha pela afirmação da individualidade das mulheres como sujeitos independentes, desafiando a noção de que sua identidade deveria ser subordinada à definição masculina, marcando a terceira onda feminista. Segundo Garcia (2015)

O segundo sexo será o alicerce do feminismo dos anos 50 e se converteu no livro mais lido pela nova geração de feministas, constituída pelas filhas, já universitárias, das mulheres que obtiveram depois da Segunda Guerra Mundial o direito ao voto e à educação. Serão estas mulheres que protagonizarão a terceira onda do feminismo (p.80).

O pensamento de Beauvoir também atraiu críticas e debates dentro dos estudos feministas, e uma delas foi a de Butler (2018), que, ao explorar as complexidades da construção de gênero, lança questionamentos sobre a perspectiva de Beauvoir. A autora propõe uma visão mais fluida de gênero, e desafia a ideia de que há uma escolha absoluta no processo de “tornar-se”¹⁰. Através da análise de Butler (2018), percebemos que o gênero é uma prática discursiva contínua, moldada por uma variedade de fatores sociais e culturais. A ênfase recai na percepção de que o gênero não é uma entidade estável ou fixa, mas sim uma construção que se manifesta através da repetição de atos regulados por estruturas sociais rígidas. Dentro dessa discussão, Butler (2018) parece sugerir que o “tornar-se” mulher ocorre em um contexto de influências culturais e imperativos que moldam as escolhas individuais. Ela problematiza a aparente simplicidade e universalidade desse processo inadvertidamente sugerir que ser mulher é uma escolha ou uma realização. Essa visão, segundo Butler (2018), ignora as complexidades e as diversas realidades vividas pelas pessoas, especialmente aquelas que não se enquadram nas normas de gênero tradicionais. Ao invés de uma transição linear e uniforme para uma identidade de gênero definida, Butler propõe uma visão mais fluida e variada do gênero, reconhecendo as múltiplas formas pelas quais as identidades de gênero são construídas e vividas. Assim, a crítica de Butler não apenas questiona a ideia de “tornar-se” mulher de Beauvoir, mas também destaca a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e menos prescritiva para entender a complexidade das experiências de gênero.

No artigo *Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”*, Firmino e Porchat (2017) analisam a teoria de gênero de Judith Butler, destacando sua contestação à ideia de que gênero e sexo são categorias pré-discursivas. Eles afirmam que tanto o gênero quanto o sexo são, na verdade, produções discursivas moldadas por uma interação complexa entre linguagem, cultura e poder.

Essa perspectiva é amplamente influenciada pela crítica genealógica de Michel Foucault e sua noção de poder. Butler propõe uma revisão crítica das categorias de identidade, enfatizando que a identidade, incluindo a identidade de gênero, não é uma essência ou mera

¹⁰ “Não se nasce mulher, torna-se” é com essa frase que Beauvoir inicia o segundo volume de sua obra *Segundo sexo*.

construção social, mas uma produção do poder. Isso leva a uma expansão da discussão sobre feminismo e identidade para abranger não apenas o gênero em geral, mas também a própria noção de sujeito. Ao fazer isso, Butler desafia as bases tradicionais da ação política feminista, que muitas vezes se apoia em noções fixas de identidade de gênero, propondo uma abordagem mais fluída e dinâmica que reconhece a diversidade e a mutabilidade das identidades de gênero.

As ideias de Michel Foucault (2014) sobre poder, vigilância e disciplina estão presentes no pensamento de Judith Butler (2018) sobre gênero. Butler argumenta que o gênero não é uma característica inata ou natural, mas é construído através das normas e expectativas sociais, um conceito que ecoa da noção de Foucault de que o poder está presente em todas as relações e estruturas sociais. Assim como Foucault descreve como as instituições moldam e controlam o comportamento dos indivíduos pela vigilância e disciplina, Butler mostra que as normas de gênero funcionam de maneira semelhante, vigiando e regulando como expressamos nossa identidade de gênero. Ela sugere que essas normas são mantidas e reforçadas pelo poder social, que "disciplina" os indivíduos para se conformarem aos papéis de gênero esperados. Assim, a teoria de gênero de Butler pode ser vista como uma extensão das ideias de Foucault, aplicando seus conceitos de poder e vigilância para entender como as identidades de gênero são formadas e mantidas na sociedade. Esta abordagem destaca como o gênero é um exemplo preciso de como o poder opera não apenas reprimindo, mas também criando e moldando quem somos e como nos vemos.

Butler (2018) então propõe que devemos considerar o gênero como ato performativo. "Nesse sentido, o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero." (p.44). Com base na afirmação de Butler, percebemos que o gênero não é simplesmente algo que alguém "é", mas sim algo que alguém "faz". Através de práticas reguladoras e repetitivas, o gênero é performado, ganhando existência e significado. A noção de que o gênero é um ato performativo destaca sua natureza dinâmica e relacional. A título de exemplo, apresentamos o seguinte texto da Figura 9:

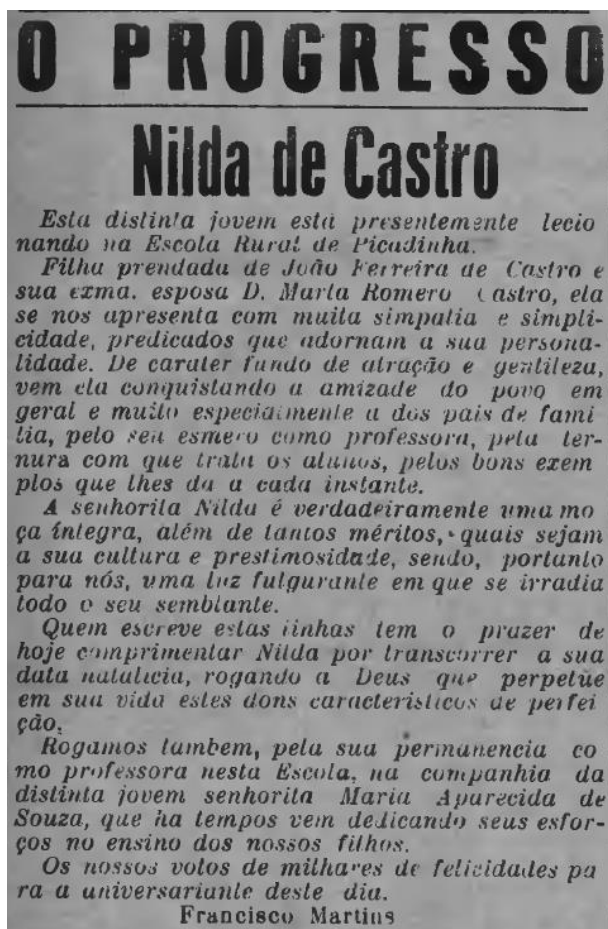


Figura 9: Nilda de Castro

Fonte: *O Progresso*, 28 de setembro de 1952. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

Analisando o recorte, identificamos várias maneiras pelas quais a mídia da época reforçava as expectativas sociais sobre como uma mulher deveria ser. O texto elogia a jovem Nilda de Castro por uma série de qualidades:

- a) Simplicidade e simpatia: A referência à simplicidade e simpatia de Nilda reforça a ideia de que mulheres deveriam ser modestas e agradáveis, qualidades valorizadas socialmente para o gênero feminino.
- b) Virtudes familiares: A menção ao caráter de Nilda e sua capacidade de atrair a simpatia das famílias da cidade ressalta o papel tradicional das mulheres como centro da vida familiar e responsáveis por manter relações harmoniosas dentro de casa.
- c) Profissionalismo: Ao mencionar o sucesso profissional de Nilda, o texto sugere que, embora as conquistas profissionais das mulheres possam ser reconhecidas, elas são ainda assim enquadradas dentro de um contexto maior de virtudes tradicionalmente femininas.

A menção ao sucesso profissional Nilda de Castro é notável por estar contextualizada dentro de uma narrativa que valoriza a conformidade com as virtudes tradicionalmente femininas. O profissionalismo de Nilda é reconhecido, mas não sem a qualificação de que ela também é gentil e dócil, qualidades que a sociedade da década de 1950 parece considerar mais adequadas para as mulheres. Esta docilidade é um exemplo de como os corpos podem ser submetidos a vários processos de disciplina (FOUCAULT, 2014).

Butler (2018) argumentaria que essa ênfase na gentileza e na docilidade é parte da performance de gênero — uma série de atos repetidos que conformam a identidade de gênero dentro de um quadro de normas sociais. A capacidade profissional de Nilda é, portanto, não apenas reconhecida em termos de seu mérito intrínseco, mas também em como ela se alinha com a performance de uma feminilidade idealizada. O elogio implícito aqui é duplo: Nilda é competente como profissional e, crucialmente, como mulher, em que sua competência é moldada e entendida pela lente de feminilidade prescrita.

A análise de como a mídia contribuía para a construção da imagem feminina é crucial para compreender como essas normas e valores eram difundidos e internalizados. No capítulo 3. Análise das representações da mulher no jornal da década de 1950, examinamos a influência da mídia na disseminação dessas representações de gênero e como essas influências se manifestaram no âmbito discursivo.

3.3 Representação: um Conceito Multifacetado

A palavra "representação", segundo o dicionário online Michaelis¹¹, carrega múltiplas facetas em seu significado. É definida como o "ato ou efeito de representar(-se)", a "exposição oral ou escrita de razões, queixas, reivindicações etc. a quem possa interessar ou a quem de direito". Além disso, o termo engloba "qualquer coisa que se representa" e a "imagem ou ideia que traduz nossa concepção de alguma coisa ou do mundo". Esta definição polissêmica de "representação" fornece uma base para explorar a complexidade histórica e cultural do termo, que se entrelaça profundamente com aspectos políticos, sociais e filosóficos.

O conceito de representação é notoriamente complexo e tem sido abordado de diversas formas ao longo da história. Hanna Fenichel Pitki (2006) ao falar sobre representação oferece uma análise profunda e histórica do conceito, abordando sua evolução etimológica e aplicação

¹¹ “Representação” segundo o dicionário online Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=representa%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20.nov.2023

em contextos políticos e sociais. A autora começa destacando a complexidade inerente ao termo “representação”, observando que seu significado varia significativamente entre diferentes idiomas e culturas. Ela enfatiza que a representação é um fenômeno predominantemente cultural, político e humano em sua essência. Pitkin (2006) analisa ainda como a teoria política acompanhou essas mudanças, contribuindo para a compreensão da representação em um contexto político moderno e conclui que a representação é um conceito dinâmico e multifacetado, que reflete mudanças significativas nas estruturas políticas e na compreensão filosófica ao longo do tempo.

A partir das afirmações da autora Pitki (2006), procuramos então dentro de outros campos, como os epistemológicos e políticos, o que tem sido dito e estudado sobre o conceito de representação. No que se refere às críticas epistemológicas, destacamos três autores: Jacques Derrida, Giles Deleuze e Michel Foucault, examinado de perto por Till Grohmann (2021) no texto "The concept of representation in the philosophies of Michel Foucault, Jacques Derrida and Gilles Deleuze". O artigo de Till Grohmann (2021) analisa as interpretações filosóficas do conceito de representação nas obras de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, destacando pontos em comum entre esses três pensadores franceses, apesar de suas diferenças metodológicas significativas.

Foucault trata a representação como um elemento central que molda o modo como o conhecimento era organizado e entendido. Para ele, a representação é uma estrutura que influencia profundamente a produção de conhecimento. Deleuze, vê a representação como um estilo de pensamento. Derrida, por sua vez, vincula a representação à linguagem. Ele sugere que a prática da linguagem inevitavelmente conduz a paradoxos de representação, onde o discurso se torna uma autorrepresentação.

Grohmann ressalta que, apesar de suas diferentes abordagens, os três filósofos concordam em vários pontos, especialmente na importância epistêmica da identidade dentro da representação e no papel proeminente da linguagem e da lógica tradicional de termos. O artigo conclui que Foucault, Deleuze e Derrida buscam entender as condições de significação da representação, explorando como ela emerge do não-representacional. Suas abordagens variadas apontam para um pensamento que valoriza o diferente e o múltiplo, desafiando assim as noções tradicionais de representação na filosofia. Um dos pontos em comum entre os filósofos Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida é a relação de poder nas representações, embora cada um aborde essa temática sob uma perspectiva única. Em suas obras, eles exploram como as representações, seja na linguagem, nas instituições ou nas estruturas de pensamento, estão intrinsecamente ligadas a relações de poder que moldam

nossa compreensão da realidade e influenciam a conduta humana.

Foucault é talvez o mais explícito dos três ao abordar a relação entre poder e representação. Por exemplo, em *Vigiar e Punir*, Foucault (2019) analisa como as instituições (como prisões, escolas, hospitais) representam e exercem poder sobre os indivíduos. Para Foucault, as representações não são neutras; elas estão imbuídas de relações de poder que moldam a percepção da realidade e influenciam a conduta humana.

Deleuze, embora não se concentre explicitamente na relação entre poder e representação da mesma forma que Foucault, ele desafia as noções tradicionais de representação, argumentando que elas limitam nossa compreensão da realidade ao impor categorias rígidas e identidades fixas. Essa crítica pode ser interpretada como uma crítica indireta às formas de poder que se perpetuam por meio de representações restritivas.

Derrida, conhecido por sua abordagem de "desconstrução", analisa como os conceitos e representações são construídos através da linguagem e como essas construções influenciam a percepção da realidade. Embora sua abordagem seja mais focada na linguagem e na estrutura do texto, implicações sobre o poder podem ser extraídas de seu trabalho. Ao desconstruir as representações, Derrida expõe como elas são formadas por relações de poder.

No que se refere aos estudos políticos, destacamos dois autores: Stuart Hall (2016) e bell hooks¹² (2019). Hall considera a representação como um processo cultural central através do qual significados são construídos e comunicados. As representações não são simples reflexos da realidade, mas sim formas através das quais a realidade é interpretada e compreendida. Elas são moldadas por, e ao mesmo tempo moldam, as normas, valores e crenças sociais. Isso significa que as representações carregam consigo poderes e ideologias, muitas vezes refletindo os interesses e perspectivas das classes ou grupos dominantes. bell hooks (2019) trabalha, por sua vez, a representação como uma forma de poder, podendo ser usada para marginalizar ou invisibilizar grupos sociais. Essa autora argumenta que a representação é uma forma de poder que pode ser usada para reforçar estereótipos e manter sistemas de opressão. Ela destaca como certos grupos, especialmente aqueles que são

¹² Sobre o uso de letras minúsculas no nome bell hooks: essa prática é uma escolha deliberada da autora, que adotou esse nome em homenagem à sua avó. A decisão de mantê-lo em letras minúsculas representa um posicionamento político, desafiando as convenções linguísticas e acadêmicas. Esse gesto busca destacar a importância de suas ideias e trabalhos, ao invés de sua identidade pessoal. O presente texto respeita e adota essa escolha da autora. "O vazio deixado pelas referências que se vão: perdemos bell hooks, Fundação Getúlio Vargas". Disponível em: <https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vao-ou-perdemos-bell-hooks#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,e%20n%C3%A3o%20em%20sua%20pessoa.>

racialmente marginalizados, são frequentemente representados de maneira estereotipada ou negativa na mídia e na cultura popular. Essas representações não apenas dizem sobre as estruturas sociais e de poder existentes, como também as sustentam, perpetuando a marginalização. Books também aborda como a falta de representação, ou a representação inadequada, pode levar à invisibilidade de certos grupos. Essa invisibilidade na mídia e em outras formas de representação cultural tem implicações reais, contribuindo para a exclusão social e econômica. Ao mesmo tempo, reconhece e enfatiza o poder das representações como formas de resistência e empoderamento (hooks, 2019). A autora argumenta que a criação de contra narrativas que desafiem as representações dominantes e ofereçam visões mais autênticas e multifacetadas das experiências de grupos marginalizados. Essas contra narrativas são vistas como fundamentais para a luta contra a opressão e para a promoção de uma sociedade mais justa e equitativa. Vamos a um exemplo do jornal, presente na Figura 10:



Figura 10: Alba Terezinha

Fonte: *O Progresso*, 19 de junho de 1960. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

A representação discursiva pode ser analisada em diferentes níveis, desde o nível micro, que se refere às escolhas linguísticas específicas feitas pelo enunciador, até o nível macro, que se refere às representações que são socialmente compartilhadas.

Um exemplo de representação discursiva no nível micro é a escolha de elementos linguísticos, como o pronome "ele" ou "ela", para se referir a uma pessoa ou a um conjunto de indivíduos. Essa escolha pode ser influenciada pelo gênero da pessoa, mas também pela ideologia do enunciador. Assim, um enunciador pode optar por usar o pronome "ele" ou "ela" de forma generalizada: “Boa noite, sejam bem-vindos!” e “Boa noite, sejam bem-vindas!”, independentemente do gênero das pessoas presentes num auditório. Por outro lado, usar “ele” para uma transexual, sobretudo em um contexto formal e público, pode resultar em um ou outro tipo de sanção, a depender de quem interpreta. Esse tipo de representação tem mais relação com a diferença entre pessoas, do que com a igualdade, como vimos em Deleuze.

No nível macro, usamos a representação da mulher na mídia como ilustrativa. A mídia, por meio de seus discursos, contribui para a construção de representações da mulher que são frequentemente estereotipadas e sexistas. Por exemplo, a mulher é, com certa regularidade, representada como um objeto sexual, cujo “não!” não basta¹³, ou como uma figura doméstica: boa mãe, boa esposa, boa dona de casa ou o inverso disso.

As representações discursivas podem ser controversas por vários motivos. Em primeiro lugar, elas podem ser usadas para eternizar estereótipos e preconceitos. Por exemplo, a forma como a mídia representa a mulher pode contribuir para reforçar a desigualdade de gênero presente na sociedade de referência, como apropriadamente sinalizou bell hooks. Em segundo lugar, as representações discursivas podem ser usadas para manipular as opiniões e as atitudes das pessoas, como em propagandas políticas que usam representações discursivas para criar uma imagem positiva de um candidato e/ou para ferir a imagem de um adversário. Em terceiro lugar, as representações discursivas podem ser usadas para silenciar ou marginalizar grupos sociais. Por exemplo, a representação de grupos minoritários na mídia pode ser estereotipada, o que pode contribuir para aumentar a discriminação contra esses grupos.

Para lidar com as polêmicas associadas às representações discursivas, é importante estarmos cientes de como elas funcionam e como elas podem ser usadas para influenciar as

¹³ Veja esta narração, que ilustra esta perspectiva noutro sítio, o do judiciário: “Ao absolverem um réu contra quem 12 mulheres registraram queixa por violência sexual, os magistrados entenderam que não há estupro caso a vítima não mostre reação física “séria, efetiva” e com “rebeldia” – dizer não, portanto, é insuficiente”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/12-estupros-de-brasilia/#page6>. Acesso em: 25 set. 2023.

pessoas. É também relevante para sermos leitores críticos das representações discursivas que são encontradas nos meios de comunicação e em outras esferas sociais.

Como vimos, a representação desempenha um papel crucial na maneira como percebemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Nas ciências humanas e sociais, a representação é entendida não apenas como uma mera reprodução da realidade, mas como uma construção, influenciada por contextos socioculturais, ideologias e crenças. Mídias, como jornais, não são meros transmissores de informações; eles moldam e são moldados por discursos dominantes da época e do contexto. Assim, ao examinar a representação da mulher em um veículo de comunicação, estamos também investigando as nuances de valores e perspectivas que ajudam a definir uma era e uma comunidade.

No contexto de Dourados e do jornal *O Progresso*, essa compreensão do conceito de representação é fundamental para entender como o jornal, em suas narrativas e escolhas editoriais, atuou na identidade e nos valores da comunidade local durante a década de 1950, período este marcado por otimismo e desenvolvimento acelerado no Brasil, especialmente pelo contexto pós II Guerra Mundial. O país, alinhado com os vencedores da guerra, experimentou um avanço significativo em urbanização e industrialização. No entanto, esse progresso não se traduziu, necessariamente, em uma evolução nas representações sociais, especialmente no que diz respeito às mulheres.

A notícia veiculada em 19 de junho de 1960 sobre Alba Terezinha de Lima, eleita Miss Mato Grosso, exemplifica as construções discursivas que permeiam a representação da mulher na mídia há tempos. A ênfase em sua aparência, elegância e, posteriormente, em suas aspirações domésticas, reforça um discurso que limitava as mulheres, portanto as iguala, a papéis estereotipados e restritivos. Esse tipo de representação, à semelhança do que encontramos discutido em Bell Hooks (2019), é influenciado por normas socioculturais que, frequentemente, marginalizam ou omitem experiências de outras mulheres. A autora diz que os padrões dominantes favorecem certas características físicas e comportamentais em detrimento de outras, glorificando uma imagem específica de feminilidade que só existe na representação. No caso de Alba de Lima, ela é, segundo o enunciador, bela, elegante, meiga e simples, como se esses atributos fossem auto evidentes. Tais aparentes elogios são uma tentativa de delinear um ideal de mulher, aquela do imaginário social reforçado pelo discurso jornalístico e patriarcal, este aqui definido como um tipo de discurso que naturaliza a desigualdade entre homens e mulheres, que legitima a subordinação das mulheres aos homens.

A decisão editorial do jornal de destacar a declaração de Alba de Lima sobre o

casamento, em detrimento de outras possíveis temáticas discutidas, como a própria notícia mostra, só reforça os traços que, verdadeiramente, importam da miss Mato Grosso. Alba de Lima respondeu a “dezenas de perguntas”, como enunciado na matéria, todavia, somente a que diz respeito ao casamento ganhou relevo. Essa escolha não é mera questão de preferência linguística (nível micro) do jornalismo, e sim o resultado da força de uma ideologia dominante masculina (nível macro) agindo discursivamente, que via o matrimônio como destino final e mais desejável para qualquer mulher de valor. Ao priorizar essa narrativa, o enunciador do editorial não apenas negligencia outras qualidades de Alba de Lima, por exemplo, suas possíveis inclinações políticas ou literárias, como contribui para perpetuar uma visão limitada do papel feminino na sociedade.

Assim, a ênfase dada pelo editorial ao casamento reforça, acima de tudo, a noção patriarcal de que o valor de uma mulher está atrelado à sua capacidade de arrumar um marido. Nesse sentido, os adjetivos da miss parecem funcionar como uma propaganda, um anúncio de Alba de Lima como uma mercadoria, qualificando-a como potente “dona de um lar feliz”, em síntese, uma boa mulher para casar-se. Essa perspectiva era comum na época, provavelmente por influência do movimento Romântico, e talvez ainda seja atualmente. Ao descrever certo padrão de mulher no periódico *Jornal das Senhoras* (1852), dirigido por Juana Manso, e em romances de José de Alencar, Soares observa que

As mulheres deveriam ser belas, ou tentar aparentar beleza, a partir do esmero com suas roupas e seu corpo, mas sempre ressaltando que isso não deveria chegar a ponto de se transformar em luxúria ou mesmo vulgaridade, que obliterasse seus deveres para com a família. Graciosas, alegres, pacientes, leais, agradáveis ao convívio, tementes a Deus, saudáveis, tolerantes, decentes e amáveis. Essas foram as qualidades reunidas nesses folhetins que compõem o protótipo da ideal mulher civilizada (SOARES, 2012, p. 139).

Desse modo, ser dona de um lar feliz, “como toda mulher”, demonstra como o sucesso e a realização feminina eram frequentemente medidos pela capacidade de uma mulher de se casar e formar uma família. Até a inteligência, que poderia ser um traço qualificador relevante, acaba reduzida por aproximação ao corpo da miss Mato Grosso: “Frisou também sua intenção de estudar a fim de aprimorar, cada vez mais os dotes de sua *bela inteligência*” (grifo nosso).

Lerner (2019) discute que, em várias sociedades, o casamento era uma ferramenta para fortalecer alianças econômicas e sociais, sendo assim, as mulheres que tinham como desejo de vida se casarem, ser boas esposas e mães, eram mais valorizadas. Publicar justamente esse

recorte, atribuindo à Alba de Lima o desejo de arrumar marido e se casar, reforça uma mensagem poderosa e normativa às leitoras (outras mulheres) do jornal: independentemente de seus talentos, sucessos, ambições profissionais ou conquistas no mundo exterior, a maior realização de uma mulher é, verdadeiramente, o casamento, o lar e o marido ambicionados. Isso não apenas marginaliza outras possibilidades de vida para as mulheres, como reafirma a narrativa conservadora que confina as mulheres ao espaço doméstico.

Seguindo nessa linha, o trecho que apresenta o concorrido coquetel na casa do casal Ciro Landi, fazendo referência não à toa ao senhor Ciro Landi, marido de Maria Helena Landi, parece não deixar dúvidas, ao dizer que Alba de Lima, apesar de tudo, “[...] era ainda a criatura simples e meiga [...]”. Tal afirmação reforça o discurso patriarcal presente na voz do enunciador. A expressão “criatura simples e meiga” é frequentemente utilizada para descrever mulheres em condições consideradas submissas, domesticadas e obedientes, sugerindo que a mulher deve ser uma figura delicada e inofensiva, que não representa uma ameaça aos homens. Tais observações já haviam sido feitas por Mill e Taylor no século XIX:

Todas as causas, sociais e naturais, articulam-se para tornar improvável que as mulheres se rebelem coletivamente contra o poder dos homens. Elas estão em uma posição tão diferente de todas as outras das classes subjugadas, que seus senhores exigem mais que efetivamente seu serviço. Os homens não querem apenas a obediência das mulheres, eles querem seus sentimentos. Todos os homens, exceto os mais estúpidos, desejam ter na mulher mais próxima não apenas uma escrava forçada, mas também solícita; não meramente uma escrava, mas uma favorita. Então, eles colocam tudo em prática para escravizar suas mentes. Os senhores de todas as outras pessoas escravizadas confiam, a fim de manter a obediência, no medo: ou medo deles mesmos ou medos religiosos (MILL; TAYLOR, 2021, p. 34).

No livro *A sujeição das mulheres*, Mill e Taylor (2021) argumentam que a submissão das mulheres é uma forma de escravidão e que é prejudicial tanto para as mulheres quanto para a sociedade como um todo. Dizem que tal submissão não é natural, mas sim uma construção social que se baseia na força física (e simbólico-discursiva, acrescentamos) e na dominação masculina, que impede o desenvolvimento pleno das mulheres, tanto intelectual quanto profissionalmente. Além de prejudicar a própria mulher, as práticas de servidão acabam por prejudicar a própria sociedade, uma vez que esta fica privada da potência (positiva) das mulheres.

No caso específico do artigo, a expressão que reduz a mulher a uma dona de lar é castradora da potência feminina. A associação de Alba de Lima, uma mulher bonita e bem-sucedida no que faz, com a imagem final de uma mulher “simples e meiga” nos permite

inferir que, apesar do sucesso descrito, Alba de Lima é representada como uma mulher “verdadeira”, que não se deixou corromper pelo mundo moderno: pelo luxo, pelo glamour, pelo encontro com Marta Rocha, pelo próprio Rio de Janeiro e pelo que disso tudo pudesse decorrer. A expectativa de que as mulheres sejam “simples” e “meigas” é, sem dúvidas, um dos pilares do patriarcado. Essa expectativa ratifica a ideia de representação de mulheres como seres inferiores aos homens, que devem ocupar um papel secundário na sociedade.

Os concursos de beleza, ao longo de sua história, têm sido palco de paradoxos sociais e culturais. Eles são eventos que, por um lado, perpetuam e celebram padrões de beleza e comportamento feminino que se alinham com as expectativas sociais e morais dominantes. Como José Ricardo Ferraz (2015) aponta em seu artigo “Ninguém nasce bela, torna-se bela ‘Miss Brasil’: Beleza e Gênero (1950-1980)”, em concursos dessa natureza, não basta à mulher ser bela. A beleza julgada é uma combinação do corpo físico com valores morais: a miss ideal é aquela que, além dos atributos físicos (rosto bonito, corpo magro, etc.), precisa também representar a mulher dócil, simpática, simples, amável, e de reputação imaculada (virgem) esperada de uma “moça de boa família”: “A moral sexual dominante nos anos 50 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundida com ignorância sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e à virgindade” (BASSANEZI, 1997, p. 613).

Parece-nos haver no texto uma tentativa de criar, para Alba de Lima, uma identidade fixa e essencial de mulher ideal para casar-se. Precisamos lembrar que a identidade é um processo de diferenciação (DELEUZE, 2006), em que um ser se torna o que é a partir de suas diferenças com os outros. No caso do trecho em que Alba de Lima é “a criatura simples e meiga”, essa expressão, utilizada para defini-la e a outras mulheres, tenta apagar sua complexidade e rebeldia. Deleuze nos ajuda a inferir, portanto, que essa “criatura simples e meiga” é falsa e artificial, afinal, Alba de Lima é, com toda mulher, um ser complexo e multifacetado, que não pode ser reduzido a uma única definição ou a um conjunto de adjetivos.

Portanto, há no editorial, a manifestação de um discurso opressor e limitante. Esse discurso é um exemplo da maneira como o discurso patriarcal é utilizado para controlar e oprimir as mulheres. Assim, neste trabalho, ao problematizarmos essa representação da mulher, estamos desafiando esse discurso e contribuindo com novas formas de identidade feminina, mais livres e emancipadoras. Afinal, embora estereotipadas e presas a expectativas sociais dominantes, as mulheres são livres para manifestar e viver os próprios desejos. Essa representação androcêntrica e naturalizada vale-se do senso comum – entendido aqui como um compartilhamento social de valores e símbolos que compõem um consenso cultural – para

reduzir os corpos à sua materialidade e funcionalidade, deixando à margem quaisquer subjetividades próprias do indivíduo. Essas ordens simbólicas criadas pelo PROGRESSO fundam-se nas relações de poder exercidas pelo gênero masculino, encontrando um ambiente fértil para desempenhar de forma plena o status de dominador observado por Bourdieu (2002). Nesse sentido, Saffioti complementa a linha de pensamento ao afirmar que “o domínio masculino sobre as mulheres [...] acaba por servir aos interesses daqueles que detêm o poder econômico”. Muito além da natureza biológica do homem, a sociedade e suas engrenagens vitalícias – as instituições, a moral e o capital

Nesse sentido, esses concursos de beleza também podem ser vistos, e este é o outro lado da moeda, como espaços de representação e visibilidade para aquelas pessoas que foram historicamente excluídas desses lugares de reconhecimento. A participação de Vera Lúcia Couto dos Santos¹⁴, a primeira mulher negra a concorrer no Miss Brasil em 1960, e de Elaine Souza¹⁵, da etnia Katokinn, a primeira indígena eleita Miss Brasil, são exemplos de como esses eventos podem também ajudar a desafiar e a subverter as normas estabelecidas. Esses momentos representam não apenas a inclusão de diversidade física, mas também a ruptura com os estereótipos étnicos e culturais que têm marginalizado alguns grupos de mulheres. bell hooks (2019) discute a questão da representação da beleza negra em grandes espaços e argumenta que frequentemente esta beleza é negligenciada ou, quando presente, distorcida pelas lentes do patriarcado e vista somente por uma ótica de sexualização: “o corpo da mulher negra só recebe atenção quando é sinônimo de acessibilidade, disponibilidade, quando é sexualmente desviante.” (p.116). hooks sustenta, ainda, que as mulheres negras historicamente foram excluídas desse ideal de mulher boa para se casar, pelo contrário, ela destaca como as mulheres negras eram frequentemente associadas a estereótipos de “liberada e pronta para o sexo” (p.117). O ponto a que queremos chegar é: ao destacar mulheres de diferentes origens, esses concursos podem, sim, contribuir para a expansão da noção de beleza e para a valorização de histórias e identidades diversas, no entanto, é crucial mantermos um olhar crítico sobre como esses espaços são estruturados e como as participantes são retratadas. hooks (2019) enfatiza a necessidade de reconhecer e desafiar essas narrativas limitadas para

¹⁴ “Vera Lucia Couto, primeira miss Guanabara negra” é o título da matéria que trata da trajetória desta mulher que fez história ao se tornar a primeira negra a participar e vencer um concurso de beleza nos anos 1960. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/vera-lucia-couto-primeira-miss-guanabara-negra/> Acesso em: 01 nov. 2023.

¹⁵ Elaine Souza, uma mulher indígena, foi eleita Miss Brasil em 2021. Disponível em: <https://revistamarielclair.globo.com/Celebridades/noticia/2021/12/elaine-souza-e-primeira-indigena-vencer-o-miss-brasil.html>. Acesso em: 1 nov. 2023.

entender plenamente a diversidade e a complexidade da existência feminina, e com ela concordamos.

Os concursos de beleza são zonas de tensões sociais, embora sejam muitas vezes noticiados para não parecer. Eles reforçam normas, mas também oferecem oportunidades para desafiar e redefinir o que significa ser bela e valorizada em nossa sociedade¹⁶. Como já mencionado, as representações são construídas por linguagens, que, por sua vez, são uma construção social influenciada pelo contexto sociocultural, ideológico e moral de cada época. Ao reconhecer e problematizar estas construções discursivas e sociais, desconstruímos representações que são apresentadas como “normais” ou “ideais”. Ao fazer isso, trabalhamos para criar representações mais inclusivas e equitativas que reconheçam e celebrem a diversidade e complexidade das experiências femininas.

3.4 A Representação da Mulher na Mídia: Revisão da Literatura sobre os Estudos Anteriores

Neste tópico, destacamos alguns trabalhos que versam sobre o tema, apresentando breve resumos para estabelecermos um parâmetro. Para operar a partir de certa delimitação espaço-temporal e temática, estabelecemos como elemento descritor: “mulher”, “representação” e “periódico”. Fizemos este levantamento na Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações, no Google Acadêmico e na Plataforma Scielo. Para começar, o que já era esperado, não encontramos nenhum trabalho que tratasse da representação da mulher no jornal *O Progresso*. Entretanto, encontramos pesquisas que trabalharam a representação da mulher em décadas passadas em outros objetos. A título de ilustração, apresentamos cinco dentre os resultados, que, juntamente com outras, serão exploradas ao longo da pesquisa.

O primeiro trabalho que destacamos é a dissertação de Natália Conceição Silva Barros (2007), apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, intitulada *As mulheres na escrita dos homens: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife nos anos vinte*, na qual a autora, a partir dos estudos Foucaultianos, investiga práticas discursivas da imprensa como produtora e reprodutora de ordenamentos e divisões sociais entre homens e mulheres na década de 1920. Barros desenvolve seu trabalho

¹⁶ Um exemplo recente é o rebrand da marca Victoria's Secret que, depois de quatro anos sem realizar desfiles de lingerie, com suas famosas angel models, reapareceu este ano com uma coleção de lingerie adaptativas as mulheres com deficiência. Modelos com os mais diferentes tipos de corpo desfilaram utilizando as novas peças. Disponível em: <<https://istoe.com.br/victorias-secret-estreia-colecao-desenhada-para-mulheres-com-deficiencia/>>. Acesso em: 4 nov. 2023.

analisando trechos de jornais e revistas que, à época de sua publicação, entretinham e informavam a população da cidade metropolitana da capital pernambucana. Ao concluir suas análises, afirma que o feminino, sob a ótica masculina, “era relacionado à futilidade, ao consumo, à desordem do mundo ou, paradoxalmente, à maternidade e à proteção da espécie humana.” (p.139). A pesquisadora diz ainda que, ao olhar para o passado, podemos mudar nossas práticas discursivas do presente, diminuindo as fronteiras entre os gêneros feminino e masculino.

O segundo trabalho que merece relevo é *do lar ao trabalho*: a mulher na representação publicitária (1950/1960) escrito por Amanda da Fonseca de Oliveira e Everardo Rocha (2015); é um artigo apresentado no *XXIII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio* e que “analisou edições do Jornal O Globo entre os anos 1950 e 1967, visando investigar o consumo em sua relação com o universo feminino dentro e fora do lar na metade do século XX.” (p. 3). Os autores chegaram à conclusão de que a imagem da mulher nos textos publicitários era geralmente construída de modo ambíguo, “expressando tanto as necessidades de uma mulher nova e moderna quanto às condições dadas pela experiência tradicional”, ou seja, “ora era aconselhada a cumprir seus deveres em casa, ora encontrava, no consumo, a passagem para o trabalho e a esfera pública.” (p.13).

O terceiro trabalho é a monografia da pesquisadora Camila Padilha Trindade (2017), apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, intitulado *A mulher e a imprensa no início do século XX: a representação das mulheres na Folha da Noite de 1921 até 1925*. Trindade identificou os padrões de representação feminina da época, presentes no jornal, e mostrou como funcionava o jornal enquanto transmissor de tendências socioculturais do período. A pesquisadora selecionou este jornal por ele ser “o jornal que deu origem a um dos grandes veículos de até hoje no país – a Folha de S.Paulo” (TRINDADE, 2017, p.10). Ao analisar todos os periódicos disponíveis online, de 1921 a 1925, a autora concluiu que a reconstrução da trajetória histórica das mulheres dos anos vinte nos ajuda a buscar alternativas para solucionar problemas atuais relacionados ao gênero feminino. Reconhece ainda que há necessidade de mais estudos sobre esse tema, pois somente obtendo um cenário maior de como as mulheres eram representadas nas mídias do passado é que compreenderemos a origem de suas representações atuais.

O quarto trabalho, da pesquisadora Vanuza Alves Mittanck (2017), publicado no *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, recebeu o título de *as mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes*, traz importantes reflexões sobre o contexto da época.

Mittanck utiliza tanto autores que falam sobre a época, quanto recortes de grandes revistas como *O cruzeiro* para embasar seu trabalho. Em sua pesquisa, a autora explora as mudanças culturais e tradicionais que ocorreram ao longo do tempo, mostrando como certos aspectos tradicionais caíram em desuso e como outros permanecem até a atualidade. Mittanck (2017) destaca que, apesar do grande desenvolvimento industrial no Brasil durante a década de 1950, a mentalidade da sociedade não acompanhou plenamente esse progresso. Muitas pessoas ainda valorizavam costumes e comportamentos arraigados no tradicionalismo, o que gerava dificuldades em compreender e aceitar maneiras diferentes de viver ou fazer escolhas.

O quinto trabalho, “A discursivização da mulher no lar na década de 1950 no periódico *Jornal das Moças*”, de Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez (2017). Neste artigo, publicado na revista *Tabuleiro de Letras*, e resultado do projeto *Entre Amélias e Amálias*: a representação discursiva das mulheres: corpo, lar, trabalho e casamento nas revistas da década de 50, conduzido pela pesquisadora, no qual expõe como era feita a construção discursiva da “mulher no lar” na década de 1950. Para isso, utiliza jornal famoso da cidade metropolitana Rio de Janeiro da época, do qual separa duas propagandas de cursos à distância e um conselho às mulheres. A partir dessas materialidades, Alvarez constrói um *corpus* e, mobilizando os fundamentos da Análise do Discurso, de modo particular segundo Pêcheux e Fuchs, chega à conclusão de que a imagem discursiva construída pela revista é baseada em “conceitos hegemônicos dominantes, que definem o que é ser mulher e o lugar que ela deve estar, naturalizando a submissão e dependência da mulher ao homem e ao lar” (ALVAREZ, 2017, p. 54). A autora ainda complementa dizendo que até hoje esses sentidos reverberados no passado legitimam discursos difundidos em nossa sociedade.

De modo geral, destacamos alguns pontos comuns nessas pesquisas: trabalham com jornais veiculados em cidades grandes, compartilham do entendimento de que as práticas de representação das mulheres no passado ainda se fazem presentes e acreditam que o gênero feminino era, nas épocas em análise, determinado por atividades como a maternidade, o matrimônio (heterossexual), a beleza, a religiosidade (cristã) e quaisquer outras práticas “fúteis” se comparadas às dos homens. Nossa proposta, diferentemente dessas brevemente apresentadas, segue outro caminho, seja por conta da fonte, um jornal periférico (*O Progresso*) de uma cidade periférica (Dourados-MS) de um estado periférico (na década de 1950, Mato Grosso)¹⁷, seja por causa da finalidade: compreender essa mulher do interior de

¹⁷ O sentido de “periférico” neste trabalho nada tem de pejorativo. Ele caminha, neste primeiro momento, próximo da definição de Milton Santos: “Em termos geográficos, a periferia não será definida pela distância

um país em desenvolvimento. Indagamos se os tensos e intensos debates feministas que marcaram o século XX fizeram-se presentes nas páginas do periódico analisado e como isso ocorreu. Nossa hipótese é a de que a imagem de “mulher” construída pelo jornal douradense não apresenta diferença substantiva em relação aos periódicos dos grandes centros.

física entre um pólo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade. Esta depende essencialmente da existência de vias de transporte e da possibilidade efetiva de sua utilização pelos indivíduos, com o objetivo de satisfazer necessidades reais ou sentidas como tais. Mas a incapacidade de acesso a bens e serviços é, em si mesma, um dado suficiente para repelir o indivíduo e também, afirma, a uma situação periférica. (SANTOS, 1979, p. 229). Entendemos, todavia, que o termo precisa ser revisitado, para ser aprimorado ou abandonado, ao longo desta pesquisa.

4 ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO JORNAL DA DÉCADA DE 1950

Carla Bassanezi (2004, p. 508) explica que as mulheres eram ensinadas desde cedo a serem donas de casa, esposas e mães, sendo essas as funções “nobres” que delas esperava a sociedade. Aqui em Dourados não foi diferente. Fazendo uma primeira observação das notícias da metade do século XX, por exemplo, percebemos que as páginas de *O Progresso* eram tomadas por textos religiosos, por notícias legislativas, alguns poemas, trovas e piadas, que “diziam” como eram e como deveriam ser as mulheres. Dessa forma, quando uma ou outra “escapava” das normas estabelecidas, eram constantemente lembradas da condição de exceção, de sua condição de mulher. O reconhecimento por certos feitos, assim, esbarrava na questão do gênero feminino. A título de ilustração, vejamos esta nota de falecimento da senhora Albertina Ferreira de Matos¹⁸, a primeira mulher eleita e empossada em uma legislatura de Dourados.

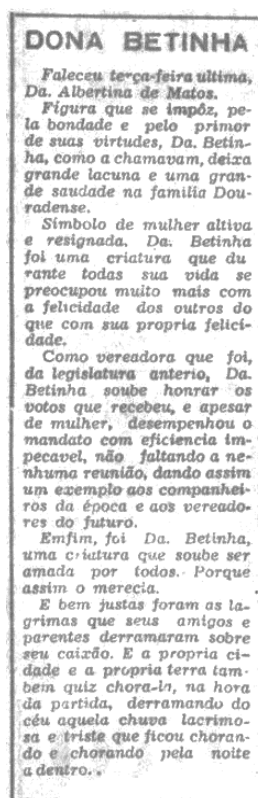


Figura11: Nota de Falecimento de Dona Betinha

Fonte: *O Progresso*, 1 de julho de 1951. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

¹⁸ Dourados 80 anos: Eu conto essa história! Disponível em: <https://www.progresso.com.br/noticias/programa-jornal-e-educacao-27-08-2015-19/164283/#:~:text=Foi%20a%20primeira%20mulher%20eleita,papel%20no%20cotidiano%20de%20Dourados>. Acesso em: 07 fev. 2023.

Dona Betinha, como era chamada Albertina de Matos, foi eleita vereadora em 1946 e exerceu mandato até 1950. No ano seguinte, em 26 de junho, faleceu. O enunciado da Figura 8, que tem como título seu apelido, foi publicado em 1º de julho de 1951, fazendo homenagem a uma cidadã e política de Dourados.

No primeiro parágrafo, o enunciador, ao informar sobre o falecimento de Betinha, destaca que sua ausência será bastante sentida na cidade de Dourados. A partir do segundo, o autor descreve Albertina como um "símbolo de mulher ativa e resignada", atribuindo-lhe certos atributos. No terceiro seguinte, apresenta o lado profissional da falecida:

Como vereadora que foi, da legislatura anterior, Da. Betinha soube honrar os votos que recebeu, e apesar de mulher, desempenhou o mandato com eficiência impecável, não faltando a nenhuma reunião, dando assim um exemplo aos companheiros da época e aos vereadores do futuro.

No trecho em questão, o autor diz que “Da. Betinha”, demonstrando de início certa aproximação afetiva, “apesar de ser mulher”, “soube honrar os votos que recebeu”. A locução prepositiva (“apesar de”) apresenta uma quebra de expectativa em relação ao que foi ou será apresentado no enunciado. Depreendemos daí que, na época, não se esperava que uma mulher fosse capaz de ser eficiente, pontual etc.

Judith Butler (2018) defende que o gênero é uma performance contínua, construída socialmente através de atos repetitivos. A partir de Butler, o caso de "Dona Betinha" pode ser visto como uma subversão das normas de gênero, justamente porque sua eficiência e dedicação são atos que desafiam as construções tradicionais do “feminino”. No entanto, o reconhecimento de sua competência ainda é mediado pela surpresa e exceção, o que reitera a normatividade do papel tradicionalmente esperado das mulheres, como se resumisse: “ela é competente, mas...”

Essa surpresa com o desempenho de Betinha, competente como vereadora, pode ser analisada à luz das teorias de Michel Foucault sobre a histerização do corpo da mulher. Em *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 1988), Foucault discute como a mulher foi historicamente posicionada como um ser dominado por sua sexualidade, um fenômeno que ele denomina *histerização do corpo feminino* (Foucault, 1988, p. 100). Este conceito refere-se ao processo pelo qual as mulheres são caracterizadas com uma sexualidade patológica e excessiva, o que acaba por justificar uma maior regulação e controle de seus corpos e comportamentos. Esse processo engloba a medicalização do corpo feminino, transformando-o em um objeto de estudo, diagnóstico e correção. As mulheres, historicamente vistas pela lente

de histerização, são frequentemente caracterizadas como mais suscetíveis a desvios comportamentais e emocionais, justificando assim uma maior regulamentação de seus corpos e ações. Esse paradigma impõe uma carga dupla sobre as mulheres: elas são ao mesmo tempo colocadas em um pedestal de pureza e virtude e constantemente vigiadas e restringidas devido à suposta instabilidade inerente à sua natureza. Ao desempenhar funções que tradicionalmente estavam fora de seu escopo, como a participação política exemplificada por *Dona Betinha*, as mulheres não só desafiavam essas normas restritivas, mas também rearticulavam e negociavam seu lugar dentro do tecido social. Contudo, a histerização persiste, muitas vezes vestida com novas roupagens, nas narrativas contemporâneas, continuando a influenciar a forma como os corpos e as capacidades das mulheres são percebidos e avaliados na sociedade.

Mesmo com mais mulheres ocupando lugares que majoritariamente são ocupados por homens, se compararmos com a época de Albertina de Matos, declarações como essa ainda se repetem em anos mais recentes, como o pronunciamento do político Abílio Júnior¹⁹ do partido podemos. Durante um debate entre os candidatos à prefeitura de Cuiabá, Mato Grosso, o então candidato, ao ser questionado por sua oponente, Gisela Simona (PROS), sobre quais eram as proposta/projetos dele para as mulheres cuiabanas, disse o seguinte: “Muito obrigada, Gisela! Você é inclusive uma excelente participante da disputa eleitoral, mesmo sendo mulher.” Este enunciado, assim como o enunciado anterior, sobre a vereadora Albertina de Matos, tem por base a mesma formação discursiva. Vejamos: o termo “mesmo sendo mulher”, no final da fala do candidato Abílio Júnior, nos faz inferir que, para ele, é surpreendente que uma mulher possa ser “excelente”. 70 anos separam esses dois enunciados, e o discurso que coloca a mulher numa situação de “apesar de” e “mesmo sendo” demonstra sua vitalidade. Dito de outro modo, há certa mentalidade que, imperante, diz: existem mulheres que executam com competência atividades (“elas são competentes...”), de modo particular aquelas sob dominância masculina, mas estas são “raras”, permitindo-nos deduzir que, mesmo com o avanço do tempo e de tudo que dele decorre, mulheres continuam sendo reduzidas, no discurso de dominação masculina, por serem mulheres.

Simone Beauvoir (1970), logo no início de sua obra *O segundo sexo*, apresenta os motivos de sua hesitação em escrever um livro tratando de “mulheres”, que nos ajuda a compreender melhor a importância histórico-política da essência dos movimentos feministas. A questão principal formulada por Beauvoir é que, diferentemente do “homem”, cuja

¹⁹ SALANI, Fabíola. Vídeo: Candidato bolsonarista faz ataque machista em debate à Prefeitura de Cuiabá. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2020/10/20/video-candidato-bolsonarista-faz-ataque-machista-em-debate-prefeitura-de-cuiaba-84437.html>. Acesso em: 09 fev. 2023

existência basta em si, não necessitando, portanto, de ficar se auto explicando, a “mulher”, por outro lado, é este ser cuja existência não é “natural”. Para ela, sobre as diferenças de sentido imputadas entre a palavra “homem” e “mulher”, diz que está sempre “aparece como o negativo” e que “toda determinação lhe é imputada como limitação” (BEAUVOIR, 1970, p. 9). Nas palavras dessa autora:

"A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades", diz Aristóteles. "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural". E Sto. Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". É o que simboliza a história do Gênesis em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um "osso supranumerário" de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

Segundo Pinsky (2014), no período de 1950 a 1960 houve aumento significativo na demanda por "trabalho feminino" em determinados setores e profissões específicas, como serviços de secretariado, fabricação de vestuário, assistência social e emprego doméstico. No entanto, essa demanda não se distribuía de forma uniforme em todas as áreas da economia. Esse fenômeno era resultado, em parte, da mentalidade preconceituosa da época, que estabelecia certos campos de atuação como exclusivamente masculinos ou femininos. A exemplo disso, a divulgação de uma escola de enfermagem, buscando formar mulheres para atuar no campo da saúde e da assistência, pode ser elucidativa.



Figura 12: Criada uma escola de Enfermagem no Hospital Evangélico
Fonte: *O Progresso*, 08 de março de 1953. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

O anúncio da Escola de Enfermagem Vital Brasil, vinculada ao Hospital Evangélico da cidade, representa um exemplo das oportunidades de trabalho destinadas especificamente às mulheres na década de 1950. O texto enfatiza a oferta de vagas para "moças" com idades

entre 17 e 30 anos, desde que possuam, no mínimo, o curso primário. Neste contexto histórico, a profissão de enfermeira era vista como uma carreira adequada para as mulheres, considerada nobre e compatível com o gênero que se acreditava ser plenamente adequado à profissão. A enfermagem era frequentemente associada aos cuidados com a saúde, a assistência e a maternidade, estereótipos tradicionais de gênero que restringiam as opções de trabalho femininas, enquanto a medicina era destinada aos homens. Como sabemos ainda hoje, "[...] o saber do médico incorpora o saber tecnológico, científico e masculino; o saber da enfermeira incorpora, ao contrário, o saber difuso, pouco científico e sobretudo um saber qualificado como feminino" (PEREIRA *et al.* 1997 p. 20).

Ao estudarem a feminização²⁰ no trabalho hospitalar, Borges e Detoni (2017) concluem que esse tipo de divisão não é um fenômeno isolado, mas está enraizado em uma longa história de divisão sexual do trabalho que associa as mulheres ao papel de cuidadoras. Esta associação é reforçada por práticas sociais e culturais que desde cedo treinam as meninas para funções de cuidado, como brincar com bonecas ou ajudar nos afazeres domésticos, preparando-as para papéis tradicionais de gênero que enfatizam a maternidade e a responsabilidade pelo bem-estar da família. A expansão da participação feminina no mercado de trabalho, especialmente em campos como a enfermagem, reflete essa continuidade, em que os cuidados de saúde são vistos como uma extensão do cuidado doméstico e materno. Ao estabelecer critérios específicos para a admissão, como a idade e a exigência mínima de escolaridade, o anúncio apresenta a maneira como as oportunidades de trabalho eram limitadas às mulheres naquele contexto. A restrição da faixa etária também sugere uma formação discursiva tradicional que associava a juventude das mulheres a uma maior disposição para exercer a profissão de enfermeira.

Em oposição ao trabalho dito “feminino”, encontramos este edital de concurso para o Banco do Brasil (Figura 13). Vejamos:

²⁰ Os autores definem feminização a partir de Yannoulas (2011) como: "um significado qualitativo que alude às transformações de significado e valor social de uma profissão ou ocupação, originadas a partir da feminilização ou aumento quantitativo e vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época" (p. 271)

EDITAL
BANCO DO BRASIL S/A
Concurso para Escriuario
Auxiliar

O Banco do Brasil S/A, faz público que, até 24 de Janeiro de 1953 (24/1/53), estarão abertas em sua Agência desta cidade as inscrições para o concurso acima, a realizar-se em dias, horário e local que serão oportunamente anunciados.

O concurso constará de prova (obrigatório o uso de lapic-cópia ou caneta tinteiro) das seguintes matérias:

- 1 - Português
- 2 - Matemática Comercial
- 3 - Contabilidade Bancária
- 4 - Francês
- 5 - Inglês
- 6 - Dattlografia

Na última faculta-se ao candidato a escolha da máquina entre as seguintes: Remington, Smith Corona.

Os exames de Português e Matemática Comercial terão caráter eliminatório e nessas disciplinas serão aprovados somente os candidatos que obtiverem 60 (sessenta) pontos ou mais em cada uma.

A nota final para a classificação do candidato resultará da média ponderada das notas conferidas a cada prova, tomando-se por base os seguintes:

Português	3
Matemática Comercial	3
Contabilidade Bancária	3
Francês	2
Inglês	2
Dattlografia	2

Considerar-se-á aprovado o candidato que obtiver o mínimo de sessenta pontos.

A inspeção de saúde, também eliminatória, se fará no ato da qualificação do candidato aprovado, por médico de confiança do Banco.

Não se aceitará candidato do sexo feminino.

A inscrição será solicitada pessoalmente, das 13 às 15 horas, e se derá ao candidato que, à data do encerramento (24/1/53), esteja em dia com as obrigações militares e ainda não haja completado 29 anos de idade.

O candidato que tiver menos de 18 anos, se for aprovado, somente poderá ser nomeado depois de haver atingido a essa idade.

Pagará o candidato a taxa de inscrição de Cr\$ 30.00 (trinta cruzeiros) e apresentará os seguintes documentos:

- a) - prova de naturalização, se não for brasileiro nato;
- b) - certificado de alistamento militar, de de reservista ou de isenção do serviço militar, ou ainda, carteira de identidade do Ministério da Guerra, Marinha ou Aeronáutica;
- c) - dois retratos recentes, tamanho 3 x 4, tirados de frente e sem chapéu.

No ato da inscrição, o candidato preencherá impresso de modelo apropriado, que será numerado e servirá para identificá-lo nas chamadas para as provas, qualificação (se nomeado) ou outras de caráter eventual.

O candidato deverá comparecer no local previamente determinado, antecedência mínima de 30 minutos da hora marcada para o início de cada exame. Os que não se apresentarem a tempo serão considerados desistentes e sob pretexto algum se lhes permitirá a entrada depois iniciadas as provas.

Terá o concurso a validade de dois anos e o julgamento das provas caráter irrevogável.

O candidato aprovado e nomeado, será admitido no posto inicial da carreira de escriuario (escriuario auxiliar), com os vencimentos mensais de Cr\$ 2.340,00 (dois mil novecentos e quarenta cruzeiros).

A inscrição do candidato implicará aceitação de servir em qualquer Agência do Banco e de transferência para qualquer local, em qualquer tempo, durante a vigência do contrato de trabalho. Os pedidos de remoção nos dois primeiros anos serão sumariamente arquivados.

Maracá M. T. - 3. de Janeiro de 1953.

Pelo Banco do Brasil S/A - Maracá M.T.,

José Machado
Gerente

Jorge Miranda
Contador

Para seus Impressos! procurem a GRÁFICA N.S. APARECIDA

Papel manilha, lapis cartolina, papel carbão folhas grande etc.

Figura 13: EDITAL. Banco do Brasil

Fonte: *O Progresso*, 18 de janeiro de 1953. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

Na Figura 13, o Edital anunciava a abertura de um concurso para vaga de Escriurário auxiliar no Banco do Brasil. O texto começa mostrando os conhecimentos que seriam exigidos na prova e logo depois informações apresentando o modo como seria calculada a nota dos candidatos. O que nos chama a atenção mesmo é essa passagem presente no sétimo parágrafo: “Não se aceitará candidato do sexo feminino”. Essa restrição não é apenas um ato isolado, mas sim um reflexo das relações de poder que moldavam a sociedade na época. Ao

não aceitar candidatas do “sexo feminino”, o concurso do Banco do Brasil está atuando como um mecanismo de controle e normatização dos papéis sociais de gênero, reforçando a ideia de que certos campos de atuação são exclusivamente masculinos, enquanto outros, como a enfermagem mencionada anteriormente, eram considerados apropriados apenas para mulheres. A demanda por conhecimentos específicos para o cargo é uma característica legítima de qualquer concurso, destinada a avaliar a adequação dos candidatos às responsabilidades do cargo. No entanto, é importante destacar que a exclusão com base no gênero é uma prática discriminatória que não pode ser justificada por meio das exigências de habilidades profissionais.

A discriminação por gênero nesse contexto revela uma dinâmica mais profunda de desigualdades e preconceitos arraigados na sociedade da época. Ao considerar o conjunto de habilidades necessárias para a função de "escriturário auxiliar", percebe-se que essas competências não são inerentemente ligadas ao gênero. As capacidades intelectuais e habilidades técnicas não são determinadas pelo gênero de um indivíduo, mas sim por suas aptidões individuais, educação e treinamento. A restrição de gênero imposta pelo edital mostra não apenas uma visão estereotipada das capacidades femininas, mas também como as relações de poder eram usadas para perpetuar a exclusão das mulheres de certos campos profissionais.

Essa discussão sobre quais trabalhos podem as mulheres executar ilustra como o poder está presente nas formações discursivas e práticas sociais. A respeito disso Foucault (2017) diz: “em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social [...]. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade” (p.101). Assim, no caso específico da Figura (10), há nele a expressão das relações de poder e das práticas discriminatórias presentes na sociedade de 1950, pois sustenta uma relação de poder que marginaliza e exclui as mulheres, restringindo suas oportunidades e direitos com base em sua identidade de gênero, afinal, a exclusão não ocorre por falta de qualquer atributo e/ou formação, e sim por gênero.

O poder, neste caso, não está centralizado no Banco do Brasil, mas sim difuso e operando através da estrutura social em sua totalidade. A decisão do Banco de excluir mulheres do concurso para escriturário auxiliar não é uma imposição arbitrária de uma única instituição, mas a manifestação de uma rede complexa de relações de poder que permeia toda a sociedade, regulando e normalizando os papéis de gênero. A exclusão é um exemplo de como as instituições agem como agentes dentro dessa rede, aplicando e reforçando as normas sociais existentes. Conforme descrito por Michel Foucault (1988, p. 88)

O poder está em toda parte; não porque ele englobe tudo, mas porque ele vem de todos os lugares [...] Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.

Esta restrição de gênero é um indicativo de como os discursos e práticas institucionais funcionam em conjunto para manter as mulheres marginalizadas de certos espaços profissionais, perpetuando as desigualdades de gênero dentro da sociedade.

As autoras Alvez e Pitanguy (1985), ao historicizar a presença da mulher no mercado de trabalho, dizem que, após o final da 2ª Guerra Mundial, houve um retorno da força de trabalho masculina e uma “diferenciação de papéis por sexo” (p. 50). Nesse contexto, a sociedade passou a valorizar a imagem da mulher como “rainha do lar”, enfatizando seu papel como dona de casa, esposa e mãe, e desvalorizando seu trabalho externo, considerando-o secundário em relação ao trabalho dos homens, como exemplificado na figura 14. Ainda sobre trabalho, outro ponto que nos chamou a atenção foram os anúncios públicos de “autorização marital” para que as esposas pudessem trabalhar no comércio.

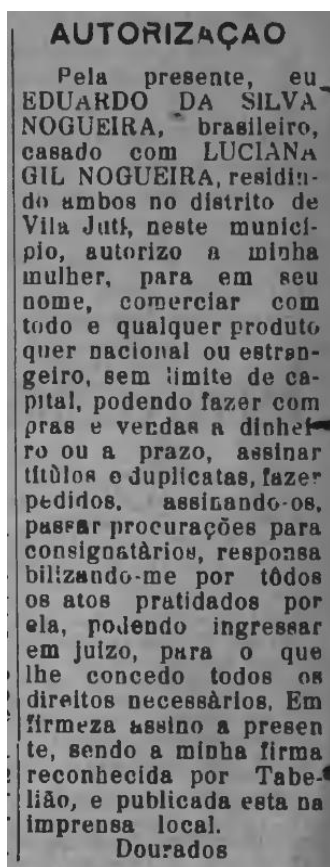


Figura 14: Autorização Marital

Fonte: *O Progresso*, 24 de agosto de 1952. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

A “autorização marital” publicada no jornal exemplifica o contexto de controle e restrição imposto às mulheres no que diz respeito ao trabalho, durante o período histórico em que vigorava o Decreto-Lei 5.452, conhecido como Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), instituído em 1943 no governo do Estado Novo. Conforme mencionado pela autora Andrea Borelli (2005), o artigo 233 dessa legislação estabelecia que a esposa precisava de autorização por escrito do marido para trabalhar, e essa permissão podia ser revogada a qualquer momento conforme a vontade do cônjuge. A “autorização marital” para as mulheres trabalharem assinala a distribuição desigual de poder entre homens e mulheres na sociedade, tendo em vista que essa prática reforça as normas e as desigualdades de gênero numa sociedade onde o papel tradicional da mulher é limitado ao espaço doméstico e cuidados familiares.

O Código Civil de 1916 foi o primeiro código civil brasileiro e permaneceu em vigor até a entrada em vigor do novo Código Civil em 2002. Esse código consolidou e organizou a legislação civil brasileira, estabelecendo as normas que regulamentam os direitos e obrigações de ordem privada concernentes às pessoas, aos bens e às suas relações. Ao estudarem a história do Código Civil de 1916, Leal e Borges (2017) afirmaram a presença de uma forte influência do Código Civil francês (Napoleônico) e do Código Civil alemão (BGB) na criação deste documento brasileiro, refletindo uma concepção patrimonialista e individualista do direito. A família patriarcal era a base da organização social segundo o código, o que se refletia nas disposições que tratavam do casamento, dos direitos e deveres dos cônjuges, da filiação e da sucessão.

Uma das características marcantes do Código Civil de 1916 era o tratamento desigual dado às mulheres casadas. Até a promulgação do Estatuto da Mulher Casada, pela Lei nº 4.121, de 27 de agosto de 1962, a mulher casada estava submetida ao poder marital, o que significava, entre outras coisas, que ela necessitava da autorização do marido para realizar uma série de atos da vida civil, como trabalhar fora, administrar seus bens ou dispor deles.

Naquele contexto, a mulher casada era considerada relativamente incapaz, uma situação jurídica que a colocava em uma posição de dependência em relação ao marido em diversos aspectos da vida civil. Essa incapacidade relativa significava que, para uma série de atos jurídicos, como a administração de seus próprios bens, a realização de negócios jurídicos ou a atuação no mercado de trabalho, a mulher casada necessitava da autorização expressa de seu esposo. Essa exigência não apenas limitava a autonomia e a liberdade de ação das mulheres casadas, mas também reforçava a ideia de que o homem era o chefe do lar e detinha o poder decisório final sobre os assuntos familiares e patrimoniais.

Além disso, as disposições referentes ao casamento e à família reforçavam a posição subalterna da mulher. O código estabelecia o dever da mulher de obedecer ao marido, de seguir sua residência e de contribuir para a manutenção do lar, entre outros. A concepção de família advogada pelo código estava centrada na figura do homem como provedor e autoridade máxima, com a mulher ocupando um papel secundário, focado na gestão do lar e na criação dos filhos.

Segundo Miranda (2013), o *Estatuto da Mulher Casada* foi um marco na legislação brasileira no que tange aos direitos das mulheres, em especial aquelas casadas. Esta legislação representou uma mudança substancial na forma como a mulher casada era vista e tratada perante a lei, contribuindo significativamente para a promoção da igualdade de gênero dentro do contexto matrimonial. A mulher casada ganhou, assim, a liberdade de gerir seus bens particulares, uma prerrogativa que antes era majoritariamente exercida pelo marido, simbolizando uma época em que a figura masculina detinha o controle sobre os aspectos financeiros e legais do casamento (MIRANDA, 2013).

Outra inovação trazida pelo estatuto foi a flexibilização no regime de bens, permitindo que os cônjuges escolhessem o regime que melhor se adequasse às suas necessidades e desejos, proporcionando uma maior autonomia e consenso no âmbito matrimonial. Além disso, o direito de a mulher exercer profissão, comércio ou indústria sem depender da permissão do esposo, constituiu uma referência significativa na luta pela igualdade de oportunidades e pela participação feminina no mercado de trabalho e na vida pública (MIRANDA, 2013).

No caso específico da autorização mencionada, o marido, Eduardo da Silva Nogueira, concede formalmente à sua esposa, Luciana Gil Nogueira, a permissão para comerciar com qualquer produto, nacional ou estrangeiro, sem limitação de capital. Ele autoriza que ela faça compras e vendas a dinheiro ou a prazo, assine títulos e duplicatas, faça pedidos e outorgue procuração para consignatários, assumindo a responsabilidade por todos os atos praticados por ela. Além disso, a autorização permite que ela ingresse em juízo, concedendo-lhe todos os direitos necessários para exercer suas atividades comerciais. As autorizações maritais publicadas no jornal podem ser entendidas como um exemplo social de poder exercido sobre as mulheres, uma vez que elas eram obrigadas a obter permissão formal dos maridos para exercerem atividades comerciais, sendo essa prática a parte de um conjunto mais amplo de mecanismos disciplinares presentes nas sociedades. Essa autorização revela como o poder não se resume a uma proibição pura e simples, mas sim a um conjunto de práticas e dispositivos que permeiam a sociedade, moldando as relações de gênero e reforçando as normas sociais da

época (FOUCAULT, 2017). As mulheres eram impedidas de trabalhar fora das fronteiras do lar sem a permissão formal de seus maridos, o que mostra uma concepção dominante de que o espaço público era destinado aos homens.

Um exemplo mais lúdico dessa prática destacamos da série brasileira *Coisa mais linda*²¹, ambientada em 1959, que busca retratar a vida de quatro mulheres no Rio de Janeiro e suas tentativas de escapar dos padrões e estereótipos impostos às mulheres da época. Malu, Adélia, Thereza e Lígia enfrentam desafios e buscam romper com as expectativas sociais daquele período. No episódio intitulado "Garotas não são bem-vindas", da primeira temporada, a personagem Malu, interpretada pela atriz Maria Casadevall, enfrenta uma situação que, à primeira vista, poderia parecer apenas um drama típico de novela. Malu deseja abrir um restaurante musical no Rio de Janeiro e procura obter empréstimo no banco para concretizar seu sonho. Contudo, ela se depara com uma triste realidade: não pode obter o empréstimo por não possuir a tão necessária autorização do marido. Essa situação vivida pela personagem Malu pode parecer apenas ficção, mas, ao verificar o contexto histórico nos jornais da época, percebemos que situações semelhantes eram, de fato, uma realidade enfrentada pelas mulheres. A autorização marital era uma barreira legal que limitava a autonomia e a liberdade econômica das mulheres na sociedade brasileira da década de 1950, que precisavam do consentimento de seus maridos para realizar negócios, abrir empresas ou mesmo obter crédito em instituições financeiras.

Na publicidade, o que encontramos no jornal *O Progresso* reafirma as conclusões de Oliveira e Rocha (2015) no artigo *Do lar ao trabalho: a mulher na representação publicitária (1950/1960)*, para os quais “Os jornais tiveram grande importância na veiculação dos bens de consumo [...] anúncios espalhados por suas páginas, mostravam produtos inovadores, com características adequadas às necessidades da família da classe média brasileira” (p.5). A título de exemplo, a Figura 15:

²¹ GAROTAS NÃO SÃO BEM-VINDAS. Direção: Giuliano Cedroni. Produção: Giuliano Cedroni. Plataforma Netflix. 2020. 46m. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Esta é a verdade!

Os aparelhos domésticos ARNO gastam tanta energia quanto uma lâmpada!

100 VELAS

PAT. N. L. 1066 e P. L. 39.908

Sim! O consumo mensal de energia dos aparelhos domésticos ARNO corresponde ao de uma simples lâmpada elétrica. Construídos dentro dos mais atualizados princípios técnicos, os aparelhos elétricos ARNO garantem maior conforto ao seu lar, sem desequilibrar a sua quota de energia elétrica. Oferecendo máxima comodidade às donas de casa e sem interferir no rádio ou em quaisquer outros utensílios elétricos, os aparelhos domésticos ARNO funcionam sem prejudicar a sua quota de energia.

Os aparelhos elétricos ARNO funcionam perfeitamente, mesmo quando há quedas de voltagem!

Compre ARNO para comprar o melhor!

ARNO S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
A maior fábrica de motores elétricos e aparelhos domésticos da América Latina

Matriz: Avenida do Café, 240 (Moóca) - Telefone: 33-5111 - Caixa Postal 8217
Endereço Telegráfico: "ARNODOMUS" - SÃO PAULO - Estado de São Paulo

Revendedores ARNO em DOURADOS:
IRMÃOS NOCERA & CIA. LTDA.
Rua Marcelino Pires, s/n.

Figura 15: Esta é a verdade

Fonte: *O Progresso*, 24 de agosto de 1952. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

A propaganda de equipamentos domésticos intitulada "Esta é a verdade" reforça a cultura de consumo da época e o papel atribuído às mulheres na sociedade. O anúncio se direciona às "donas de casa", destacando que os aparelhos elétricos ARNO garantem maior conforto ao lar, sem desequilibrar o consumo de energia elétrica e sem afetar outros equipamentos, como o rádio. Essa abordagem enfatiza a ideia de que as mulheres são responsáveis pelo ambiente doméstico e seu bem-estar.

Pinsky (2014) ao falar dos deveres atribuídos a uma "boa esposa", diz que "a administração doméstica cotidiana era a cargo das mulheres como uma atividade complementar às obrigações econômicas do marido" (n.p), reforçando que, além do cuidado de limpeza e organização da casa e da família, também era de responsabilidade das mulheres o gerenciamento das finanças domésticas. Podemos ver que o anúncio enfatiza repetidamente que os aparelhos elétricos ARNO funcionam sem prejudicar a "quota de energia", sugerindo,

assim, que as mulheres podem tê-los sem que isso sobrecarregue financeiramente os maridos.

A mídia, especialmente a publicidade, foi um meio poderoso na perpetuação de estereótipos de gênero durante os anos 1950. Enquanto a indústria da moda e as celebridades como Marilyn Monroe e Brigitte Bardot estabeleciam padrões estéticos (CABRAL, 2023), a publicidade em revistas, jornais, rádio e na televisão emergente reforçava a imagem da mulher como dona de casa perfeita, promovendo produtos de beleza e eletrodomésticos como essenciais para a manutenção do lar e do casamento.

No entanto, esses padrões e papéis não permaneceram estáticos. Com o passar do tempo, houve um movimento gradual em direção à redefinição dos papéis femininos e dos padrões de beleza. Na década de 1960, movimentos contraculturais começaram a desafiar as normas estabelecidas, promovendo uma estética mais natural e uma valorização da individualidade (ROCHA; FURUTANI, 2020). Essas mudanças eram transformações mais amplas na sociedade e marcaram o início de uma nova era na representação da beleza feminina. A evolução dos padrões de beleza e dos papéis de gênero destaca a natureza dinâmica desses conceitos. Embora a década de 1950 tenha sido marcada por uma forte ênfase nos valores tradicionais de feminilidade e beleza, as décadas subsequentes testemunharam um questionamento crescente dessas normas. A representação da mulher na mídia evoluiu de um modelo centrado na família e na aparência para um que reconhece e celebra uma maior diversidade de papéis e estilos femininos. Essa transformação continua a ser um aspecto crucial da interação entre os meios de comunicação, a sociedade e a construção da identidade feminina.

A década de 1970 marcou um avanço significativo na luta pelos direitos das mulheres, influenciando profundamente a representação feminina na mídia. A emergência do feminismo de segunda onda trouxe consigo uma crítica incisiva aos estereótipos de gênero e aos padrões de beleza impostos às mulheres. Neste período, houve um esforço consciente para desmontar a ideia de que a feminilidade estava intrinsecamente ligada à aparência e ao papel doméstico. A Segunda Onda Feminista é uma continuidade da Primeira Onda Feminista, com as mulheres se organizando e reivindicando seus direitos. Entretanto há características que distinguem as duas fases. Enquanto no primeiro momento as mulheres lutavam por conquista de direitos políticos, no segundo momento as feministas estavam preocupadas especialmente com o fim da discriminação e a completa igualdade entre os sexos.

As mulheres passaram a ser retratadas em uma variedade de papéis profissionais e pessoais, desafiando a noção de que sua principal contribuição à sociedade era como donas de casa e mães (GONZALES, 2018). Esta mudança na mídia refletia uma crescente

conscientização e aceitação de que as mulheres possuem uma gama diversa de interesses, habilidades e aspirações.

Ao mesmo tempo, a indústria da moda e a publicidade começaram a enfrentar críticas por perpetuar padrões de beleza inatingíveis. A noção de beleza começou a ser questionada e redefinida, com uma ênfase crescente na saúde e no bem-estar, em vez de uma aderência rígida a um ideal estético específico. Campanhas publicitárias e editoriais de moda passaram a incluir mulheres de diferentes idades, etnias e tipos corporais, promovendo uma visão mais inclusiva e realista da beleza feminina.

No entanto, apesar desses avanços, a mídia e a indústria da moda continuam a desempenhar um papel ambíguo na representação da beleza feminina. Embora haja uma maior diversidade nas representações, a pressão para aderir a certos padrões estéticos ainda persiste. A era digital e as redes sociais introduziram novas dimensões nessa dinâmica, com a proliferação de imagens retocadas, padrões de beleza e de vida inalcançáveis. As autoras Letícia Rodrigues Vaz, Keilane Pereira Cardoso da Silva e Daniela Ponciano Oliveira (2022), ao estudarem “A representação da beleza feminina nas mídias sociais: padrões estéticos e impactos na autoestima”, afirmam que as mídias sociais são fortes formadores de opinião e de padrões. Essa padronização corrobora a distorção de imagem, interferindo diretamente na autoestima da mulher. Resumidamente, o que queremos expor com essa breve linha temporal é que, nos anos 1950 e ainda hoje, as mídias fazem parte desta rede de poder que determina como uma mulher deve ser.

4.1 Espaços Confinados: a Seção Doméstica e o Reforço das Dinâmicas de Gênero e Raça

Como mencionado no capítulo 1, uma das seções do jornal era a "Doméstica", que trazia dicas de limpeza, receitas e cuidados com o lar. Essa seção, embora útil em fornecer informações práticas, também servia como um lembrete constante das normas sociais da época, que atribuíam à mulher o cuidar do marido, dos filhos e do lar. A título de exemplo:

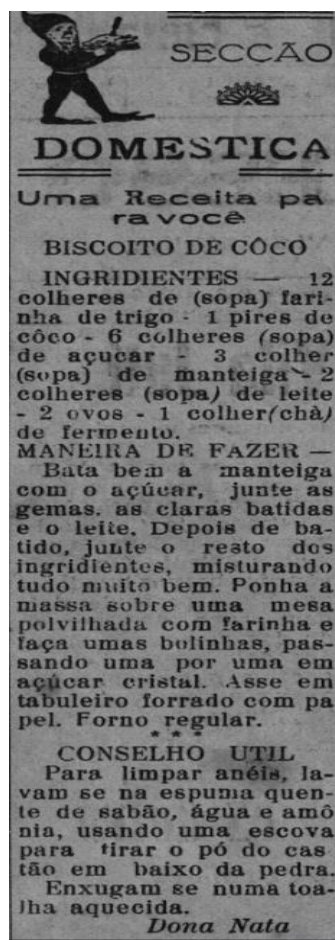


Figura 16: Secção Doméstica

Fonte: *O Progresso*, 06 de maio de 1951. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

Por mais inofensiva que pareça, sobretudo em uma cidade interiorana como Dourados na década de 1950, a seção cumpria uma função social específica: reforçar o papel tradicionalmente atribuído às mulheres no ambiente doméstico, proporcionando-lhes orientações e conselhos que as mantinham dentro de um determinado espaço social. O enunciado “uma receita para você”, o pronome “você”, para um leitor da época, parece não deixar dúvidas quanto a sua referência: a “mulher doméstica branca”, porque letrada, reforçado por outros dois indícios que indicam o gênero feminino: “doméstica” e “Dona Nata”.

Para a mulher branca, esses códigos implicavam na administração do lar, incluindo o papel de patroa das empregadas domésticas. Carla Bassanezi Pinsky (2014) destaca que trabalhar fora do lar, exceto quando necessário para auxiliar no sustento da casa, era visto como uma transgressão do papel naturalmente doméstico da mulher, denotando uma negação de sua feminilidade ou instinto natural de cuidado. Pinsky (2014) revela argumenta que bastava à mulher “certos conselhos práticos e morais para que ela possa cumprir bem os

papéis femininos e saiba manter uma boa anfitriã ou uma companhia agradável” (n.p)

Esta realidade, contudo, contrasta drasticamente quando observamos a situação das mulheres negras. Como aponta Bell Hooks (2019), para muitas mulheres negras, o trabalho doméstico não era uma escolha, mas uma imposição econômica e social que reforçava as interseções de gênero, raça e classe. A inserção dessas mulheres negras no mercado de trabalho doméstico ratificava a estratificação social. Essa observação também aparece nos trabalhos de Santos, para quem

As mulheres negras sempre estiveram inseridas no mercado de trabalho, e, em sua maioria como domésticas, sendo exploradas em troca de comida, baixas remunerações e moradia. Para que as mulheres não-negras fossem lutar ‘pelo direito de trabalhar’, as mulheres negras tiveram que trabalhar em suas casas, cuidar de seus filhos, cozinhas para a família dessas mulheres. Assim, o trabalho nunca foi uma conquista para a mulher negra (SANTOS, 1979, p.91).

Apenas a presença de uma seção “Doméstica” já nos faz questionar a complexidade das dinâmicas de poder que estruturavam a sociedade douradense dos anos 1950. Se, por um lado, esse conteúdo servia para “educar” as mulheres brancas, perpetuando um ideal de feminilidade submissa e domesticada, por outro, em se tratando de mulheres negras, este conteúdo representava uma realidade de trabalho precário e de baixo status. Esta dicotomia entre a experiência das mulheres brancas e negras no contexto doméstico ilustra como o poder, o gênero e a raça se entrelaçam para moldar as vidas e oportunidades das mulheres de maneiras profundamente desiguais.

Apesar disso, embora a seção "Doméstica" possa ser vista como um modelo preciso de uma época machista e repressora, é importante reconhecê-la também como um registro histórico importante das normas sociais da época. Ao analisarmos discursivamente esse tipo de conteúdo, entendemos melhor as lutas e conquistas das mulheres ao longo da história e como elas desafiaram e superaram essas expectativas limitantes.

Vale reforçar que, mesmo na década de 1950, nem todas as mulheres se encaixavam, nesse modelo de dona de casa submissa. Havia mulheres que trabalhavam fora de casa, que questionavam as normas sociais e que lutavam por seus direitos. Essas mulheres foram fundamentais para o movimento feminista e para as mudanças sociais que ocorreram nas décadas seguintes.

Hoje em dia, uma seção "Doméstica" em jornais seria considerada ultrapassada e sexista. Nas sociedades ocidentais, muitas mulheres conquistaram o direito de escolher seus

próprios caminhos na vida, de ter uma carreira profissional e de não serem definidas apenas por seu papel como mãe e esposa.

4.2 Mulheres em Palha Assada

Uma das formas mais comuns de abordar temas polêmicos é por meio de piadas. Discursivamente falando, elas são extremamente ricas por romperem barreiras tanto linguísticas quanto sociais. São capazes de mostrar até onde a língua pode ir para significar (POSSENTI, 2003), mobilizam discursos controversos, estereótipos e preconceitos profundamente enraizados em nossa sociedade lançando luz sobre como aquele conjunto de pessoas enxerga ou enxergou as coisas do mundo.

A piada muitas vezes se torna o “escape” social permitido para falar de temáticas “proibidas”. Além disso, segundo Ávila (2008), o fato de as piadas geralmente não indicarem seus autores causa certo alívio aos enunciadores que, mesmo assumindo, em determinado momento, a figura de um sujeito preconceituoso, se eximem da responsabilidade do que foi enunciado, afinal é “só uma piada”. É esse contrato social de que não haverá represália nem por parte de quem diz ou de quem ouve, que faz com que discursos sexistas, homofóbicos, racistas e/ou preconceituosos apareçam com tanta facilidade neste gênero textual, embora, hoje, queremos crer, com menos frequência do na década de 1950, por exemplo.

O título da coluna destinada à exposição de piadas no jornal *O Progresso* é: Palha Assada. Em um primeiro momento, vendo a imagem dos palhaços (*Figura 17*), inferimos que o título é um trocadilho da palavra “palhaçada”. Na cultura do humor, é comum que se façam associações entre palavras que possuem sons ou grafias semelhantes (POSSENTI, 2013). Além da brincadeira sonora entre a expressão e as palavras “palha” e “assada”, também podemos pensar no significado dessas palavras separadamente: “palha” é um material de pouco valor e pouca importância, enquanto a palavra “assada” é aquilo que foi submetido ao fogo. A expressão “palhaçada” pode ser usada para se referir a uma bobagem ou a uma brincadeira despretensiosa. Dessa forma, é possível interpretar que o título “Palha Assada” sugere que as piadas contidas na coluna são algo sem importância, mas que, ainda assim, “servidas” aos leitores. Além do título da coluna ser “Palha Assada” escrito verticalmente, uma outra maneira de identificar esse espaço era pelas icônicas figuras de um palhaço e uma dançarina que ficavam do lado esquerdo do título. Até 1956 a coluna se manteve com essa configuração. A partir de 1958 passou a se chamar “Humorismo” e, em 1960, a “Mundo Humorístico”.

Logo na primeira edição do jornal publicada em 21 de abril de 1951, a seguinte piada:



Figura 17: Humorismo. Homem casado há vinte anos.

Fonte: O Progresso, 21 de abril de 1951. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

A piada traz consigo implicitamente a ideia de que um homem só ficaria casado tanto tempo com a mesma mulher se estivesse doente, ou seja, aqui o casamento é retratado como uma instituição que prende (o homem) a uma única pessoa pelo resto da vida. Apesar de não haver citação direta de que o homem do enunciado está casado com uma mulher, está pressuposto, para o leitor da época, que o casamento só é casamento se for entre um homem e uma mulher. Segundo Blasque e Oliveira (2020, p.120), “O pressuposto designa o que pode ser implicado logicamente pelo posto, não está presente na mensagem de modo explícito, mas está inscrito no enunciado”. Na mesma direção, Rebello (2015, p.470) diz que “o pressuposto é um dado posto como indiscutível para o falante e para o ouvinte, não é para ser contestado”. Dessa forma não foi preciso citar a mulher na condição própria de mulher da época; e a piada só conseguiria produzir o efeito de humor nessa condição de interpretação

A visão negativa da mulher no casamento era uma temática comumente retratada nesta coluna, seja ela ocupando o papel de esposa ou ocupando o papel de sogra. Vejamos outro exemplo:

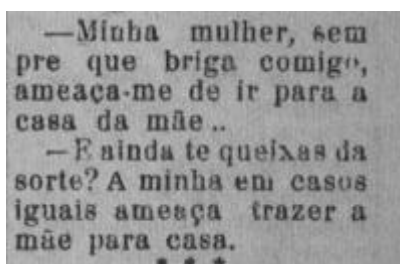


Figura 18: Humorismo. Ameaças matrimoniais

Fonte: O Progresso, 21 de junho de 1953. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

Esta piada foi escrita como se dois homens estivessem conversando sobre suas esposas. No primeiro trecho, a presença do advérbio de tempo “sempre” que indica frequência – “Minha mulher, **sempre** que briga comigo, ameaça-me de ir para a casa da mãe... (grifo nosso)” – indica um hábito comum das mulheres. Ou seja, a ameaça da esposa de ir para a casa da mãe quando há brigas é apresentada como um comportamento típico da mulher, retratando-a como alguém que não sabe lidar com conflitos de outra forma, que não tem maturidade emocional suficiente para resolver os problemas e que está sempre brigando. Filho e Bakker (2019), em seu artigo “Sob o risco de estresse: as consequências da emancipação feminina na revista *Veja* (2000 - 2018)”, ao analisarem discursivamente algumas reportagens sobre as mulheres, afirmam que

Ao longo da história, o corpo da mulher foi objeto de estudos para diversas áreas científicas que buscaram desvendar sua suposta natureza. Com destaque para o diagnóstico de histeria e das doenças nervosas na passagem do século XIX ao XX, a fisiologia feminina é historicamente associada a oscilações de humor, com súbitos rasgos de irritabilidade, que contrastam com a cordialidade e amabilidade associadas ao temperamento do gênero (p.563).

Historicamente, houve uma tendência a descrever as mulheres como emocionalmente instáveis e irracionais, o que às vezes foi associado a doenças mentais, como a histeria. No século XVIII, a medicina começou a ter um papel importante na definição e no tratamento da histeria, considerada não só uma condição médica, mas também um fenômeno profundamente ligado à feminilidade. Foucault argumenta que a histeria é um dos primeiros exemplos de como o corpo feminino foi dominado e patologizado por discursos médicos, reforçando estereótipos de gênero que pintavam as mulheres como inerentemente frágeis, emocionais e irracionais (FOUCAULT, 1988). Essa patologização está ligada à ideia de uma "natureza" feminina inerentemente caótica e instável, que precisa ser monitorada, regulada e, em muitos casos, corrigida

Historicamente, portanto, a medicina e a sociedade construíram uma narrativa que associa a mulher à instabilidade emocional e à irracionalidade, rotulando-a como "histérica" em diversos contextos, sobretudo quando buscava reivindicar seus direitos ou expressar suas emoções e desejos. Este rótulo serviu como um mecanismo de controle social e médico sobre o corpo e a mente das mulheres, limitando suas capacidades e sua participação na esfera pública. A histeria, outrora considerada uma condição exclusivamente feminina, é, em grande medida, produto das tensões e restrições impostas pelo patriarcado à expressão da

feminilidade e à autonomia das mulheres (COLLING; TEDESCHI, 2019).

Ao longo dos séculos, as mulheres foram submetidas a tratamentos invasivos e desumanizantes, sob o pretexto de curar a histeria, incluindo a internação compulsória em instituições psiquiátricas, onde eram frequentemente submetidas a práticas como a histerectomia (remoção do útero) e outras formas de violência médica. Essas intervenções não só ignoravam as causas reais do sofrimento das mulheres, muitas vezes relacionadas às opressões sociais e à falta de liberdade, como também reforçavam a ideia de que o corpo feminino era inerentemente defeituoso e precisava ser controlado (COLLING; TEDESCHI, 2019).

No seguinte fragmento “E ainda queixas da sorte? A minha em casos iguais ameaça trazer a mãe para casa”, há a imagem da mulher-sogra, que aparece como uma figura indesejável e incômoda.

A piada enfatiza a imagem de que as esposas eram vistas como responsáveis por manter a família em união ou desunião, enquanto as sogras eram vistas como intrometidas, que interferem na (in)felicidade do lar. Parece-nos difícil precisar quando “sogra” passou a ter essa conotação negativa a ponto de ser motivos constante de piadas. Sabemos, por exemplo, que obras antigas e até contos de fadas já exploravam a relação complexa entre mães e filhas, ou sogras e genros. Na história da literatura, portanto, as sogras muitas vezes foram retratadas como personagens difíceis, controladoras, intrometidas, maléficas, o que contribuiu para a perpetuação desse estereótipo. Narrativas como *Medeia*, de Eurípedes (2010); *A sogra*, de Terêncio (1994); *Cymbeline*, de Shakespeare (2016); *Branca de Neve e os sete anões*, dos irmãos Grimm (1812); estes são alguns exemplos ilustrativos de textos literários que contribuíram para alimentar esse estereótipo sobre a sogra. Na literatura de língua portuguesa, há *A velha*, de Fialho de Almeida (1973), e *Livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo (2013), que recebem uma análise, pela perspectiva dos estudos de literatura comparada, de Elisabeth Batista (2002), que confirma nossas observações

Nestas primeiras análises, podemos dizer, então, que as piadas de casamento geralmente se referem ou ao matrimônio como “prisão” ou a inconveniência de se ter uma sogra. A lógica que se aplica à sogra, parece se aplicar à viúva. Até mesmo o “satanás” é considerado uma “pessoa” melhor para se ter ao lado se comparado a uma viúva, como ilustra essa Figura 19:

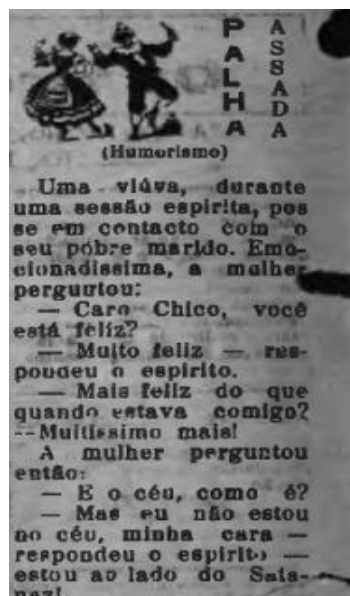


Figura 19: Humorismo. Uma sessão espírita

Fonte: O Progresso, 25 de maio de 1952. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

A piada retratada na Figura 15 começa com uma pequena introdução que contextualiza o contato de uma viúva com seu falecido marido. Percebemos que há um valor atribuído ao marido quando ele é definido como “pobre”, não no sentido de que possuir poucos recursos financeiros, mas no sentido de coitado. Em um primeiro momento, acreditamos que esse valor foi dado a ele pelo fato de estar morto, mas, até o final da narrativa, é possível interpretar esse “pobre” como um adjetivo que serve para definir este homem até mesmo quando estava vivo.

Até aqui vemos uma esposa que ainda se coloca, “emocionadíssima”, no papel de cuidar da felicidade do marido, de todas as perguntas que ela poderia ter feito, pergunta sobre o “bem-estar” do falecido. Quando ele responde que é muito feliz e muito mais feliz do que quando estava casada com a protagonista, é criada uma expectativa positiva. Para um cristão, só é possível, pós-morte, estar bem, se no Céu²², próximo a Deus. Se o finado diz estar “muito feliz” e, na sequência, “muitíssimo mais”, então, a questão possível é perguntar sobre o lugar onde está o marido, que, na perspectiva da mulher, só pode ser o Céu. Em seguida, o desfecho e a quebra de expectativa.

A comparação da mulher com o Satanás, inferiorizando a primeira em relação ao segundo, sugere que viver com a esposa é “muito pior” e “muitíssimo pior” do que viver na

²² Aécio Thiago Alves de Souza (2020), no artigo *Entre céus e infernos: as fronteiras do eterno*. estuda como a dicotomia “Céu” e “Inferno” no pós-morte influencia a sociedade. Como sabemos, o céu é o lugar para onde os bons vão e podem desfrutar de todos os benefícios a que têm direito ao estar ao lado de Deus. O inferno é o oposto disso, o distante de Deus, para onde vão os maus.

punição eterna. Além disso, o enunciado também perpetua a ideia de que a felicidade de um homem depende de não estar casado. Por outro lado, se levarmos em consideração que o “inferno” representa o lugar para onde os “maus” vão, podemos inferir que o homem não era “bom” enquanto vivo.

A comparação entre a figura da mulher e a do demônio já foi motivo de estudo por muitos pesquisadores. Estudar sobre isso é importante já que a religiosidade cristã exerceu e exerce grande influência sobre as relações de gênero. Na figura mitológica de Adão e Eva, por exemplo, a mulher é representada como aquela que peca ao comer o fruto proibido e, portanto, a ela é imputada a culpa pela perda do Paraíso. Ela, o elo fraco da relação, deixou-se iludir pela serpente, levando Adão a também desobedecer a Deus. Esta narrativa e todas as demais que dela beberam atribuem à mulher a responsabilidade pela condenação do mundo e de todos os seus pecados. Este discurso é base para um longo processo de culpabilização feminina: “Eva é a representação do feminino enquanto figura demoníaca, em consequência da “desobediência feminina” diante de duas figuras masculinizadas: Deus e o homem” (LEMOS, 2007, p.115). Observemos outro exemplo:

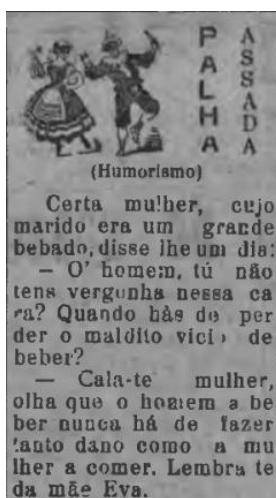


Figura 20: Humorismo. Mãe Eva.

Fonte: O Progresso, 22 de junho de 1952. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

Ao mencionar Eva, a piada remete à narrativa bíblica em que a mulher é responsabilizada pela queda do homem e, por extensão, pela introdução do mal no mundo. Essa associação entre Eva e o diabo é, novamente, uma construção cultural que reforça a ideia de que as mulheres são inferiores, fracas e malignas. A narrativa é construída numa oposição bebida x comida, de modo mais preciso, bebida alcoólica, pois se trata de um “grande bêbedor”, um viciado. Ao tomar a questão da comida como um ponto de discórdia, o homem

resgata um discurso comum de que as mulheres comem mais depois que se casam e, portanto, engordam com essa prática. Ao engordarem, elas acabam prejudicando, tal como Eva, o homem, que ficam com uma mulher pouco atraente²³.

Seja como for, o fio em comum entre essas piadas é o fato de existir uma mulher responsável pela infelicidade de um homem, o que nos faz pensar na definição de androcentrismo. Para Garcia (2015), o mundo se define, em geral, pelo olhar masculino e, como tal, considera o homem como medida de todas as coisas. A felicidade só existe se o homem estiver feliz, e, quando há infelicidade, a culpa é de uma mulher.

Ao analisar o discurso humorístico sobre o casamento, compreendemos como as piadas apresentam as normas e expectativas sociais em torno dessa instituição. Folkis considera, por exemplo, que as piadas sobre matrimônio não podem ser analisadas sem que se leve em consideração as relações de gênero, afinal, o conceito de marido e mulher é algo que foi construído socialmente. As piadas possuem o poder de reproduzir um discurso já estabelecido que no geral são bastante negativos ao falar das mulheres, perpetuando preconceitos como mulheres são fofoqueiras, mulheres são consumistas, mulheres são fúteis, como ilustrados nas Figuras 21, 22 e 23.

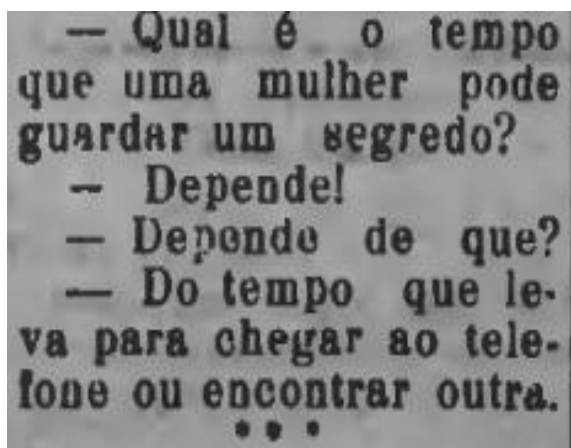


Figura 21: Humorismo. Fofoqueiras

Fonte: O Progresso, 24 de maio de 1953. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

²³ Pesquisas recente analisam o fato de mulheres ganharem peso após o casamento. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2011/08/casar-faz-mulher-engordar-e-homem-ganha-peso-apos-divorcio-diz-estudo.html>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

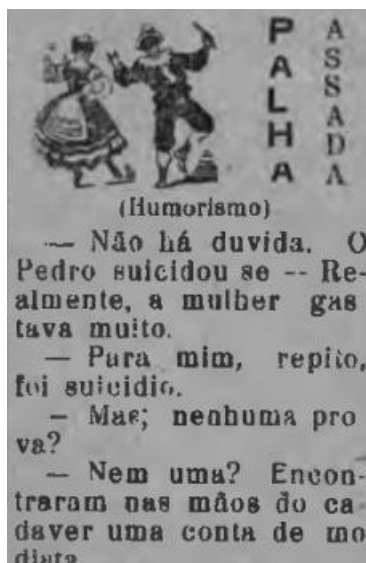


Figura 22: Humorismo. Consumistas

Fonte: O Progresso, 25 de março de 1954. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

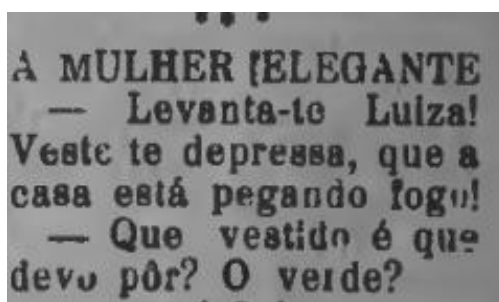


Figura 23: Humorismo. Mulher “elegante”

Fonte: O Progresso, 17 de maio de 1953. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

Piadas que desvalorizam as mulheres, que ridicularizam suas habilidades e que reduzem sua importância a estereótipos limitantes são comuns até hoje. Vejamos esse exemplo de “mulher bem-sucedida”:

Um homem bem-sucedido é o que faz mais dinheiro do que sua mulher pode gastar. Uma mulher bem-sucedida é a que acha esse tipo de homem.²⁴

Essas piadas contribuem para a manutenção de desigualdades e discriminação de gênero. O humor pode ser uma forma poderosa de promover a empatia e o entendimento mútuo, mas também pode ser usado para diminuir ou humilhar um grupo de pessoas e até mesmo instigar a violência. Vejamos esse outro exemplo:

²⁴ Guia de casamento. Piadas: Humor no Casamento. Disponível em: <<https://www.guiadecasamento.com.br/planejamento/dicas/humor-no-casamento>> Acesso em: 21 mar. 2023.



Figura 24: Humorismo. “Mulher pendente”

Fonte: O Progresso, 17 de junho de 1951. Arquivo CDR-UFGD. Fac-símile.

Podemos analisar essa piada de duas maneiras. A primeira, é pensando no contexto histórico do filósofo Diógenes²⁵, conhecido por ser um cínico e provocador, que desafiava as convenções sociais e questionava as normas estabelecidas. Na perspectiva cínica, a piada da Figura 20 pode ser interpretada como uma crítica à sociedade e seus comportamentos, sugerindo que todas as pessoas devem enfrentar as consequências de suas ações, independentemente de sua posição social ou gênero. No entanto, ao utilizar a imagem de uma mulher enforcada como exemplo, a piada se torna moral e eticamente problemática. A decisão de *O Progresso* de publicar essa piada mostra a falta de empatia e sensibilidade para com as mulheres. A escolha de utilizar uma narrativa tão violenta e cruel como piada revela uma falta de consideração pelo bem-estar das mulheres. Além disso, a piada desrespeita a dignidade humana e a memória de alguém que morreu, tratando este corpo como um objeto de escárnio.

É crucial levar em consideração que o contexto histórico em que a piada foi publicada não é o mesmo do filósofo Diógenes. O jornal como veículo de comunicação deve ter mais responsabilidade nas escolhas do que vai ser publicado, mesmo em 1950.

4.3 Breves Notas sobre o Casamento

Reconhecendo a complexidade e a profundidade que o assunto casamento carrega

²⁵ Na dissertação “CINISMO: Passado & Presente”, Guimarães discursa sob duas perspectivas, a grega e a moderna. No subcapítulo “2.2 intitulado Diógenes de Sínope: O sátiro capaz de pensar”, o autor discorre sobre a vida, pensamentos e escolhas filosóficas de Diógenes.

como instituição social e recorrência desta temática em textos do jornal, este subcapítulo, Breves notas sobre o casamento, visa aprofundar o entendimento sobre esse fenômeno. O casamento, entrelaçado com tradições, expectativas e transformações sociais, reflete não apenas as mudanças nas relações interpessoais, mas também as evoluções nas estruturas sociais e culturais ao longo do tempo. Assim, dedicamos este espaço para explorar algumas das diversas dimensões que compõem o casamento.

Muitos são os motivos pelos quais pessoas se casam atualmente, seja por questões sentimentais, por exemplo, ou por razões econômicas, religiosas etc. Em um estudo publicado em 2009, as pesquisadoras Eliana Piccoli, Denise Falcke e Adriana Wagner concluíram, tendo entrevistado 197 residentes no Rio Grande do Sul, que os principais motivos que levam ao casamento são relacionados: a) afinidade, b) corresponder às expectativas que os pais atribuem ao ato, c) oficializar uma união perante a sociedade e d) consagrar o amor perante a religião. Apesar de reformulados, os motivos pelos quais as pessoas se casam ainda estão profundamente vinculados à evolução dessa união, afinal tudo que vemos hoje é resultado de algo que já passou.

Parece que a ideia de “amor” não existia dentro do casamento antes do século XVIII. Araújo (2002) afirma que, da Antiguidade à Idade Média, era dever dos pais cuidarem do casamento dos filhos. A prática era um negócio de família, um contrato que garante benefício econômico e social aos envolvidos.

Desde que a Igreja Católica, no século XII, legitimou o casamento como o lugar para o “uso dos prazeres” com o intuito de procriação, houve a perpetuação da crença de que, para um país ser poderoso, era preciso ser populoso (FOUCAULT, 1988), por isso as mulheres que casavam deveriam se sujeitar ao poder masculino e assumir única e exclusivamente o papel de procriadoras e de donas de casa. Inclusive discutir essa prática casamenteira foi uma das principais pautas discutidas no século XVII, na França, pelas consideradas “primeiras feministas” (GARCIA, 2015). As “preciosas”²⁶, mulheres da aristocracia e da alta burguesia, defendiam a igualdade entre os sexos, o direito ao prazer sexual e o acesso à mesma educação oferecida aos homens. Elas questionavam a instituição casamento e os papéis sociais de esposa e mãe impostos às mulheres. Nesta época, tanto o casamento quanto a maternidade

²⁶ Carla Cristina Garcia, em seu livro *Breve História do Feminismo*, no capítulo “A mulher no Antigo Regime - Os salões franceses”, diz que “preciosas” foi o nome dado a um grupo de literatas da segunda metade do século XVII, consideradas as primeiras feministas. O “Preciosismo” foi um fenômeno complexo que se apresentou não somente como uma corrente literária, mas também como um movimento feminino que questionava o papel dos homens e das mulheres na sociedade. As preciosas defendiam a capacidade feminina para o pensamento crítico desde que elas tivessem acesso à educação e à cultura escrita.

eram interpretadas por elas como prisões que impediam as mulheres de evoluir intelectualmente.

A configuração de casamento heterossexual e cisgênero basilar, em relação ao que compreendemos hoje como casamento, surgiu na Inglaterra por volta do século XVIII, com a ascensão do capitalismo. Foi nessa época que pela primeira vez “uma sociedade afirmou que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo” (FOUCAULT, 1988, p.27).

Araújo (2002) explica, em *Amor, casamento e sexualidade*: velhas e novas configurações, que, por conta desse novo pensamento, surgiu o chamado casamento malthusiano, um modelo de união que tinha como pilar a liberdade e companheirismo entre cônjuges; o casamento deveria ser feito como uma escolha racional, em que a condição econômica é central na decisão e idade de se casar. A “propaganda” de amor romântico e liberdade era apenas para justificar a ausência dos filhos, já que, se um casal decide se unir por amor, a escolha do que é mais importante na relação deve ser deles. A realidade era que o discurso de casamento estava ligado aos “objetivos e as urgências, em direção natalista ou antinatalista” (FOUCAULT, 1988, p.28). O pensamento corrente era fazer com que os casais escolhessem se casar apenas depois que estivessem economicamente amadurecidos. Folkis (2009) explica que o casamento malthusiano foi um subproduto que surgiu a partir da sociedade capitalista e que se espalhou por toda Europa e Américas.

No Brasil colonial, segundo Britto (2020), eram reconhecidos pela sociedade portuguesa apenas dois tipos de casamento: os lícitos: a) os realizados por autoridades religiosas católica e b) os que eram feitos com a presença de testemunhas; o ilícito: os de consciência, os casamentos feitos sem testemunhas. Logo após declarada a Independência do Brasil, nosso país passou a reconhecer: a) casamentos celebrados sob os preceitos do Concílio de Trento; b) casamentos realizados pelo Arcebispado da Bahia; e c) Casamentos mistos, realizados entre católicos e não católicos, sem prestígio social. A autora também fala sobre a criação do casamento civil em 1891, momento importante para a época. Considerando o contexto histórico-social em que o casamento se desenvolveu, é possível entender como as relações de poder influenciaram a construção e a perpetuação dessa instituição ao longo dos séculos e como ela impacta nos textos que compõe o jornal *O Progresso*, sejam eles humorísticos ou não. No entanto, é importante lembrar que as mudanças sociais e culturais também influenciam na forma como compreendemos e vivenciamos o casamento hoje em dia.

5 CONSIDERAÇÃO FINAL

Nesta pesquisa, inicialmente contextualizamos o cenário histórico e social dos anos 1950 no Brasil, onde os problemas relacionados ao gênero já eram tensos e permeavam todos os aspectos da vida cotidiana. Essa contextualização foi vital para pensarmos as percepções de masculinidade e feminilidade no jornal *O progresso* da década em análise e como eram moldadas e como influenciaram as representações de gênero da época.

Na segunda etapa, trabalhamos, concomitante às leituras que fazíamos da materialidade jornalística de *O progresso*, algumas obras de Foucault (1996, 2008, 2017), Simone de Beauvoir (1970) e Judith Butler (2018), entre outros, que proporcionaram as lentes teóricas por meio das quais examinamos nossos dados. Esses pensadores nos forneceram ferramentas críticas para decodificar como os discursos sociais e culturais moldam as percepções de gênero, desde as rígidas expectativas de feminilidade da década de 1950 até as noções mais fluidas e performativas de gênero que surgiram nos estudos contemporâneos.

Mobilizamos também Saffioti (2015), para quem o patriarcado, atuando como um sistema social, mantém desigualdades de gênero e promove a violência contra mulheres. Esse entendimento é essencial para examinar as convenções de gênero dos anos 1950 no Brasil, marcadas pela expectativa de que as mulheres fossem dóceis e submissas. Ademais, a obra da autora explora a violência simbólica, mantida por discursos e práticas sociais; o que se alinha com a análise do jornal *O Progresso*, que ecoava e intensificava representações de gênero tradicionais.

Na última parte deste trabalho, realizamos algumas análises discursivas. Através do arcabouço teórico da Análise do Discurso, fomos capazes de perceber as formas de construção discursivas que *O Progresso* reproduzia da mulher. Assim, pudemos confirmar o discurso veiculado pelo jornal, mesmo em uma localidade interiorana, não se distanciou significativamente dos discursos presentes em contextos urbanos mais amplos, já explorados por outros pesquisadores, ou seja: as expectativas em relação à mulher douradense não diferiam substancialmente das imposições sociais em centros urbanos maiores. Em consonância com outros estudos, é perceptível que havia uma expectativa generalizada de que as mulheres demonstrassem comportamentos pautados na docilidade, submissão, na moral e valores tradicionalistas.

Pudemos assim observar, nas análises feitas, a forte influência do patriarcado nos textos que tratam de mulheres. Há, na sociedade da década de 1950, profundamente patriarcal, uma forte presença do masculino ocupando posições de poder e dominância em relação às

mulheres, mesmo quando eram estas as personagens centrais dos enredos. Essa estrutura social se fazia presente em diversos aspectos da vida, incluindo a esfera doméstica, profissional e cultural.

Havia também uma idealização da mulher, sobretudo quando se tratava de casamento. *O Progresso* fazia representar a mulher ideal em suas páginas como alguém cuja principal função era cuidar da casa, do marido e dos filhos. A figura da "dona de casa perfeita" era exaltada, e as mulheres que se dedicavam a outras atividades eram, em muitos casos, desvalorizadas ou até mesmo criticadas.

O moralismo estava presente desde piadas até matérias que tratavam, por exemplo, de concursos de beleza. As mulheres eram incentivadas a serem recatadas, obedientes e submissas aos seus maridos, apesar de potencialmente inteligentes, capazes, qualificadas etc. A sexualidade feminina era vista como algo que precisava ser controlado e reprimido. O discurso preponderante aqui é aquele que, comum na época e talvez ainda hoje, reforçava a ideia de que a mulher encontrava sua verdadeira realização (felicidade, portanto) na vida doméstica. A maternidade era vista como o destino natural das mulheres, e aquelas que não optaram por ter filhos eram, muitas vezes, consideradas incompletas ou frustradas.

Este estudo não se limita a uma análise histórica superficial; ele busca mergulhar nas complexidades e nuances dos discursos de gênero, desentrelaçando as camadas de significado que envolvem a construção da identidade feminina na mídia. Ao examinar o conteúdo do jornal, trabalhamos as diversas maneiras pelas quais as mulheres eram retratadas e discutidas, e como essas representações estavam intrinsecamente ligadas às dinâmicas de poder e às normas sociais da época.

Além de contribuir para um melhor entendimento das representações da mulher nos anos 50, esta pesquisa enriquece as discussões acadêmicas sobre gênero, discurso e poder. Ela se alinha com estudos contemporâneos em análise de discurso e estudos de gênero, trazendo novas perspectivas e entendimentos. Ao contextualizar as representações da mulher dentro das estruturas sociais e culturais da década de 1950, oferece uma compreensão de como o gênero é construído e negociado na mídia.

Importante também é a reflexão sobre as transformações sociais ao longo do tempo. Ao analisar as representações passadas, traçamos um paralelo com as atuais, observando não apenas as mudanças nas representações femininas, mas também as persistências. Esta análise histórica permite uma compreensão rica das lutas contínuas e das conquistas no campo da igualdade de gênero. Dessa forma, esta pesquisa tem o potencial de influenciar não apenas o campo acadêmico, mas também o público mais amplo. Ao lançar luz sobre o papel histórico

das mulheres e discutir seu impacto e relevância, assim, contribuímos para um diálogo social mais informado e sensível à relação gênero, poder e mídia.

Concluimos, por fim, que os padrões de gênero até certo ponto são homogêneos, mesmo estando em diferentes contextos, como o fato de a comunidade douradense, na época, ser pequena. Resta-nos agora amplificar a análise dos dados para, ao “olhar o passado”, apresentarmos uma definição mais próxima da realidade discursiva da Dourados de 1950.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. (1992). Novas democracias e velho progresso. Lua nova: *Revista de Cultura e Política*, (25-26), 97-105. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451992000300011>.
- ALMEIDA, Fialho de. *A Velha*. Ed. Três, São Paulo, 1973.
- ALVAREZ, P. A discursivização da mulher no lar na década de 1950 no periódico *Jornal das Moças. Tabuleiro de Letras*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 40–55, 2018. DOI: 10.35499/tl.v11i2.4116. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/4116>..
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- ARAÚJO, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-83. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>
- ÁVILA, Fernanda G. de O.; POSSENTI, Sírio. Os estereótipos veiculados pelas piadas de Joãozinho. *Língua, Literatura e Ensino*, v. 3, maio 2008, p. 1-15.
- AZEVEDO, Aluísio de. *O Livro de uma Sogra*. Editora Centaur, eBook Kindle, 19 de novembro de 2013.
- BACON, F. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza*. São Paulo: Nova Atlântida/Nova Cultural, 1997.
- BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.). (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 607-639.
- BARROS, Natália Conceição Silva. (2007). *As mulheres na escrita dos homens: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife nos anos vinte*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Editora Difusão Européia dos Livros, 1970.
- BORGES, Tábata Milena Balestro; DETONI, Priscila Pavan. Trajetórias de feminização no trabalho hospitalar. *Cad. Psicol. Soc. Trab.*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 143-157, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172017000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 31 jan. 2024. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v20i2p143-157>.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de

Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRITTO, J. R. U. (2020). *Perspectiva histórica do casamento no Brasil: do casamento canônico ao casamento civil introduzido pelo decreto nº 181 de 24 de janeiro de 1890* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CABRAL, A. P. R. *Do Teatro de Revista ao Burlesque: influências estrangeiras no padrão de beleza na cena brasileira*. 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38899>>.

COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. *Dicionário crítico de gênero*. [s.l.] Portal de Livros Abertos da Editora da UFGD, 2019.

DAVIS, Angela Y. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 2004.

ERNANDES, Mercolis Alexandre. *A construção da identidade douradense: 1920 a 1990*. Dourados: UFGD, 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.

FELTRIN, T.; BATISTA, N. L.; CORREA, G. C.; BECKER, E. L. S. O século XX para o Feminismo no Brasil. RELACult - *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [S. l.], v. 4, 2018. DOI: 10.23899/relacult.v4i0.734. Disponível em: <<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/734>> . Acesso em: 9 fev. 2023.

FERNANDES, C. A.; SÁ, I. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Campinas, SP : Pontes Editores, 2021. Florianópolis, v.6, n.1, p 18-31, jan/abr 1997.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga Almeida Sampaio. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. São Paulo: Paz & Terra, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

GARCIA, C.C. (2015). *Breve história do feminismo*. 3ª edição. São Paulo, SP: Editora Claridade.

GONZALES, Lucie. A representação da mulher contemporânea na publicidade: os jovens ditam as novas tendências. *Revista Observatório*, v. 4, n. 1, p. 544-568, 1 jan. 2018.

HOOKS, BELL. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

LEMOES, Fernanda. "Se Deus é homem, o diabo é [a] mulher!" A influência da religião na construção e manutenção social das representações de gênero. *Revista Ártemis*, v. 6, p. 114-124, jun. 2007

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

LIMA, Marta M. L. As mulheres e o século XX: transformações e conquistas. In: FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (Org.). *Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero*. Salvador: Helvécia, 2005. p. 249-271.

MELO, Iran Ferreira de. *Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e interseções*. Letra Magna - Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, 2009.

MIRANDA, Maria da Graça Gonçalves Paz. *O estatuto da mulher casada em 1962*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MITTANCK, V. A. (2017). *As mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes*. Apresentação de Trabalho/Simpósio no Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, Florianópolis, Anais Eletrônicos. ISSN 2179-510X.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

OLIVEIRA, Amanda da Fonseca de; ROCHA, Everardo. *Do lar ao trabalho: a mulher na representação publicitária (1950/1960)*. DCS – Departamento de Comunicação Social, PUC-Rio de Janeiro, 2015. 14 páginas. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2015/relatorios_pdf/ccs/COM/COM-Amanda%20da%20Fonseca.pdf.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

PINSKY, C. B. (2014). *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Editora Contexto. eBook

Kindle.

POSSENTI, S. (2013). *Machismo, Humor e Leveza: fórmulas e intertexto*. Delta, 29(Special Edition), e202913. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502013000300017>

POSSENTI, Sírio. Limites do Humor. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria*, Santa Maria, n. 26, p. 103-110, jun. 2003. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras

REBELLO, I. S. O texto e suas múltiplas possibilidades de leitura: pressupostos e subentendidos. In: BAALBAKI, A.; CARDOSO, J.; ARANTES, P.; BERNARDO, S. (Orgs.). *Linguagem: teoria, análise e aplicações*, v. 8. Rio de Janeiro: UERJ / Programa de Pós-graduação em Letras, 2015. pp. 249-264.

ROCHA, I. L. A.; FURUTANI, G. de O. O cinema e a representação da mulher feia como bruxa má no imaginário coletivo: Convenção das Bruxas (1990). *Letras & Letras*, [S.l.], v. 36, n. 2, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/download/70990/37307>.

SANTOS, M. *O espaço dividido, os dois circuitos da economia urbana nos países desenvolvidos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1979.

SHAKESPEARE, William. *Cymbeline*. Createspace Independent Publishing Platform, Large Print edição, 21 maio 2016.

SOARES, Ana Carolina E. C. *Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: relações de gênero e história em José de Alencar*. Bauru, SP: Edusc, 2012.

SOUZA, Aécio Thiago Alves de. *Entre céus e infernos: as fronteiras do eterno*. *Revista Eletrônica Trilhas da História*, v. 9, n. 18, p. 232-245, 2020. "A teoria da história e a história da historiografia ante os desafios contemporâneos: saber histórico, comprometimento ético e ativismos políticos

TERÊNCIO. *A Sogra*. Editora UnB, 1994. Rio de Janeiro.

TRINDADE, Camila Padilha. *A mulher e a imprensa no início do século XX: a representação das mulheres na Folha da Noite de 1921 até 1925*. 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.

VANDRESEN, Daniel Salèsio. *O discurso como um elemento de articulação entre a arqueologia e a genealogia de Michel Foucault*. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Toledo, 2008.

VAZ, Leticia Rodrigues; CARDOSO DA SILVA, Keilane Pereira; OLIVEIRA, Daniela Ponciano. A representação da beleza feminina nas mídias sociais: Padrões estéticos e impactos na autoestima. *Revista Amazônia: Science & Health*, [S.l.], v. 10, n. 4, 2022. Disponível em: <http://ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/3991>. Acesso em: 05 jan.2024

YANNOULAS, S. (2011). *Feminização ou feminilização?* Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis*, 2 (22), 271-292. Recuperado de <https://goo.gl/wWZ3VP>

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicol. Rev.* (Belo Horizonte), Belo Horizonte , v. 15, n. 2, p. 56-76, ago. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 mar. 2023

ANEXOS

Quadro de Notícias elaborado pela autora

1951				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
06/05	3 p.2	Vida Policial Seção 'Doméstica'	Notícia Dicas	Quiz matar a tiros a ex noiva- (tentativa de feminicídio)
13/05	4	Homenagem de Dia das Mães	artigo	Definição e características do “ser mãe” - “a Mãe é, por certo, o mais digno e mais puro amor que deve abrigar o coração dos homens”
01/07	11	Dona Betinha Palha Assada Aquarela da vida	Nota de falecimento Piada Artigo	“apesar de mulher” foi uma boa vereadora Piada sobre casamento Um texto que fala sobre honra ao mérito, fazendo menção apenas a homens
28/10	28	Quem não ajuda, não atrapalha	Artigo	Um texto escrito por Glória Ferreira- fundadora do Club social de Dourados. Filha do ex-prefeito João Vicente Ferreira.
04 nov 1951	29	1-Notícias do mundo	1-Notícia	1- Mulheres na argentina votando pela primeira vez
11 nov 1951	30	1- Propaganda p. 2- 2- Myrna	1- Propaganda 2- Conto	1- “Um jornal feito para os lares”- Diário de S.Paulo 2- Um conto sobre uma moça chamada Myrna que já foi garota de programa, mas se ‘recuperou’ ao casar. Ela passou maus bocados com sua ‘sogra’- ‘retaliações próprias de sogra’
25 nov 1951	32	1-Honra ao mérito 2- Propaganda Jornal Diário de S. Paulo	1- um texto de homenagem 2- Propaganda	1-Honra ao mérito a uma mulher chamada Lígia, pelo que dá a entender ela era médica. (Chama a atenção o respeito com o qual ela foi tratada) 2-Propaganda Diário de S. Paulo
16 Dez 1951	34	1- Ensino Primário	1- texto opinativo	1- Fala sobre o mal pagamento dos professores e para exemplificar como o salário está baixo, é feita uma soma dos itens “essenciais” para se trabalhar como professora
23 Dez 1951	35	1- Controle de Trânsito	1- Texto informativo	1- O texto fala sobre a atitude de tornar mão dupla uma das vias principais da cidade devido ao grande número de carros

1952				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
06 jan 1952	37	1- Fecundo para Dourados o ano 1951	1-notícia	1- uma breve retrospectiva sobre as evoluções de Dourados no ano de 1951. Essa notícia pode me ajudar a

				contextualizar 1951, as mudanças da cidade característica dos anos dourados.
13 jan 1952	38	1-Snrta. Yone M. Ferreira 2- No dia 30 do corrente será julgado pelo Tribunal do Juri, o réu Pascoal Cristaldo - Os Jurados	1- anúncio 2- Convocação dos Jurados	1- Anúncio na primeira página que a senhorita Yone está a uns dias na cidade de Dourados e o adjetivo para descreve-la foi “Prendada” (posso usar essa matéria para falar como era pressuposto que as mulheres dessa época fossem) 2- Uma convocação com nomes de homens sorteados para fazer parte de um juri. O que me chamou atenção foi o fato de não ter nenhuma mulher convocada.
20 jan 1952	39	1- Aniversários	1-homenagem aos aniversariantes	1- as mulheres que fizeram aniversário eram distinguidas pelo nome e profissão de seus maridos, mostrando um apagamento de identidade.
27 jan 1952	40	1-Cidade Limpa	1- texto sobre Dourados	1- Um texto escrito pelo Weimar Gonçalves Torres, questionando “quem é a dona de casa que deve limpar a cidade?”
10 fev 1952	42	1- Jolu Roco	Texto de apresentação	Um texto apresentando um novo escritor do jornal que usa pseudônimo de Jolu Roco. Um “escritor” ou uma “escritora”?
17 fev 1952	43	1- Aumente seu conhecimento lendo boas revistas	1- Propaganda	1- Uma propaganda avisando que ‘O Progresso’ vendia revistas como: Cruzeiro, Jornal das Moças
02 mar 1952	45	1- Nota Fúnebre	1-texto de homenagem	1- Um texto sobre um homem dono de um comércio em Dourados (essa publicação me chamou a atenção para trabalhar ela em relação a nota da Dona Betinha)
23 mar 1952	48	1- Conselhos úteis 2- aniversário	1- Dicas de cuidados domésticos e com a aparência 2- Mensagem de felicitação	1- uma seção com dicas de cuidados domésticos e com as mãos após os afazeres domésticos. 2- Sra. Benita, esposa digna de xxxx (a mulher que não é nada além de filha e esposa de alguém)
21 abr 1952 ed.especial	51	1-Casa de alvenaria 2- Senhoras e Senhoritas	1- texto 2- Propaganda de salão	1- Uma matéria sobre uma casa de alvenaria construída em Dourados, achei interessante trazer esse dado para falar sobre a evolução dos anos 50, marcada por construções, vendas de terrenos, compras de carro, propagandas de produtos... 2- Propaganda de salão de beleza
11 mai 1952	54	1- Seção doméstica	1- Receitas	1- Depois de muito tempo, a seção doméstica voltou nesta edição
18 mai	55	1- Rainha do algodão	1- Manchete; Notícia	1- Anúncio da mais nova rainha do algodão, concurso que aconteceu na 1º

1952		2- Waldomiro Marques, venceu a grande corrida	2- Notícia	exposição agrícola da cidade de Dourados 2- Notícia mostrando a colocação dos participantes da corrida. O que me chamou a atenção é que todos eram homens e na mesma edição que temos um “curso de beleza” para as mulheres, para os homens um concurso de corrida de bicicleta, do qual nenhuma mulher participou
25 maio 1952	56	1-Autêntica vitória de Dourados-Os prêmios conferidos- Saldo do concurso da Rainha do algodão - Outras notas	1- Notícia	1- Uma notícia de como foi organizado a 1º Exposição AgroIndustrial de Dourados e como as comissões foram divididas. As mulheres ficaram a cargo de todas as atividades “lúdicas” de “beleza” - Trazer uma referência sobre isso (papéis de gênero)
01 jun 1952	57	1- A imprensa no Interior	1-artigo de opinião	1- Um artigo falando sobre a importância da imprensa no interior e como ela deve ser apoiada pela população
15 jun 1952	59	1- Manchete- Caiu o Divórcio 2- Congresso Eucarístico 3- Procissão de Corpus Christi	1- Notícia 2-Artigo de opinião 3- Notícia	1- uma notícia falando sobre a ementa do divórcio não ter sido aprovada. 2- Um Artigo de opinião falando sobre a importância de um Congresso Eucarístico que acontece na cidade de Cuiabá, que reúne intelectuais e pessoas importantes do catolicismo 3- Uma notícia falando como foi a procissão de Corpus Christ O que me chamou a atenção foi o fato do texto sobre o divórcio dizer que muitos vereadores não votaram a favor do divórcio por medo de ir contra a igreja católica.
29 jun 1952	61	1- A Praça	1- Anúncio Público	1- Anúncio público de algo, geralmente relacionado ao comércio local (1º vez que aparece)
06 jul 1952	62	1- Você sabia	1- curiosidades	1- Curiosidades sobre como “adquirir uma esposa” - “como somos pródigos por este mundo”
20 jul 1952	64	1- Para que tenhamos uma biblioteca	1- pedido público	1- Pedido ao prefeito que seja feita uma biblioteca municipal na cidade
27 jul 1952	65	1- Rainha da Primavera 2- O primeiro Jornal de Dourados	1- Anúncio Rainha da Primavera 2- Pedido	1- Anúncio Rainha da Primavera 2- O primeiro Jornal de Dourados se chamava Jandaia e ele circulou em 1926 e foi fundado pelo Carlos Eduardo Guiseler e pelo Arnulfo Fioravanti
03 ago 1952	66	1- ‘Jornal das Moças’	1- Anúncio	1- Anúncio da Edição Especial do ‘Jornal das Moças’

17 ago 1952	68	1- Em ritmo Acelerado de progresso, Dourados apresenta, dia a dia Construções e mais Construção 2- Concurso Rainha da Primavera- Regulamento 3- Metamorfose	1- Manchete 2- Regulamento 3- Texto	1- Uma manchete falando sobre o progresso de Dourados * Posso usar para exemplificar o crescimento dos anos Dourados 2- Regulamento do concurso de Rainha da Primavera 3- Um texto falando sobre as mudanças da cidade, como ela está passando por metamorfoses
24 ago 1952	69	1- Autorização	1- Autorização Pública	1- Um texto em que o marido autoriza a esposa a trabalhar no comércio local *Retratada na série 'coisa mais linda' e preciso achar uma referência Teórica
07 set 1952	71	1- Rainha da Primavera	1- Notícia	1- "As senhoras e senhoritas estão preparando seus vestidos"
21 set 1952	73	1- Coroada a Rainha	1- Manchete/notícia	1- Apenas a Manchete, sem notícia
28 set 1952	74	1- Baile da Primavera 2- Nilda de Castro	1-Notícia 2- Texto de felicitações	1- Texto falando sobre as roupas das mulheres no baile de primavera, falando sobre a rainha de primavera e agradecendo a idealizadora (que tbm era mulher) 2- "Um exemplo de mulher"-
12 out 1952	76	1- O Homem de amanhã 2- Será eleita, no próximo ano, a Rainha do Café	1- texto 2- Anúncio	1- Um texto que fala da semana da criança, que devemos investir na educação das crianças pq uma nação se faz de "homens fortes" (Excluindo as mulheres) 2-Anúncio da competição para Rainha do Café do ano de 53
19 out 1952	77	1- Telefones para Dourados	1- Manchete	1- Uma manchete avisando que telefones chegarão em Dourados (posso usar como forma de provar que a cidade está crescendo)
26 out 1952	78	1- A família e a Criança	1- artigo	1- Um texto que fala que a família precisa vigiar as crianças para que elas tenham valor e moral- O que me chamou a atenção foi o fato de atribuírem isso ao papel da mãe
02 nov 1952	79	1- A Praça	1- Autorização pública	1- Autorização do marido para que a mulher pudesse trabalhar
07 dez	84	1- Formaturas	1- Registro de formatura	1- Um texto parabenizando 3 mulheres por sua formatura.

1952				
28 dez 1952	87	1- ALMANAQUE D' 'O PENSAMENTO	1- Propaganda	1- Uma propaganda do almanaque que está a venda na redação do 'O Progresso' com assuntos diversos- inclusive domésticos.

1953				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
18 jan 1953	90	1- Concurso para escriturário auxiliar	1- Edital de concurso	1- Não será aceito candidato do sexo feminino
25 jan 1953	91	1- Seção doméstica	1-receitas	1- depois de um bom tempo sem aparecer a seção doméstica volta
01 fev 1953	92	1- Formatura	1- Texto de parabenização	1- Um texto parabenizando uma mulher por ter se formado na escola de medicina, mas no mesmo texto eles trouxeram a informação de que ela é casada e desejaram felicidade nos dois caminhos
08 fev 1953	93	1- Precisa-se	1- Anúncio	1- Um anúncio avisando que precisa-se de empregada doméstica. O que me chama a atenção é que os assuntos domésticos são sempre tratados com as mulheres.
15 fev 1953	94	1- Rainha do carnaval	1- Anúncio	1- Manchete anunciando que terá competição para rainha do carnaval
22 fev 1953	95	1- Foi coroada a rainha do carnaval	1- Notícia	1- Texto falando sobre o sucesso do carnaval e da disputa para rainha do carnaval
08 mar 1953	97	1- Criado uma escola de enfermagem no Hospital Evangélico	1- Anúncio	Uma escola de enfermagem que aceita mulheres de 17 a 30 anos (Profissões de mulher/ profissões de homens- Já que no banco as mulheres douradenses não podiam trabalhar)
22 mar 1953	99	1- O lado bom do casamento x o lado mau	1-texto	1- O lado bom e ruim do casamento na perspectiva do homem
05 abr 1953	101	1-a instalação da Escola de enfermagem « Vital Brasil »	1- Notícia	1- Texto noticiando como foi a inauguração da escola de enfermagem no hospital evangélico- O que me chamou a atenção foi a numerosa presença de mulheres
21 abr 1953	103	1- Residências Douradenses 2- Clube social Dourados 3- Eleita a rainha da Colonia	1- notícia 2-notícia 3- Notícia/dicas	1- 4 imagens e um pequeno texto sobre as residências que estavam sendo construídas em dourados- Posso usar para exemplificar o crescimento dos "anos dourados" 2- Imagem do clube social de dourados com pequeno texto falando sobre ele 3- Mía um texto anunciando uma rainha de algum

		Municipal/ Seção doméstica		concurso, mas o que me chamou a atenção foi a disposição da notícia com a “seção doméstica” como se “essa parte está destinada a assuntos femininos”
10 maio 1953	106	1- Dia das Mães	1- Texto	1- Texto homenageando a mãe (Ideal de mãe)
17 maio 1953	107	1- Rainha do algodão	1- Manchete notícia	1- Um texto falando sobre a expectativa de conhecer a Rainha do algodão de 1953
24 maio 1953	108	1- Eleita e coroada a rainha do algodão	1- manchete	1- texto falando sobre a eleição da rainha do algodão na 2ª exposição Agro industrial
14 jun 1953	111	1- A Praça 2- Seção doméstica 3- A Praça 4- Nova Investida em favor do divórcio	1- Autorização Marital 2- Receitas 3- Autorização marital 4-notícia	1- Autorização pública para mulher trabalhar 2- Receitas 3-Autorização pública para mulher trabalhar 4- Uma notícia sobre a tentativa de ter divórcio no Brasil. Essa medida já tinha sido feita no ano anterior mas caiu por ir contra os preceitos católicos e agora por se tratar de anulação talvez seja mais difícil de impedir.
28 jun 1953	113	1-Coisas Impossíveis	1- Artigo de opinião	1- Um artigo de opinião que fala sobre 3 projetos que deveriam ser impraticáveis: divórcio, parlamentarismo e pena de morte. Aqui o que nos interessa será apenas o trecho que fala do divórcio, já que o mesmo trata do divórcio algo feito para os homens e as mulheres são comparadas a produtos como “carros”.
26 jul 1953	117	1- Jornal das moças	1- Propaganda	1- com as mais interessantes modas do momento
16 ago 1953	120	1- Seção doméstica	1-receitas	1- receitas da seção doméstica
20 set 1953	125	1- Rainha da Primavera	1- Notícia	1- Esse ano a CAND vai ter uma candidata de lá.
27 set 1953	126	1- Coroada a rainha da primavera	1- Notícia	1- foi coroada ontem, num grandioso baile, realizado no salão daquele clube, a Rainha da Primavera de 1953.
04 out 1953	127	1- Seção doméstica	1- receitas	1-receitas
20 Dez 1953	138	1- Aparelhos Arno	1- Propaganda	1- Propaganda de aparelhos domésticos para donas de casa

1954				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
07 Fev	145	1-Olhar de minha mãe	1- Poema	1- Um poema escrito por um homem sobre o que é ser mãe
14 fev	146	1-Minha mãe	1- Poema	1- Um poema escrito por um homem sobre o que é ser mãe
14 mar	150	1-EXIGE O CASAMENTO A história de um rapaz que foi seduzido por bela morena	1- Notícia	1- Uma notícia de um rapaz que foi seduzido por uma professora de 24 anos e a notícia é dada com muita ironia (posso trazer a questão do machismo e de como quando um homem é abusado é visto como “sorte”)
02 mai	157	1- Festa das mães	1- convite	1- Dia das mães (não pode levar criança de colo)
09 mai	158	1- Retrato de Mãe	1- Texto	1- Texto escrito por um padre, traduzido e publicado (imagem do que é ser mãe)
23 mai	160	1-Seção doméstica	1- receitas	1- “Aproveite as sobras” ensinando as mulheres a reaproveitarem a comida, já que as mesmas são responsáveis pela economia em um lar
30 mai	161	1-Festa das Mães	1- Notícia	1- Matéria contando como foi a festa das mães realizada no ginásio escolar.

06 jun	162	1-Seção doméstica	1-receitas	1-Algumas receitas
08 ago	171	1- Miss Universo	1- Notícia	1- Um pequena notícia sobre a Brasileira que participará do miss universo
15 ago	172	1- Coluna religiosa -Exame prático as mães-	1- texto	1-Como ser uma boa mãe seguindo os preceitos católicos
05 set	175	1- Para vereadora- Glória Ferreira	1- Propaganda	1- Uma candidata em meio a tantos candidatos homens.
10 out	177	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
17 out	178	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
24 out	179	1- Noticiário católico	1- Notícia	1- Divórcio, um texto falando do mal que o divórcio representa.
31 out	180	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
14 nov	182	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
05 dez	185	1-Encerramento, das aulas do Patronato de Menores	1-notícia	1- Uma notícia dos alunos que receberam o 4º ano e das meninas que formaram na escola de costura

1955				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
02 jan	189	1-Rainha do Carnaval 2-Regulamento do concurso de carnaval	1- Notícia 2- regulamento	1- Concurso de rainha do carnaval 1955 2-Regras para participar do concurso de rainha do carnaval (regras feitas por homens)
09 jan	190	1-Grande baile com desfile de modelos no Clube Social de Dourados	1- Notícia	1- Uma notícia que terá um desfile de senhoras e Senhoritas no Clube Social de Dourados
30 jan	193	1- Amplo sucesso do desfile de modelos realizado ontem no Clube Social	1- Notícia	1- O que me chamou a atenção é que não tinha nenhuma senhora, apenas senhoritas, apontando que todas as participantes eram solteiras.
27 fev	197	1- Eleita a rainha do carnaval	1- Notícia	1- Notícia de quem foi a moça eleita para rainha do carnaval
10 jul	215	1-Reina grande expectativa em torno do desfile de modelos a realizar-se no próximo sábado no Clube Social Dourados 2- Rainha do Ginásio	1-Notícia 2- Anúncio da competição de rainha do ginásio	1- Desfile de moda 2- Desde cedo as mulheres eram incentivadas a competirem em concursos de beleza
17 jul	216	1- Miss Brasil	1- Notícia	1- Notícia sobre a Miss Brasil que vai competir nos E.U.A
09 out	227	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
30 out	230	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
06 nov	231	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
13 nov	232	1-MISS DOURADOS!	1- Notícia	1- Concurso para escolher a Miss Dourados que disputou a Miss MT

1956				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
25 mar	249	Miss bondade	artigo	o que é ser miss segundo as escrituras
15 abr	251	O que é afinal o casamento	lista	Uma lista do que é certo e errado em um casamento
13 mai	255	1- Mensagem as mães 2- Mãe...	1- Artigo 2-Artigo	O que é ser mãe/como é uma mãe
24 jun	261	1- Miss Brasil-Gaucha	1- Notícia	1- Notícia falando quem é a miss Brasil

01 jul	262	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
08 jul	263	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
05 ago	267	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas
12 agr	268	1- Rainha da primavera	1- Notícia	1- concurso rainha da primavera

1957				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
07 abr	297	1- Seção doméstica	1-receitas	1-Receitas

1958				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
16 mar	337	Coluna religiosa	1-artigo	1- Divórcio e a mulher. Falando sobre como o divorcio é ruim para as mulheres
11 mai	344	1-Ala feminina 2- Galeria dos candidatos à vereador	1- convite 2- Artigo	1- Um convite para as mulheres fazerem parte de um partido político 2- única mulher candidata

1959				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
06 dez	416	As mulheres gostam de política	Propaganda	Propaganda dizendo que as mulheres não gostam apenas de assuntos leve, mas de política tbm

1960				
Data	Nº	título/seção	gênero	Breve descrição
22 mai	433	Eleição Miss Dourados	Notícia/manchete	No dia 28 do corrente o salão do Clube Social Dourados viverá um dos seus grandes acontecimentos com o esperado desfile das moças de nossa sociedade, em disputa ao título de Miss Dourados.
05 jun	435	Miss MT de Dourados Medidas da Miss MT	Notícia/Manchete	Notícia sobre a vitória de alaba Terezinha

19 jun	436	Alba Terezinha honrou o nome de mato Grosso e de Dourados no grande desfile para escolha de Miss Brasil	notícia	“Respondendo a uma das perguntas que lhe foram feitas Alba Teresinha declarou que após o seu reinado de um ano, como Miss Mato Grosso, pretende, como toda mulher, escolher um marido, casar-se e ser dona de um lar feliz.”
07 ago	438	Os Mal casados Os dez mandamentos do casal perfeito	Crônica mandamentos	1– Um crônica tratando uma mulher como louca ciumenta 2– 10 mandamentos do marido e 10 da esposa

Quadro de piadas elaborado pela autora

1951			
Data	Página	Quantidade de Piadas	Assuntos
24 jun 1951	3-4	1	1- Casamento (comida mal preparada pela esposa)
01 jul 1951	2-4	3	1- Casamento e trabalho (responsáveis apenas por desgraças que acontecem no trabalho) 2- cotidiano (se bebo café ã durmo, se durmo não bebo café) 3- Educação
08 jul 1951	3-4	3	1- Economia 2- Trânsito 3- Resposta inesperada (Mulher que acha que homem estava com boas intenções)
15 jul 1951	5-6	3	1- Sogra/ casamento/morte 2- cotidiano/confusão (Trem que ia partir as 5) 3- cotidiano/confusão (parentes próximos)
22 jul 1951	5-6	3	1- Cotidiano/ confusão 2- Criança ‘Joãozinho’/cotidiano/confusão 3- morte/traição conjugal
29 jul 1951	2-6	3	1-casamento/ profissões desvalorizadas/ 2- Criança ‘Joãozinho’ / educação / confusão 3- ‘contas’/ cotidiano/confusão/malandragem
05 ago 1951	5-6	3	1- Mulher/ ‘burra’/ futilidade 2- Criança/ cotidiano 3- Criança/educação/confusão
12 ago 1951	4-4	3	1- Mulher/ fora- romântico/(para beijar um jovem somente usando cloriforme) 2- Sogra

			3-Criança/ educação/ confusão
19 ago 1951	2-6	3	1- cotidiano/confusão ('presente da esposa') 2- viuvez/ confusão/ cotidiano 3- confusão/saúde
26 ago 1951	4-4	4	1- Confusão/ cotidiano 2- Casamento/ saúde 3- Cotidiano/ avareza/ confusão 4- Cotidiano/confusão (pessoas em paris)
02 set 1951	3-4	5	1- Família/cotidiano/confusão 2- Criança/ cotidiano/confusão 3- Saúde/ cotidiano/confusão 4- Casamento/ amor 5- Criança/ educação (piada incompleta)
09 set 1951	3-4	3	1- 'Português'/ Portugueses/ 'burro' 2- Saúde/confusão/criança 3- Cotidiano/ trocadilho/ saúde 4- Casamento/esposa 'feia'
16 set 1951	3-4	4	1- Cotidiano/confusão (vendedores de leite) 2- Divórcio/ Interesse 3- 'portugues'/confusão/ 'burro' 4- Romance/ confusão/cotidiano
23 set 1951	3-4	3	1- Saúde/confusão/loucura 2- Cotidiano/ confusão/ empréstimo de dinheiro 3- Saúde/ Pobreza
30 set 1951	2-4	5	1- Casamento 2- Confusão/divórcio 3- Confusão/cotidiano/roubo 4- Saúde/confusão/ médico ruim 5- Embriaguez/ Alcoólatra
07 out 1951	3-4	3	1- Confusão/cotidiano/final inesperado 2- Confusão (li em um dicionário que a cada 3 crianças a 4ª é chinesa)/final inesperado 3- Casamento/sogra
14 out 1951	2-4	3	1- Confusão/ cotidiano/final inesperado 2- Educação/ confusão/final inesperado 3- Confusão/compras/final inesperado
21 out 1951	4-6	4	1- Falta de higiene/ confusão/cotidiano 2- Saúde/confusão 3- Confusão(resposta inesperada)/ final inesperado 4- Casamento/Futebol
28 out 1951	2-4	4	1-Cotidiano/confusão (mendigo que era 'cego') 2- Trocadilho/confusão/cotidiano/final inesperado (extraordinário) 3- Cotidiano/confusão/final inesperado 4- Trocadilho/ cotidiano/ confusão/ final inesperado (réu e Juiz)
04 nov 1951	2-4	4	1- Confusão/trocadilho/Falta de inteligência 2- Educação/Criança 3- Trocadilho/saúde/confusão 4-Educação/criança/confusão

11 nov 1951	2-4	3	1- “Espertalhão”/ confusão/ pegadinha 2- Confusão/final inesperado/ 3- Casamento/embriaguez (comissário de polícia)
18 nov 1951	2-4	4	1- Resposta inesperada/casamento 2- Resposta inesperada/educação 3- Mulher fofqueira/criança 4-Resposta inesperada/cotidiano
25 nov 1951	3-4	4	1- Resposta inesperada/piada sobre a troca da moeda de réis para cruzeiro 2- Resposta inesperada 3- Beleza feminina/ resposta inesperada 4-Idade feminina/ resposta inesperada
02 Dez 1951	2-4	2	1-Resposta inesperada 2-Resposta inesperada/final inesperado
16 Dez 1951	3-6	4	1- Final inesperado/casamento (piada sobre marido) 2-Final inesperado 3- Embriaguez/resposta inesperada 4-Final inesperado
23 Dez 1951	3-4	6	1-Educação/resposta inesperada 2-Resposta inesperada 3- Criança/final inesperado 4- Mulher fofqueira - (os homens preferem as mulheres conversadeiras ou as outras? Que outras?) 5- Casamento/ mulher briguenta/casal que briga 6- Mulher interesseira/
30 Dez 1951	2-4	3	1- Resposta inesperada/serviço doméstico 2- Criança/maternidade/final inesperado (posso usar essa piada para falar que quando se trata de cuidar dos filhos tudo recai para as mulheres, inclusive nas piadas) 3-Final Inesperado
TOTAL : 107 -			

17 sobre casamento
08 sobre mulher
02 Sobre sogra

1952			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
06 jan 1952	2-4	3	1-Piada sobre a aparência das mulheres modernas (Posso falar sobre a dificuldade de aceitar mulheres a frente de seu tempo) 2-Final inesperado (condenado a espera da morte) 3-Final inesperado (pobreza)
13 jan 1952	2-4	4	1- Casamento/violência 2-Educação/criança/resposta inesperada 3- Criança/final inesperado 4-Criança/violência como forma de educar/ final inesperado
20	2-4	4	1- Final inesperado

jan 1952			2- Resposta inesperada (casamento/ se livrar da mulher) 3- Criança/traição/casamento 4-Aparência do homem/ resposta inesperada/cotidiano
27 jan 1952	3-4	6	1- Casamento/ mulher interesseira 2- Criança/menina pouco inteligente/ final inesperado* 3- Resposta inesperada/saúde/ cotidiano 4- Mulher fofoqueira/criança/resposta inesperada (língua materna) 5- Final inesperado/saúde 6-Cotidiano/final inesperado
03 fev 1952	2-4	2	1- Resposta inesperada/cotidiano/ religião 2- Criança/final inesperado
10 fev 1952	2-4	5	1- Resposta inesperada/ namoro 2- Resposta inesperada/cotidiano/casamento/família 3-Resposta inesperada/trocadilho/empréstimo 4-Resposta inesperada/honestidade 5-Resposta inesperada/ Criança e pai
17 fev 1952	3-4	5	1-Jogo de palavras/ vícios “perdi de morte e perdi de perder no jogo” 2-Resposta inesperada/ Gasto excessivo por causa do Carnaval/jogo de palavras “Retiro-espiritual e ritiro de dinheiro do banco” 3- Resposta inesperada/vizinho/música 4-Resposta inesperada/ piada sobre cigarro/vício 5-Final inesperado/ estereótipo de caipira
24 fev 1952	2-4	4	1- Saúde/final inesperado 2-Mulher que demora para se arrumar/marido e mulher 3- Dívidas/morte/final inesperado 4-Criança/morte do vovô
02 mar 1952	2-4 e 4-4	3 e 2	1- Educação/duplo sentido 2-Final inesperado/ inexperiência (presidente) 3-Resposta inesperada/cotidiano/atraso de serviço 4- Saúde/ mulher gorda/ mulher “burra” 5- Final inesperado/trocadilho com palavras/ rico novo
09 mar 1952	3-4	4	1-Casamento (um verdadeiro inferno) * 2- Resposta inesperada/relação patroa e empregada/ cotidiano 3- Criança/educação/resposta inesperada 4- Casamento/violência contra mulher *
16 mar 1952	2-4	4	1- Casamento/resposta inesperada 2- Cotidiano/ final inesperado (jejum) 3- Briga de casal (as vezes ele volta para me pedir desculpas) 4- Morte/ trocadilho de palavras/final inesperado
23 mar 1952	2-4	4	1- Mulher ciumenta/final inesperado (*Mulher loira) 2-Casamento 3- Criança/mulher gorda 4-Embriaguez/vício/final inesperado
06 abr 1952	2-4	3	1-Criança/educação 2-Casamento 3-Final inesperado/morte
21 abr	3-8	6	1- Final inesperado/ poesia 2- Resposta Inesperada/ cotidiano/ restaurante

1952			3- Final inesperado/ cantar 4- Final inesperado/ cotidiano 5- Criança/ resposta inesperada 6- Resposta inesperada/ Serviço doméstico
27 abr 1952	3-4	7	1- Criança e pai- piada sobre rádio 2- Velhice 3- Casamento/ dotes culinários da mulher 4- Empréstimo de dinheiro 5- Roubo 6- Final inesperado/ cotidiano 7- Relação patrão funcionário
04 mai 1952	2-4	5	1- Criança; Educação 2- Mulher “lenta”; resposta inesperada 3- Cotidiano/resposta inesperada 4- Empréstimo de dinheiro/ resposta inesperada 5- Restaurante/resposta inesperada
25 maio 1952	2-4	5	1- Casamento * (piada analisada) 2- Morte 3- Mulher ‘responsável pelo pecado’ - Analisar essa piada 4- Trabalho / resposta inesperada 5- Saúde/resposta inesperada
01 jun 1952	3-4	5	1- Mulher mal-educada/ resposta inesperada 2- Trabalho/resposta inesperada 3- Cotidiano/ resposta inesperada (cachorro que ã dormiu) 4- Resposta inesperada/ violência 5- Saúde/resposta inesperada
08 jun 1952	3-4	4	1- Trabalho/cotidiano 2-Casamento 3- Cotidiano/resposta inesperada 4- Embriaguez/alcoolismo
15 jun 1952	2-4	3	1- Cotidiano;atendimento;comida;final inesperado 2- Cotidiano; “passar para trás” 3- Jogo de palavras; final inesperado; cotidiano
22 jun 1952	2-4	3	1- Mulher maligna* Piada analisada (mãe eva) 2- Morte/dinheiro 3- Mulher fútil/gastadeira (Conta do modista)
29 jun 1952	2-4	5	1- Criança/educação 2- Embriaguez, alcoolismo 3- Mulher que não sabe dirigir * 4- Empréstimo de dinheiro/dívida 5- Criança/educação/final inesperado
13 jul 1952	2-4	5	1- Saúde/alcoolismo/embriaguez 2- Casamento* 3- Criança/educação/resposta inesperada 4- Arte 5- Trabalho
20 jul	2-4	5	1- Crime/julgamento/autodefesa 2- Homem “garanhão”/ relacionamento* (Adão)

1952			3- Acidente/ resposta inesperada/ 4- Jogo de palavras/cotidiano/confusão 5- Criança/ Educação/ “vesgo”
27 jul 1952	2-4	5	1- Sogra 2- Saúde 3- Traição conjugal 4- Trabalho 5- Jogo de palavras (civil,militar)
03 ago 1952	4-4	3	1- Vício 2- Criança/ banho 3- Saúde
31 ago 1952	3-4	6	1-Economia/Saúde 2-Trabalho/resposta inesperada 3- Trabalho 4- Roubo/crime 5- Mentiroso 6- Criança/Educação
07 set 1952	2-4	5	1- Mulher “briguenta” 2- Mulher consumista 3- Sogra 4- Resposta inesperada/fofoca 5- Final inesperado/relacionamento
28 set 1952	3-4	5	1- Sogra * (perspectiva feminina) 2- Beleza 3- Crime 4-Saúde 5- Saúde
12 out 1952	4-4	1	1- Criança/educação
26 out 1952	6-6	4	1- Morte/ final inesperado 2- Saúde/final inesperado 3- Trânsito 4- Trabalho/final inesperado
02 nov 1952	3-4	3	1- Esposa com falta de roupa (analisar essa piada , já que o homem só podia estar interessado nesse assunto por ser desenhista) 2- Cotidiano/resposta inesperada 3- Trabalho
23 Nov 1952	3-6	5	1- Criança/Educação 2- Resposta inesperada/ respeito aos mais velhos 3-Educação/resposta inesperada 4- Criança/banho/higiene 5- Empréstimo/pagamento de dívidas
30 Nov 1952	2-4	1	1- Serviço ruim de restaurante/ restaurante ruim
14 dez 1952	5-6	3	1- Divórcio 2- Trabalho 3- Vizinho enxerido

21 dez 1952	2-4	3	1- Embriaguez/alcoolismo 2- Criança/religião 3- Trabalho
TOTAL: 150			

1952			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
04 jan 1953	3-4	3	1- Cobrança 2- Criança- Educação 3- Criança/Educação (primeira vitrola- costela de adão)
11 jan 1953	4-6	3	1- Casamento 2- Casamento 3- Vizinho desagradável
25 jan 1953	6-6	3	1- Saúde 2- Casamento 3- Vizinho (cachorro do vizinho)
01 fev 1953	6-6	4	1- Jogo de palavras 2- Religião (testamento) 3- Morte 4- Criança/educação/resposta inesperada
08 fev 1953	6-6	3	1- Marido incomodado com a roupa da esposa 2- Saúde 3- Empréstimo de dinheiro ao amigo
01 mar 1953	3-4	3	1- Empréstimo de dinheiro ao amigo 2- Criança/educação 3- Trabalho
08 mar 1953	2-6	3	1-casamento/ quem manda 2- Sogra 3- Serviço militar
15 mar 1953	2-2	6	1- Frio 2- Final inesperado/bilhete de amor 3- Quantidade de filhos 4- Mulher viúva * 5- Resposta inesperada/circo 6- Idade
29 mar 1953	2-4	3	1- Embriaguez/alcoolismo 2-Criança/ irmãozinho 3- Criança/resposta inesperada
05 abr 1953	4-4	3	1- Criança/tia gorda 2- Final inesperado/ apartamento novo 3- Criança/- nome do cachorro-
26 abr 1953	4-4	3	1- Criança/educação 2- Noivado 3- Mulher que fala de mais
03	6-6	1	E esta? (nome da seção)

maio 1953			1- trabalho
10 maio 1953	6-6	2	1- “Impossível” - Calvície 2- “Aperitivo”- Comida ruim
17 maio 1953	2-6 3-6 6-6	7	1- “Na delegacia”- Embriaguez/alcoolismo Palha Assada 2- Sogra 3- Mulher fútil * (piada analisada) 4-Criança/educação 5- Esposa ranzinza 1- Braço de borracha 2- Trabalho
24 maio 1953	3-4	3	1- Sogra 2- Mulher fofoqueira 3- Trabalho
07 jun 1953	4-7	2	1- Amizade falsa 2- Falta de dinheiro
14 jun 1953	3-6 5-6	5	1- Cantora ruim 2-Saúde 3- Empréstimo 4- Criança/nascimento 5-Casamento (homem burro é que se casa)
21 jun 1953	3-4	4	1- Aparência 2-Criança/educação 3-Mulher muda é qualidade 4- Morte
28 jun 1953	3-4	4	1- Criança/profissão do pai 2- Sogra/casamento 3- Morte 4- Noivado
05 jul 1953	2-4	4	1- Vício 2- Cantora ruim 3- Morte 4- Trabalho
12 jul 1953	2-4	4	1-casamento 2- Mulher interesseira 3- Amigo falso 4- Morte
19 jul 1953	2-4	4	1- Criança/educação 2-Aparência 3-Casamento 4- Casamento
26 jul 1953	4-4	5	1- Louco 2- Fome 3- Resposta inesperada/ parentes próximos

			4-Criança/educação 5- Réu esperto
02 ago 1953	2-4	4	1- Falta de dinheiro 2- Preço do aluguel 3- Mulher faladeira (costela de adão) 4- Criança/Morte
09 ago 1953	2-4	4	1- Empréstimo de dinheiro 2- Devedor 3- Criança/higiene 4- Sogra
23 ago 1953	3-4	3	1-Saúde 2- Erro gramatical 3- Crime
13 set 1953	6-6	1	1- Preço do ingresso
20 set 1953	3-6	6	1-Mentiroso 2- Casamento 3-Casamento 4-Traição conjugal 5- Criança/dinheiro 6-Criança/Empréstimo de dinheiro
04 out 1953	3-4	3	1- Homem namorador 2-Homem tímido 3- Caça
18 out 1953	2-4	3	1- Saúde 2- Trabalho 3- Saúde
01 nov 1953	5-6	3	1- Embriaguez/alcoolismo 2- Mulher “fútil” (a beira da morte) 3- Aparência
08 nov 1953	2-4	3	1- Publicação no jornal 2- Devedor 3-Casamento
22 nov 1953	5-6	3	1-Educação 2- Quarto sem fechadura 3- Dona de casa mandona
13 Dez 1953	3-4	4	1- Lábia de vendedor 2-Casamento 3- Confusão/jogo de palavras/senhora branca ou preta 4- Mulher solteira
27 Dez 1953	2-6	4	1- Comida ruim/restaurante ruim 2- Casamento 3- Trabalho 4- Mulher “oferecida”
TOTAL: 123			

1954			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
03 jan	3-4	3	1-Criança/comportamento 2-Despesas de casa 3- casamento
17 jan	3-4	2	1-Criança/educação 2-Casamento
24 jan	2-4	3	1- Mulher grávida 2- Patroa exigente 3- Comportamento masculino
31 jan	3-4	3	1- Criança curiosa 2- Dinheiro perdido 3- Comida ruim /restaurante
07 Fev	2-4	5	1- Coisa americana 2- Sogra 3- Embriaguez/alcoolismo 4-casamento 5- Discurso chato
14 fev	3-4	3	1- Casamento 2- Educação 3- Jogo de palavras
21 fev	3-4	3	1- Casamento 2- Criança/comportamento ruim 3- Criança/comportamento ruim
28 fev	3-4	3	1- Comer fígado todo dia/ final inesperado 2-Empréstimo de dinheiro 3- Empréstimo de dinheiro
07 mar	3-4	3	1- Mulher “promíscua” (roupa curta) 2-Vizinho fofoqueiro 3-casamento
14 mar	3-4	3	1- Jogo de palavras (pregões) 2- Peso 3- Casamento
21 mar	3-4	3	1- Embriaguez 2-Sujeito desconfiado 3- O que está mais perto (lua ou europa)
28 mar	2-4	3	1-Mulher gastadeira/consumista 2- Ladrão/crime 3- Aparência
04 abr	2-4	3	1-Crime 2-Aprovação paternal para namorar (Partido bom x ruim) 3- Casamento
11 abr	2-4	3	1- Empréstimo de dinheiro 2-Casamento 3-Casamento

21 abr	3-6	3	1- Português (portugal) 2- Criança/Educação 3-Homem com “visão de futuro”
02 mai	3-4	3	1-Sogra 2-Criança/educação 3-Jogo de palavras/amigo da onça
09 mai	3-5	3	1- Homem que chega de madrugada 2- Sogra 3- Morte
16 mai	2-4	3	1-Animais 2-Trabalho 3- Gastos desnecessários
23 mai	3-4	3	1- Aparência 2-Sogra 3-Casamento
30 mai	2-4	3	1-Casamento 2- Mulher namorada 3-Trabalho
13 jun	2-4	3	1- Saúde 2- Doação 3- Sujeito desconfiado
20 jun	2-4	3	1- Casamento 2- Criança/Casamento * Piada ser analisada 3- ‘Mulher esfarrapada’
27 jun	2-4	3	1-Comunicação entre pai e filho 2- Desgraça 3- Desrespeito a cultura/morte
04 jul	2-4	3	1-Mulher ciumenta 2- Mulher gastadeira 3-Comida ruim
11 jul	2-4	3	1- Marcando o lugar 2-Medo de cobra 3- Motorista ruim
25 jul	2-4	3	1- Fome/pobreza/mendigo 2- Cliente chato. 3- Serviço ruim
01 ago	2-4	3	1- Defesa criminal 2-Criança/educação 3- Avarento
08 ago	3-4	3	1-morte 2- Meu pai é 3- Criança/educação
15 ago	2-4	3	1- Criança/educação 2- Homem rico 3- Aparência

29 ago	2-4	3	1-homem rico 2- Mulher interesseira 3- Mulher promíscua/ mulher que deixou de ser virgem
12 set	3-4	3	1- luta/lutador escocês 2-Torcedor fanático 3- Mulher interesseira
10 out	4-4	3	1- Homem “ocupado” 2-Gago 3- Morte
17 out	4-4	3	1-Jogo de palavras/mulher x galinha 2- Homem rico 3- Homem traído
24 out	2-4	3	1- outros (diferença de um gato e uma escova) 2- Pobreza/falta de dinheiro/falta de comida 3-Sogra/casamento
31 out	2-4	3	1- Louco 2- Saúde 3- Canibalismo
07 nov	3-4	3	1- Trabalho (patroa enjoada) 2-Homem rico 3- Final inesperado/demora para aprender o idioma
14 nov	2-4	3	1- Bebida ruim 2- Viagem do patrão (outros) 3- Família do barulho (outros)
21 nov	2-4	3	1- Pintor 2- Confusão de profissões/ outros 3- Serviço público
28 nov	2-4	3	1-Saúde 2-Casamento 3-Vício
05 dez	2-4	3	1- Lavrador que tenta conduzir jumentos (outros) 2- Luta/lutador escocês 3-Mulher interesseira
12 dez	3-4	3	1- Viajante-esperto (outros) 2- Caxeiro paciente 3-”briga de salões” (outros)
19 dez	2-5	3	1- Bandidos/13 azar (outros) 2- Saqueadores (outros) 3-Família
26 dez	2-4	5	1- Cego 2- Criança/educação 3- Criança/educação 4- Herança 5- Criança/educação
TOTAL: 132			

1955			
02 jan			
09 jan	2-4	3	1-Patroa enjoada/doméstica 2- Doméstica “atrevida” 3- Cozinheira ruim
16 jan	4-4	3	1- Restaurante/comida ruim 2- Analfabeto 3- Crime/roubo
23 jan	2-4	3	1-Criança/educação 2- Divórcio 3- Criança/educação
06 fev	2-4	3	1- Miope 2-Nome do cachorro/final inesperado 3- Burro e cavalo (outros)
20 fev	2-4	3	1- Mulher e o cachorro (outros) 2- Saúde/Anão 3- Mulher invejosa/amiga invejosa
27 fev			
06 mar	2-4	3	1- Mulher idosa/Idade para as mulheres 2- Criminoso/crime 3- Patroa e Empregada
08 maio	2-4	3	1-homem rico 2-Peça de teatro 3- Homem confuso (confundiu pessoas/outros)
03 jul	2-4	3	1- Aparência 2- Flerte * 3- Mentira de pescador
10 jul	3-6	3	1- Miope 2- Fotografia 3- Casamento
09 out	3-4	8	1- Homem ‘valente’/brigão 2- Patrão e empregada/resposta inesperada 3- Criança/profissão do pai 4- Homem assediador 5- Casamento 6- Casamento 7- Mulher interesseira 8- Cachorro deficiente
30 out	2-4	4	1- Inglês covarde 2- Pagamento/morte/amor de casal 3- Criança/religião 4- Futebol
06 nov	2-4	4	1- Jogo de palavras/burro 2- Traição conjugal

			3- Mulher mandona- quem manda é o marido*/homem lavando louça é algo atípico 4- Trabalho militar
18 dez	2-4	3	1- Casamento 2- Mulher “burra”/lenta 3- Comida Ruim
TOTAL: 41			

1956			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
01 jan	4-4	2	1-Criança/educação
08 jan	4-4	4	1- Mulher que briga/sogra 2- Trabalho 3-Noivado desfeito/ venda do anel 4- Alcoolismo/embriaguez
03 jun	2-4	3	1-Comida ruim/restaurante ruim 2- Criança/educação 3- Homem comilão
17 jun	3-4	5	1- Chá/ não gosta de chá 2- Preconceito com nordestino/linguajar pitoresco 3- Saúde cara 4- Patrão e criado 5- Vizinho barulhento
24 jun	3-4	3	1- Embriaguez/alcoolismo 2-Casamento 3- Espertinho/pagamento
01 jul	2-4	4	1-futebol 2-Divórcio 3- Sogra 4- Casamento
08 jul	2-4	3	1-Criança/nascimento de outra irmã 2-Mulher ciumenta 3- Casamento * (casado com uma mulher-relações de gênero)
05 ago	2-4	2	1-Trabalho/atendimento/cliente chato 2- Professor esperto
TOTAL: 26			

1957			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
NÃO HOVERAM PIADAS			

1958			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
02 mar	3-4	2	1- Patrão chato/patrão x empregado 2-Criança/educação
09 mar	3-4	2	1-Cliente x atendente 2- Criança/idade
16 mar	3-4	3	1- Criança chinesa 2- Comida ruim/restaurante ruim 3- Traição conjugal/ patroa e empregada
30 mar	4-4	2	1- Criminoso esperto 2- Casamento
20 abr	3-4	3	1-Criança/educação 2- Casamento 3- Empregado x patrão
27 abr	2-4	4	1- Direita e esquerda/cor do sapato 2- Filho e pai 3- Patrão e empregado/ Patrão chato 4- Saúde
04 mai	3-4	3	1- Amigo fura olho 2-Mentiroso 3- Crime
11 mai	3-4	2	1- Criança/educação 2- Patrão x empregado
25 maio	3-4	4	1- Esposa que toca mal 2- Transporte 3- Criança/ mulher interesseira 4- Mulher gastadeira
1 jun	3-4	4	1-Saúde 2-Saúde 3- Jogo de sentido (ouvido só fazer cera) 4- Criança/educação
15 jun	3-4	4	1- Embriaguez/alcoolismo 2- Mulher consumista * 3- Homem rico 4- Morte * (mulher como produto)
22 jun	4-4	4	1-Casamento 2- Crime 3- Dívidas 4- Crime
29 jun	2-4	4	1- Criança esperta 2- Ignorância cultural 3- Mulher consumista 4- Futebol
06 jul	2-4	5	1- Presidiário pai 2- Trocadilho de sentido (rio x leito x estudante x ficar dormindo)

			3- Divórcio 4-Sogra 5- Noivo “esperto”
13 jul	2-4	4	1–Alcoolismo 2- Mulher interesseira 3-Criança/educação 4- Casamento * (mulher passou dos 30, perdão paterno)
24 ago	2-4	3	1- Duelo de cavalheiros 2- Saúde 3–Saúde
14 set	4-4	4	1-Manter a ordem 2– Homem conservador 3- Ignorância 4– Ódio
07 dez	4-4	2	1– homem medroso 2- Mulher faladeira
Total:63			

1959			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
08 fev	3-4	3	1- Patroa x empregada 2- Criança/comportamento 3- Crime
15 fev	3-4	4	1- Trânsito 2- “Espertinho” 3– Crime 4– Comida ruim/ restaurante ruim
Total: 7			

1960			
Data	Página	Quantidade de piadas	Assuntos
17 jan 1960	4-4	5	1 - Desconfiança da mãe em casal de namorados/sogra 2 - Piada com música 3 - Doutor que não pagou o aluguel ; resposta inesperada/ Dívida 4 - Piada com portugueses 5 - Rapaz pedindo aumento por ter trigêmeos ; resposta inesperada/ Trabalho
31 jan 1960	3-4	4	1 - Mulher Vulgar 2 - Jogo de palavras 3 - trabalho 4 - ‘Não vote em branco’ (os candidatos eram brancos por isso o rapaz não votou) 5 - Casamento
07	2-4	5	1- Embriaguez/alcoolismo

fev			2- Ingleses 3- Criança/educação 4- enganação 5- Transporte/ -Burro-
Total: 14			

Total: **663** piadas de 51 a 60